

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SILVIA GERUZA FERNANDES RODRIGUES

**PUREZA E MORALIDADE EVANGÉLICA: UM
ESTUDO DO DISCURSO EVANGÉLICO BRASILEIRO
SOBRE A SEXUALIDADE**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2011

SILVIA GERUZA FERNANDES RODRIGUES

**PUREZA E MORALIDADE EVANGÉLICA: UM
ESTUDO DO DISCURSO EVANGÉLICO BRASILEIRO
SOBRE A SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: **Prof. Dr. Jung Mo Sung**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

241.66

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes

Pureza e Moralidade evangélica: Um estudo do Discurso Evangélico Brasileiro sobre a Sexualidade. São Paulo: UMESP - Faculdade de Humanidades e Direito - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2011, 161 pgs.

Dissertação de Mestrado - Orientador: Prof. Dr. Jung Mo Sung

1. Sexualidade - 2. Sexo – 3. Puritanismo - 4. Moral Cristã.

A dissertação de mestrado sob o título “**Pureza e moralidade evangélica: Um estudo do discurso evangélico brasileiro sobre a sexualidade.**”, elaborada por **Silvia Geruza Fernandes Rodrigues** foi apresentada e aprovada em 02 de setembro de 2011, perante banca examinadora composta pelos professores Doutores, **Jung Mo Sung** (Presidente/UMESP), **Zenon Lotufo Junior** (Titular-FTB-Perdizes), **Geoval Jacinto da Silva** (Titular/UMESP).

Prof. Dr. Jung Mo Sung

Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Área de Concentração: **Práxis Religiosa e Sociedade**

Linha de Pesquisa: **Interfaces da Práxis Religiosa com a Filosofia e a Ciências Humanas**

*À minha filha Cynthia, que ousou alçar voo livre e pensar fora da caixa.
Ao meu neto Felipe Naran, um raio de sol que trouxe alegria à minha jornada
nesta vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão maior do meu viver.

Ao meu orientador, prof. Dr. Jung Mo Sung, que pacientemente me guiou e ensinou estruturar meu conhecimento.

Ao meu marido Ricardo, pela compreensão das minhas horas de ausência e pelo seu constante apoio.

Ao meu primeiro orientador Prof. Dr. James Farris que me aceitou e me deu os primeiros passos nesta pesquisa.

À minha insubstituível secretária Ana Paula Valeriano, que tem me ajudado e suportado em todos os meus trabalhos acadêmicos.

Aos meus filhos Carolina, Pedro, netos Gabriela e Felipe e genro Villy Fomin que tem me perdoado pela ausência e ocupação durante toda esta pesquisa.

Ao meu querido amigo Eliel Batista por suas leituras dos meus trabalhos e orientação na organização de pensamentos.

Necessitamos de uma “crítica” dos valores morais e antes de tudo deve discutir-se o “valor destes valores”, e por isso é de toda a necessidade conhecer as condições e o meio ambiente em que nasceram, em que se desenvolveram e deformaram (a moral da consequência, como máscara, como hipocrisia, como enfermidade ou como equívoco, e também a moral como causa, remédio, estimulante, freio ou veneno), um conhecimento de tal espécie nunca teve outro semelhante, nem é possível que não o tenha nunca desejado.

(NIETZSCHE: 2009, p. 28)

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. Pureza e Moralidade Evangélica: Um Estudo do Discurso Evangélico Brasileiro sobre a Sexualidade. São Bernardo do Campo: Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

RESUMO

A presente dissertação pretende analisar os diferentes discursos sobre sexualidade em cinco líderes protestantes brasileiros, para verificar em que bases eles sustentam seus enunciados e normas de comportamento sexual. Através da exposição do histórico do desenvolvimento do cristianismo e sua relação com a sexualidade desde o século II d.C. até os dias atuais a pesquisa procurará entender como os pressupostos dualistas e neoplatônicos permearam o conceito de sexualidade desde os Primeiros Pais da Igreja até os dias atuais. O critério da escolha dos líderes evangélicos foram seus textos escritos. Jaime Kemp, missionário Norte Americano, escritor e palestrante de jovens e casais; Robinson Cavalcanti, Bispo Anglicano e palestrante em congressos nacionais e internacionais; Paulo César e Claudete Brito, pastores de uma influente igreja na cidade do Rio de Janeiro. Carlos Eduardo Calvani, padre Anglicano, escritor e palestrante. Calvani sobressai como uma voz dissonante ao lidar com sexualidade. A pesquisa contrastará as duas cosmovisões da moral sexual cristã: a essencialista e a personalista, dialogando com alguns teólogos católicos da moral com o objetivo de conectar o estudo da sexualidade com psicologia, antropologia e ciências humanas e sociais para que a sexualidade seja percebida na sua dimensão humana e subjetiva.

Palavras Chaves: Sexualidade; Discurso; Moral sexual; Líderes protestantes; Puritanismo.

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. Purity and Evangelical Morality: A Study Case of the Brazilian Evangelical Discourse on Sexuality. São Bernardo do Campo: Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

ABSTRACT

This dissertation intends to analyze different speeches about sexuality in five Brazilian protestant leaders to observe in which basis they sustain their teachings and statements to control and rule the Christians' sexual behavior. Trough the study of the historical and social development of Christianity and its relationship with sexuality since the second century A.D. to the present Day, this research intends to perceive how Hellenic dualism and Neo-Platonism were able to pervade the sexuality concepts from the Early Fathers to the present time. The criteria used to those the protestant leaders were their written texts. Jaime Kemp, North American missionary, writer and speaker to the youth and couples in churches and Congresses; Robinson Cavalcanti, Episcopalian Anglican Bishop, writer and speaker in important national conferences; Paulo César e Claudete Brito, pastors in the city of Rio de Janeiro; Carlos Eduardo Calvani, Anglican priest, conference speaker and a writer. Calvani outstands as a dissonant voice when dealing with the theme of sexuality. This research intends to contrast the two views of the Christian sexual moral: the essentialist and the personalist, while conversing with some catholic moral theologians to interrelate sexuality with psychology, anthropology, Human and Social Sciences so sexuality is perceived in its human and subjective dimension.

Key words: Sexuality; Discourse; Sexual Moral; Protestant leaders; Puritanism. Christian Moral.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Semelhanças e Interseções.....	142
FIGURA 2 – Semelhanças e Interseções.....	143
FIGURA 3 – Semelhanças e Interseções.....	143

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela de Siglas.....	10
----------------------------------	----

TABELA DE SIGLAS

▶ ABU	▶ Aliança Bíblica Universitária;
▶ ABUB	▶ Aliança Bíblica Universitária no Brasil;
▶ APA	▶ Associação Americana de Psiquiatria;
▶ CEBEP	▶ Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais
▶ FMUSP	▶ Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo;
▶ IEAB	▶ Igreja Episcopal Anglicana do Brasil;
▶ IELB	▶ Igreja Evangélica Luterana do Brasil;
▶ IPB	▶ Igreja Presbiteriana do Brasil;
▶ IPI	▶ Igreja Presbiteriana Independente;
▶ IUPERJ	▶ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro;
▶ LOC	▶ Livro de Oração Comum;
▶ MEP	▶ Movimento Evangélico Progressista;
▶ PMDB	▶ Partido do Movimento Democrático Brasileiro;
▶ PT	▶ Partido dos trabalhadores;
▶ SEPAL	▶ Serviço de Evangelização para a América Latina;

▶ STF	▶ Supremo Tribunal Federal;
▶ UFPE	▶ Universidade Federal de Pernambuco;
▶ UNICAP	▶ Universidade Católica de Pernambuco;

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE TABELAS	11
TABELAS DE SIGLAS	12
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: SEXUALIDADE E CRISTIANISMO – UMA BREVE HISTÓRIA ..	22
1.1 INFLUÊNCIAS PESSIMISTAS SOBRE A SEXUALIDADE.....	26
1.2 ESTOICISMO E CRISTIANISMO.....	32
1.3 GNOSTICISMO E CRISTIANISMO.....	38
1.4 AGOSTINHO E O CORPO.....	44
1.5 TOMÁS DE AQUINO E A SEXUALIDADE	48
1.6 A IGREJA PROTESTANTE E A SEXUALIDADE.....	50
CAPÍTULO 2: O DISCURSO E SUAS NUANCES E O DISCURSO	
RELIGIOSO	57
2.1 A ANÁLISE DO PODER – A ELABORAÇÃO DO DISCURSO.....	57
2.2 O DISCURSO E A SUA HERMENÊUTICA.....	61
2.3 DISCURSO RELIGIOSO E O PENSAMENTO COMPLEXO	67
2.4 JAIME KEMP – MISSIONÁRIO NORTE AMERICANO.....	71
2.4.1 Quem Escolher	74

2.4.2 Como Namorar.....	76
2.4.3 Sexo... Por que Esperar até o Casamento?.....	76
2.4.4 Sexo – Somente Para os Casados.....	84
2.5 PAULO CÉSAR E CLAUDETE BRITO.....	87
2.5.1 Práticas Ilícitas Dentro do Casamento.....	91
2.6 ROBINSON CAVALCANTI.....	93
2.6.1 Uma Bênção Chamada Sexo.....	95
2.6.2 Libertação e Sexualidade.....	101
CAPÍTULO 3: SEMELHANÇAS, INTERSECÇÃO E DIFERENÇAS.....	105
3.1 CARLOS EDUARDO CALVANI	110
3.1.2 Cântico dos Cânticos – Notas Erótico – Exegéticas Para Estudo Bíblico em Comunidades Cristãs.....	114
3.1.3 A Criação Geme e a Teologia Ainda Se Arrepia.....	122
3.2 CALVANI E CAVALCANTI: MESMA DENOMINAÇÃO, DIFERENTES COSMOVISÕES	133
3.2.1 Dogmas Autoritários: Tradição Versus Experiência dos Fieis; Utilização de Outros Discursos, De Outras Instituições ou Ciências Sociais.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAI.....	139
REFERÊNCIAS.....	145
OBRAS CONSULTADAS.....	156

INTRODUÇÃO

Proveniente de uma família católica praticante, todos os domingos às seis da manhã, minha mãe e meus cinco irmãos assistíamos à missa em Latim. Frequentei aulas de catecismo preparando-me para a primeira comunhão, com mais ou menos oito anos de idade. O padre da paróquia que eu frequentava, certa vez me prometeu deixar que eu beijasse os cabelos de Santa Teresinha que ele guardava no bolso do seu paletó, se eu pedisse à minha mãe (que era costureira) para não mais fazer vestidos de alça para mim. Sem entender por que meus ombros incomodariam a Deus, mesmo assim obedeci e passei a usar somente vestidos de manga. Confessando aos sábados e comungando todo domingo continuei como católica praticante até os 15 anos de idade. Este e outros incidentes ficariam na memória como ensino da igreja. O erotismo próprio da puberdade e as primeiras percepções da sexualidade chegaram carregadas de culpa: era proibido beijar na boca por ser “pecado”, e se beijasse deveria confessar ao padre.

Somente aos 17 anos ousei beijar na boca de um namorado, após três meses de relacionamento, tamanho o medo de ter que me confessar no sábado e falar para o padre os detalhes do meu “pecado”. Ao confessar e revelar que namorava pela primeira vez, o padre começou a interrogar sobre algumas práticas que eu estaria fazendo com meu namorado. Em minha ingenuidade, nunca ouvira falar e nem sabia que existiam o que ele sugerira que eu poderia estar praticando com meu namorado. Ao relatar para minha mãe o ocorrido, ela me proibiu de voltar àquela igreja, ou qualquer outra.

Dos 17 aos 18 anos de idade confessei-me ateia e avessa a qualquer tipo de ideia sobre Deus ou religião, principalmente os protestantes, pois aprendera que eles rejeitavam Maria, e quem não acreditasse nela pertencia ao Diabo. Na Universidade Federal do Ceará, onde cursei Letras, deparei-me com um grupo de estudantes discutindo sobre Deus no campus. Eles pareceram diferentes e apresentavam um Deus não punitivo (como aquele que eu conhecera no catecismo católico). Senti-me atraída por seus hinos e ao ler o Novo Testamento presenteado por eles, apaixonei-me por um Cristo revolucionário e comecei a frequentar a Igreja Presbiteriana em Fortaleza, mas lá, os mesmos tabus se repetiram. Na reunião de

jovens aprendi que não podia namorar um rapaz de outra religião, chamado de namoro misto. Esta proibição me tirava a paz porque não conseguia me interessar por nenhum rapaz nas reuniões que frequentava.

Não me acomodei às regras da comunidade e noivei um colega, professor universitário, considerado “incrédulo”. Senti-me pressionada pela igreja a acabar o noivado, devido ao texto em que o apóstolo Paulo questiona: “que união teria a luz com as trevas”. Como eu poderia-me “atar a um jugo desigual” com um “filho das trevas”? Insistiam os professores de escola dominical e na reunião de jovens. Anos mais tarde, casei-me com um pastor da Assembleia de Deus. No meio pentecostal, os preconceitos, tabus e pura ignorância quanto à sexualidade me pareceram piores. Ao retornar da lua de mel ouvi o pastor afirmar no culto da sexta-feira (o de doutrina exclusivamente para membros) que lua de mel significava o casal se afastar para “cometer obras da carne”. Confesso que aquela pregação me chocou, pois nunca ouvira isto antes na Igreja Presbiteriana. Na Assembleia de Deus me apresentaram um sistema religioso legalista, do “pode e não pode”, não somente referente às vestimentas, mas ao lazer e, principalmente na área sexual.

Em alguns encontros de casais ouvi preletores condenarem “sexo oral”, “sexo anal” e “obras da carne”. Antes, na igreja Presbiteriana já sabia que era proibido dançar, com o argumento de que a dança possibilitaria a concupiscência, “as obras da carne”. Na Assembleia de Deus veta-se ao fiel de ir ao cinema à praia, praticar esporte, maquiagem, vestir calça comprida, cortar cabelo, pintar as unhas, usar salto muito alto, cintos largos. Tentava-se normatizar e punia as atividades consideradas mundanas. Nos cultos de doutrina (às sextas-feiras), o pastor sacava uma grande lista sobre todos os procedimentos e atitudes proibidas ao cristão. E a sexualidade sempre era apresentada como o maior de todos os perigos.

Presenciei várias “disciplinas” (exposição pública à congregação de pessoas excomungadas). Bastava descobrir que o casal de namorados praticava ato sexual, que a jovem engravidara, que fora ao cinema, que cortara um pedaço da franja do cabelo, que usara brincos, etc. etc., os jovens ou membros em disciplina eram condenados a sentar por três meses no último banco da igreja (de cinco mil membros) e só tomar Santa Ceia depois de perdoados pelo pastor da igreja.

Como casei com um pastor, frequentei seminário. Tornei-me conselheira de casais e jovens. Ao liderar o grupo de jovens e ouvir os dilemas de mulheres casadas, percebi os conflitos e o despreparo de muitos evangélicos em lidar com a

sexualidade. Após graduar em Psicologia e me especializar em terapia de família e casais, na clínica onde atuo desde 2005, tenho constatado o impacto de discursos religiosos sobre a sexualidade em casais e jovens solteiros. Atendi alguns casos de vaginismo (contração involuntária da vagina que impede a penetração e o prazer); casamentos a ponto de se desfazerem por restrições impostas por um dos parceiros, como resultado da culpa gerada pelos tabus desenvolvidos na igreja.

A noção de que o sexo é pecaminoso traz sérios danos emocionais. Comecei a receber no consultório casais evangélicos, em sua maioria, com graves problemas sexuais tais como: disfunção erétil; ejaculação precoce; anorgasmia (impossibilidade de atingir o orgasmo); falta de lubrificação vaginal; medo de ter relações. Vale observar que a maioria destes clientes evangélicos casou virgem. Muitos dos homens mal sabiam onde manipular as esposas, e outros sequer penetrar.

Um casal de 31 anos, virgens ao se casarem, procurou-me porque depois de um ano e meio de casados ainda não conseguira completar a relação sexual. A jovem entrara em depressão e o jovem não conseguia se compenetrar no trabalho, arriscando a perder seu emprego. Depois de algumas sessões descobri a causa: a culpa incutida pelos ensinamentos da igreja de que sexo era pecado. O homem não conseguia ereção e nem a jovem permitia que ele a penetrasse nem tocasse em lugar nenhum. Após oito meses de sessões semanais em que procuramos desconstruir ideias punitivas sobre a sexualidade, o casal recebeu alta. Outro casal, 28 anos de idade, casados virgens, depois de dois anos ainda não conseguiam penetração devido ao vaginismo da esposa. Ao explorar a situação, ela confessou que sempre ouvira da mãe e de parentes do gênero feminino que a relação doía muito e relações deveriam ser rápidas para não “entristecer o Espírito Santo”. Sem contar com muitos outros exemplos de aconselhamento com mulheres que tinham relações sexuais apressadas com os maridos, e a contragosto, porque haviam aprendido que o Espírito Santo se retira do quarto e só retorna depois que termina a relação sexual. Ou o argumento de ter que ter relação sexual rápida porque algumas mulheres temem que Cristo volte e os surpreenda no próprio ato, o que seria desastroso.

Relatos semelhantes que revelam o estrago que preconceitos e muitos outros mitos produzem nas pessoas me instigaram a pesquisar o tema da sexualidade. Por ter sido alvo de tais discursos e testemunhado os mitos e tabus na igreja evangélica, lidei e ainda lido no consultório com as nefastas consequências de discursos

religiosos anacrônicos sobre sexualidade. Minha decisão de investigar o assunto com mais profundidade veio da carência de pesquisa acadêmica sobre o tema. Depois de especializar-me em sexualidade humana na Faculdade de Medicina da USP, resolvi verificar o impacto do discurso de alguns líderes protestantes sobre sexualidade na emocional dos sujeitos religiosos. Esses e muitos outros mitos me instigaram a estudar o assunto. Por ter sido alvo de tais discursos, ter conhecido os mitos e os tabus dentro da igreja evangélica, e ter podido experimentar no consultório as nefastas consequências de discursos religiosos sobre sexualidade, decidi investigar o assunto com mais profundidade. Depois de especializar-me em sexualidade humana na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), senti a necessidade de verificar o discurso de alguns líderes protestantes sobre sexualidade para encontrar seus pressupostos e fundamentos.

Sexualidade e religião têm convivido paradoxalmente em conflito desde os primórdios da humanidade. No âmbito geral, persiste a visão pessimista negativa entre evangélicos contra a sexualidade. Contudo, a verdade do que acontece entre os sujeitos religiosos é mais complexa. Nas igrejas protestantes se constata os extremos: o silêncio sobre o assunto ou discursos extremistas de proibições e advertências. Uma pergunta paira no ar: em que se baseiam as proibições e os limites colocados na sexualidade dos membros das igrejas? Os discursos seriam eficazes em seus controles?

O ideal Puritano provavelmente se consolidou e permeia o discurso evangélico brasileiro. Trazido pelo protestantismo calvinista vingou como senso comum, porém creio que discursos alternativos se levantam em oposição ao conceito dominante sobre sexualidade. Observa-se que o discurso não consegue se manter homogêneo, mas sim plural, complexo e carente de buscar novos caminhos para uma sexualidade sadia.

Diante das situações observadas no ambiente terapêutico, vejo a necessidade de mais pesquisas acadêmicas que inter-relacionem o discurso protestante e a sexualidade para compreender seu efeito sobre o comportamento sexual do ser humano.

Esta pesquisa objetiva analisar o discurso de cinco líderes evangélicos proeminentes através de seus livros e palestras. Jaime Kemp, Paulo César e Claudete Brito, Robinson Cavalcanti e Carlos Eduardo Calvani, são líderes com perfis diferentes e com origens denominacionais diversas. Procurarei verificar as

tendências do discurso sobre a sexualidade e a fé entre os evangélicos no Brasil; identificar as semelhanças, intersecções e diferenças entre eles e constatar as suas bases e pressuposto. Analisarei dois livros de Jaime Kemp, um missionário norte-americano que reside no Brasil desde 1967, antigamente associado à agência missionária Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL), autor de mais de 50 livros e atualmente diretor da Associação Lar Cristão, palestrante para jovens e casais nas mais variadas denominações no Brasil e em Congressos nacionais e internacionais. Dois livros de Robinson Cavalcanti que é bispo episcopal Anglicano e lidera a Igreja Episcopal Anglicana do Cone da América do Sul em Recife – PE, mestre em Ciências Políticas, Advogado, influente palestrante na Aliança Bíblica Universitária (ABU). Paulo César e Claudete Brito, pastores da Igreja Evangélica Maranata do Rio de Janeiro. Eles utilizam seu livro *Sexo- Os Limites do Prazer*, para ministrar palestras em encontros de casais e pastoreiam uma igreja influente no bairro da Tijuca- Rio de Janeiro, além de dez outras igrejas filiadas e seus líderes. Carlos Eduardo Calvani, pastor (ou padre) Anglicano filiado à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, organizador do livro *Bíblia e Sexualidade* – do qual extrairemos seu discurso em alguns capítulos de sua própria lavra.

Para tal, a pesquisa estudará a dimensão histórica do desenvolvimento dos conceitos de sexualidade e a religião dentro do contexto social e religioso de cada autor. No primeiro capítulo farei uma breve exposição histórica e social da religião e seu relacionamento com a sexualidade desde os primeiros séculos depois de Cristo até os dias atuais. No segundo capítulo dissertarei sobre a análise do discurso, utilizando conceitos de Michel Foucault, Paul Ricoeur, Eni Orlandi, Hayden, e outros, como também o conceito de pensamento complexo de Edgar Morin que auxiliará a compreender onde se encaixa o discurso evangélico com dogmas fechados ou pensamentos unificadores e simplificadores. Após esta análise o trabalho abordará os discursos dos autores evangélicos escolhidos, para identificar os assuntos priorizados por eles, os pressupostos e as normas contidas nos discursos .

No terceiro capítulo, analisarei o discurso dissonante de Carlos Eduardo Calvani, confrontando-o com os demais autores analisados nos seus respectivos assuntos. Existe uma carência de teólogos brasileiros da moral protestante, por isto, introduzirei o pensamento de alguns teólogos da moral católicos influentes para dialogar com Calvani e os outros autores, no intuito de investigar as semelhanças e

diferenças, principalmente de alguns que se encontram abertos para outra via de pensamento ainda não instaurada no senso comum católico ou protestante sobre sexualidade.

CAPÍTULO 1

SEXUALIDADE E CRISTIANISMO- UMA BREVE HISTÓRIA

O objeto de pesquisa deste capítulo será o desenvolvimento da história da cosmovisão cristã da sexualidade ao longo dos séculos, desde o século II d.C. Falar de sexualidade e cristianismo não se constitui uma tarefa fácil porque ambos envolvem manifestações variadas e complexas e desde os seus primórdios o cristianismo teve compreensões conflitantes da sexualidade.

Enquanto os Pais da Igreja possuíam uma visão pessimista e repressiva da sexualidade, seus seguidores se viam em um conflito entre seus desejos e sua busca de espiritualidade.

Para entender melhor como o cristianismo entende a sexualidade, precisa-se observar que existem basicamente duas linhas teóricas quanto ao que se refere à sexualidade humana. O construcionismo social e os essencialistas. O construcionismo social enfatiza o papel do ser humano como agente influenciado marcadamente por suas relações sociais na estruturação de seus significados e valores sexuais, trazendo significados simbólicos ao corpo e suas expressões sexuais, significados estes que não se encontram intrinsecamente codificados nos diferentes povos do universo. O Construcionismo social postula que a Sexualidade é socialmente construída por eventos, forças históricas, tensões, política, relação de poder, movimentos e preocupações culturais que moldam nossas culturas, sistemas de valores e o cotidiano.

O ser humano se constitui ao se relacionar com o outro e a cada dia se conhece quando interage com a mudança constante dos acontecimentos e dos movimentos da sociedade. Esta linha é advogada por vários escritores historiadores, sociólogos e antropólogos, tais como, Carter Heyward, Marvin Ellison, Beverly Harrison, Judith and Jack Balswick, Ira Reiss, Enrique Dussell.

Os essencialistas, ao contrário, enfatizam a realidade objetiva definida dos significados sexuais e corporais. O corpo conteria significados intrínsecos independentes do que se acredita sobre ele. Embora a sexualidade se manifeste diferentemente em vários lugares e em diferentes épocas, existe uma essência universal e constante. O biológico é visto sem influência dos movimentos sociais ou

qualquer outra interferência. Principalmente os primeiros teólogos da Igreja, a partir de Agostinho no século IV d.C. possuíam uma visão biológica e essencialista da sexualidade.

Em resumo, o essencialismo é uma forma de pensar a sexualidade reduzindo-a a um fenômeno a uma essência preexistente - o ser específico, o que uma coisa é, natureza, caráter, substância, ser absoluto, que tenta explicar formas complexas através de uma força ou verdade interior, fixa e imutável.

Contudo, na sociologia da sexualidade, autores e antropólogos tais como Bronislaw Malinowski, Margaret Mead, Ruth Benedict, Clyde Kluckhohn, Arnold Gehlen e outros veem a sexualidade além do biológico e necessitada de normas sociais para que possa se propagar. Eles distinguem a sexualidade humana da instintiva dos animais, tanto na sua concretização como no seu resultado e no seu objetivo.

Konrad Lorenz (1962) ao realizar experiências psicológicas com animais chegou à conclusão de que existe uma diferença entre a vida sexual do ser humano e a dos animais na falta do ritmo periódico dos instintos sexuais. A sexualidade humana encontra-se influenciada pelo mundo exterior e só em raríssimos casos teria uma conduta puramente sexual. Helmut Schelsky (1968), sociólogo alemão, afirma que o ser humano age conscientemente regulamentado pela cultura e que a sensação de prazer encontra-se diferenciada do instinto de reprodução da espécie.

Por outro lado, existem também duas visões diferentes sobre a sexualidade entre autores cristãos. Enquanto existem teóricos considerando-a um dom de Deus, pelo relato bíblico de que Deus ao criar macho e fêmea afirmou ser isso muito bom, ¹tais como Keane (1980), Thielicke (1981), Guy Durand (1989), Judith & Jack Balswick, no seu livro *Authentic Human Sexuality* (1999) (Sexualidade humana Autêntica), Georg Feuerstein (2003), Marvin Ellison, Sylvia Smith, Susan Craig (2003), Robinson Cavalcanti (2005), Marciano Vidal (2008), considerados alguns dos teólogos morais católicos e protestantes² contemporâneos mais importantes, outros têm associado à sexualidade ao mal, ao pecado, à queda e à morte, dentro do

¹ Gn 1: 27, 31a – “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. [...] E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom”.

² Se a doutrina oficial católica romana aceita a relação sexual fundamentalmente, com o objetivo de procriação, a protestante considera a Sexualidade um dom de Deus para ser utilizado dentro do casamento heterossexual para prazer do casal. Isto pode ser visto no vasto material evangélico sobre sexo e casamento. Abordar-se á mais profundamente este assunto no segundo capítulo deste trabalho.

cristianismo. Isto desde o século II d.C., até os Pais da Igreja, tendo sua figura mais eminente Agostinho (353-430) no século IV (FOUCAULT, 2006).

Segundo Guy Durand (1977, p. 90) a sexualidade foi trazida à tona como ambígua, por vezes “pulsão, desejo anárquico e tendência ao encontro, às vezes fonte de riqueza e de desordens”. O Antigo Testamento revela esta ambiguidade desde a exclamação de Gn 1,31 quando Deus vê que tudo que havia feito era muito bom até o dilúvio em Gn 6, 5-6 quando Deus vê a maldade do homem grande sobre a terra. A percepção hebraica dos valores se insere na narrativa da queda, que embora a sexualidade tenha sido criada por deus, ela também representa a fonte de aborrecimentos de “cobiça, discórdia, de desordens e de pecado”.

O cristianismo considera a Bíblia como um relato de fé e se inicia com a História da criação do mundo e do primeiro casal. A partir do relato da história de Israel e dos costumes judaicos em todas as esferas, incluindo suas regras e cosmovisão sobre a sexualidade, pode-se observar um rompimento com as concepções míticas que as religiões antigas tinham da sexualidade, não admitindo sacralização mítica da sexualidade humana. Assim, o judaísmo regula os costumes sexuais da sociedade e propõe uma ética individual com uma gama de prescrições rituais relacionadas diretamente com a sexualidade, dentro da categoria do puro e impuro, que demonstram ‘certo temor diante do sexual’ (VIDAL, 2010).

O primeiro casal, portanto, na descrição dos primeiros capítulos do Gênesis, retrata o protótipo ideal da condição humana. Passeando ao cair da tarde com Deus, sem noção de sua nudez. (Gn 3:11), contudo, segundo o relato javista, ao comerem do fruto da árvore proibida, tornaram-se conhecedores do bem e do mal (a queda), isto foi considerado o ‘pecado’ dentro do cristianismo, que afastou o ser humano de Deus e o relato de que somente após este ato “seus olhos se abriram e viram que estavam nus” (Gn 3, 7), implicou numa ruptura do casal com Deus, instalando uma cosmovisão negativa do corpo e da sexualidade, devido a exegeses carregadas de pessimismo.

Por todo o Antigo Testamento a “impureza” ataca as coisas sexuais. Os textos legislativos oficiais consideram a poluição noturna ou emissão seminal uma impureza: o homem que se sujou tem de se lavar e permanecerá impuro até à tarde (Lv 15, 16-17; Dt 23, 10-12) Outra impureza decorre do ato conjugal (Lv 15, 18). A mulher menstruada permanece impura durante sete dias (Lv 15, 19-23). E, se o seu marido coabitar com ela será contaminado pela impureza de suas regras (Lv 15, 24).

A mulher que der à Luz um filho permanecerá impura de 40 a 84 dias dependendo do sexo da criança (Lv 12, 15). Os fatos da história do povo hebraico também estabelecem confusão na sexualidade: Amom e Tamar (2 Sm 13), Davi e Betseba (2 Sm 11), sem contar os inúmeros interditos sexuais: adultério, bestialidade, homossexualidade, prostituição, violação, relações sexuais fora do casamento. Transgressões que não diferem em muito das do espírito.

Porém, a inserção no Antigo Testamento do livro Cântico dos Cânticos, supostamente escrito pelo Rei Salomão relatando poeticamente o amor entre dois jovens, mostra que o erotismo e a sexualidade nem sempre foram vistos negativamente pelos judeus. Embora muitos autores da antiguidade façam uma leitura espiritualizada do livro como Cristo e a sua noiva que é a Igreja, Vidal (2010, p. 23) afirma:

O livro do Cântico dos Cânticos é um hino ao amor humano; nele se encontra uma afirmação sem reservas da sexualidade e do erotismo humano. [...] O Cântico constitui, deste modo, um contrapeso saudável a todas as outras correntes do Antigo Testamento que consideram o matrimônio, quase exclusivamente como meio de perpetuar o clã e o povo. [...] O Cântico elogia, sobretudo o amor humano.

No Novo Testamento o assunto não é detalhado, porém ocorre uma evolução no ponto importante da impureza e pureza. Com a ênfase de Cristo na impureza do coração do homem e não no exterior, as regras impostas por Paulo sobre a utilização da sexualidade podem ser vistas como sadias. Cristo tenta ajudar na questão do divórcio, e condena adultério e fornicação e Paulo aborda assuntos tais como a libertinagem, incesto, fornicação e adultério. No entanto, ele levanta o paradoxo sobre a sexualidade quando regula o casamento como santo, mas enfatiza o celibato para um melhor encontro com Deus e serviço a Deus.

Conforme Durand (1977) a ambiguidade da sexualidade encontra-se na Tradição cristã com variações e dividida em duas correntes: uma de que a sexualidade é boa porque criada por Deus, o casamento é santo, tanto como o ato procriador, mas a outra corrente afirma que a sexualidade é causadora de aborrecimentos, condena como mal o ato sexual e apenas tolera o casamento. “Para dizer a verdade, é preciso dizer que o peso da tradição recai sobre a desconfiança e

a desvalorização da sexualidade. Isso nada tem de surpreendente se nos recordarmos do pensamento dominante da tradição cristã sobre o corpo sexuado e sobre a mulher” (p.91).

Segundo Antonio Maspoli Araújo Gomes (2006), a sexualidade permeia todas as esferas do ser humano e encontra-se intimamente ligada aos papéis sócio-sexuais e à cultura onde o indivíduo encontra-se inserido. Ela passou de um fator biológico, tendo o homem já nascido com ela, para tornar-se um referencial moral e social.

Ela se imbrica no ser humano em todos os níveis de sua existência. Ela age no nível físico, profundamente afetando os processos biológicos e fisiológicos, psíquico e emocional, e para os cristãos ela influencia os relacionamentos intersubjetivos com o outro e com Deus.

Xavier Thénevot (1984, p. 112) define sexualidade como “a dimensão masculina ou feminina que informa toda a realidade do indivíduo, desde os primeiros instantes de sua existência”.

Em suma, a sexualidade é uma modalidade fundamental na qual o ser humano se relaciona consigo mesmo e com o outro. O indivíduo existe e funciona como um ser sexual e em nenhum momento a sexualidade é separada dele. Ela constitui a própria existência do sujeito.

1.1 INFLUÊNCIAS PESSIMISTAS SOBRE A SEXUALIDADE

Embora alguns teólogos utilizem alguns versículos no Antigo Testamento para reafirmar sua doutrina rígida sobre sexualidade³, segundo Ranke-Heinemann (1996) não se encontra pessimismo sexual no judaísmo do Antigo Testamento.

No entanto, Jerônimo (347-420 d.C.), um dos Pais da Igreja, que traduziu a Bíblia para o latim (a Vulgata) alterou o texto do livro de Tobias, para postular o ideal da castidade. Embora no texto original Tobias dormisse junto com sua mulher na primeira noite, Jerônimo faz Tobias esperar três noites para consumir sua união

³ O livro de Tobias, aceito pela igreja Católica Romana, foi escrito em 200 a.C. e Jerônimo, um dos Pais da Igreja, se utilizou de seu texto para apelar para a castidade. Mais será explicado quando se abordar especificamente os Pais da Igreja e suas concepções sobre sexualidade.

com Sara, após três noites de oração, ele pronuncia palavras que não procedem do judaísmo e sim de Jerônimo: “Ora, vós sabeis, ó Senhor que não é para satisfazer minha paixão que recebo minha prima como esposa, mas unicamente com o desejo de suscitar uma posteridade” (Tb 8,9) (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 29).

Essa afirmação forjada foi citada por teólogos rigoristas, de Fílon⁴ a João Paulo II, como um argumento para a finalidade exclusivamente procriadora do casamento. Tobias originalmente disse, citando Gn, 2,18: “não é bom que o homem esteja só.”; mas Jerônimo simplesmente omite essa sentença para não confundir a questão.

Formou-se, inclusive o costume dos bispos e pastores cobrarem uma taxa dos noivos pela dispensa de observar as “três noites de Tobias” e manter relações com sua esposa na primeira noite (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 29).

Após os romanos devastarem Jerusalém em 66 d.C., as comunidades judaicas se dividiram, mas os seguidores de Jesus de Nazaré tornaram-se mais radicais ainda em relação à sexualidade e recusaram-se a lutar contra os romanos postulando um “novo Israel”, não mais seguindo os costumes judeus, muitos desistiram da circuncisão, e começaram a se distinguir do resto do mundo com suas práticas morais rígidas e até mesmo extremas.

Com a expansão das novas ideias cristãs pela África, Ásia, Grécia, Roma e Egito, assim como entre os judeus palestinos algumas perguntas de ordem prática pairavam entre seus seguidores: Os cristãos deviam ou não se casar? Qual seria o papel do homem e o da mulher? Como agir diante da prostituição, aborto, e abuso sexual dos escravos? Seriam eles diferentes das pessoas livres?

Como afirma o estudioso francês Paul Veyne (1987), certos filósofos pagãos também defendiam o ascetismo e a continência sexual semelhantemente aos cristãos.

O cristianismo não iniciou a reverência pela castidade e nem o pessimismo sexual, mas se adaptou ao seu meio e levou o ideal de castidade absorvendo uma hostilidade ao corpo e ao prazer da antiguidade Greco-Romana.

⁴ Fílon da Alexandria, homem rico e instruído contemporâneo de Jesus, na leitura do Genesis, previne os homens a evitarem as mulheres, pois teriam sido o início de todos os males. Para ele Adão seria uma alegoria da mente (nous), o elemento mais nobre, racional e masculino feito à imagem de Deus, e Eva o corpo (aisthesis), o elemento feminino, inferior, fonte de todas as paixões (Pagels, 1992, p.98).

A influência do dualismo helênico e do neoplatonismo se fez sentir profundamente na doutrina sexual dos padres e concomitantemente ao longo da história da moral cristã (VIDAL, 1975). Assim, o cristianismo influenciou a sexualidade e o comportamento sexual dos indivíduos sacralizando certas ideias sobre ela por meio de tradições culturais ou leis estabelecidas pelas autoridades no poder (SANTOS, 2008).

Segundo Foucault (2010), a partir do século II, os manuais de conduta referem-se ao refreamento do desejo, para obter a purificação e combatendo a concupiscência, constituindo-se em um esforço conjunto da filosofia, da medicina e religião. Galeno, médico do imperador romano Marco Aurélio, no século II d.C, corroborava com a filosofia vigente de que era necessário cuidar de si mesmo para obter uma vida longa. Ele considerava como sua competência curar os grandes desvios do espírito, principalmente a loucura amorosa, como também cuidar das paixões, que, segundo ele, gerava uma energia “desregulada, rebelde à razão”. Tanto o amor como a paixão são chamados de erros por Galeno.

Neste cuidado de si, o prazer corporal tornou-se uma proibição rígida e a sexualidade passa a ser rigorosamente controlada. Plutarco correlaciona a palavra ‘Pathos’ à paixão e à doença física, à perturbação do corpo como ao movimento involuntário da alma. Assim, a afeição poderia ser extremamente destrutiva ao equilíbrio físico e espiritual.

Neste quadro global tão fortemente marcado pela solicitude para com o corpo, a saúde, o meio e as circunstâncias, a medicina coloca a questão dos prazeres sexuais: de sua natureza e de seu mecanismo, de seu valor positivo e negativo para o organismo, do regime a que convém submetê-lo. Estabelece-se então uma correlação entre a medicina e a moral, um convite feito para que se reconheça como doente ou ameaçado pela doença (Foucault, 2010).

Para os primeiros médicos, tais como Galeno e Soranos, que viveram durante o segundo século II d.C., o ato sexual continha as mesmas características de uma convulsão e o fato do esperma conter “vida”, traria ao ato sexual os conceitos de bom ou mau, bom porque traria vida e se constituía um ato natural, mau porque poderia acarretar enfermidades.

Os cidadãos do Império Romano nesta época vinham ao mundo com uma expectativa de vida média inferior a 25 anos. “Apenas quatro em cada cem homens

e um número ainda menor de mulheres, ultrapassava os cinquenta anos de idade. Era uma população ‘roçada de perto pela morte’” (BROWN, 1990, p.16).

Os perigos do ato sexual dividiam-se em dois elementos: violência involuntária da tensão e dispêndio indefinido que esgota. Porém, Galeno e Rufo⁵ reconheciam alguns benefícios do ato sexual, tais como: livrar-se das poluções noturnas quando necessário, a evacuação do esperma poderia ser benéfica para a alma perturbada, o coito dissipa as ideias fixas e abrandaria as cóleras violentas, deixaria a alma mais tranquila, traria sensatez ao homem furioso e melancólico, contudo a ênfase residia nos males do ato sexual.

Rufo propõe um quadro onde se justapõem como efeitos de um abuso das relações sexuais, distúrbios da digestão, enfraquecimento da visão e da audição, a fraqueza geral dos órgãos dos sentidos e a perda da memória; os tremores convulsivos, as dores articulares, a angina de peito, as aftas na boca, as dores de dente, a inflamação da garganta, as expectorações de sangue, as doenças da bexiga e do rim.

Galeno comparava os poderes nocivos do esperma corrompido com os de certos venenos violentos que podem ser observados na natureza, tais como uma aranha venenosa, o escorpião.

Assim, existia também entre os não cristãos uma desconfiança para com os prazeres, exaltação do cuidado para com o corpo e para com a alma, valorização do casamento e obrigações conjugais, e uma severidade tal qual testemunham os textos de Soranus, Rufo de Éfeso, Musonius, Sêneca, Plutarco, Epicteto ou do imperador Romano e filósofo Marco Aurélio⁶.

Estes filósofos, apesar de seguirem a linha filosófica estoíca, receberam a influência epicurista no que se referia ao exercício do conhecimento puro e a saúde da alma através do controle rígido do corpo e seus desejos.⁷ Segundo Epicuro, a saúde da alma viria em filosofar.

5 Caio Musônio Rufo, considerado um dos mais célebres filósofos estoícos do primeiro século da era cristã, contemporâneo de Sêneca, professor de Epicteto e perseguido pelo imperador Nero, acusado de tentar, juntamente com Sêneca e outros de um complô contra seu reinado.

6 Este cuidado de si e do corpo deve-se à filosofia Epicurista, da qual Sêneca recebeu a influência. Seu pensamento levou a moral cristã a se concentrar na sexualidade como eixo principal da moral.

7 Epicurismo- linha filosófica fundada pelo filósofo grego Epicuro (341 a. C. – 270 a. C.) que postulava que a alma seria a morada da serenidade e do prazer e por isto ao homem competia conseguir o autocontrole.

As escolas filosóficas de Sócrates e Platão postulando o ascetismo também contribuíram para a cosmovisão pessimista da sexualidade humana. No VI século a.C. os seguidores de Pitágoras já advogavam a pureza do corpo pelo bem do cultivo da alma. Essa mesma posição se fazia sentir nos escritos de Platão, que também expunha o pensamento de Sócrates. Para Platão, o prazer sexual se constituía um dos prazeres mais baixos. Ele queria libertar o poder do deus Eros, que poderia levar o espírito humano a uma maior união com o bem supremo. Mas, para ele, o contato físico do coito retiraria as forças de Eros, impedindo-o de atingir coisas mais nobres.

Aristóteles, como Platão também fazia a distinção entre os prazeres mais baixos e os mais nobres, colocando os prazeres do toque no nível mais baixo da escala. Para ele, homem e mulher não eram iguais e a melhor forma de amizade e amor somente poderia acontecer entre dois homens, sem a interferência da relação sexual.

Conforme Pagels (1992), com a expansão e dominação do movimento cristão durante três séculos, o comportamento dos pagãos convertidos mudou notadamente, quanto ao conceito antigo de casamento (que era considerado somente um acordo socioeconômico), relações homossexuais que eram consideradas necessárias para a educação masculina, a prostituição tanto masculina como feminina que era considerada natural e legal passou a ser combatida, e os conceitos sobre o divórcio, o aborto, o abandono de crianças indesejadas (por conveniência prática) e o controle da natalidade.

Na verdade, as pessoas que se converteram como Justino, Atenágoras, Clemente e Tertuliano, descrevem como a conversão mudou as próprias vidas e a de muitos outros crentes, frequentemente pouco instruídos, em questões que envolviam sexo, negócios, magia, dinheiro, pagamento de impostos e ódio racial. [...] Para os cristãos mais dedicados, a conversão transformou tanto a consciência como o comportamento; e estes reunidos no movimento cristão cada vez mais popular, afetariam profundamente, também a consciência de todas as gerações subsequentes (p.37).

Convivendo com os pagãos do início da Era cristã, havia os judeus que já consideravam abomináveis algumas práticas sexuais pagãs tais quais: a pederastia,

a promiscuidade e o incesto. Por outro lado, os pagãos estranhavam o hábito judaico da circuncisão e não menos bárbaro do que seus próprios hábitos sexuais. Tanto Babilônios como Romanos criticavam (por serem monogâmicos) a poligamia praticada por seus patriarcas veneráveis como Abraão, David e Salomão como até mesmo alguns homens ricos sustentavam este status após Cristo.

Os Judeus também viam o ato sexual como meio de procriação e era legal um homem casado há dez anos sem filhos que se divorciasse de sua esposa e tomasse outra para que lhe desse filhos, ou permanecer com as duas. Para os costumes judaicos eram abomináveis os atos sexuais que não tivessem como objetivo a procriação. Por causa deste propósito, alguns professores judeus ensinavam que se devia aceitar tudo o que facilitasse a procriação, inclusive o divórcio e a poligamia, e rejeitar tudo que a impedisse, até o próprio casamento, no caso de uma esposa estéril (PAGELS, 1992).

Numa leitura mais positiva da sexualidade, a Bíblia mostra Jesus invertendo as prioridades tradicionais, enfatizando que outras obrigações, inclusive as conjugais seriam mais importantes que a procriação. Contudo, tanto os ensinamentos de Cristo como os de Paulo enfatizam a necessidade de total devoção a proclamar a era vindoura de uma nova maneira de viver. A distorção de suas palavras levou certos cristãos das gerações seguintes a incentivar o celibato.

Clemente da Alexandria, liberal, urbano e culto professor cristão que viveu no Egito mais de cem anos depois de Paulo não coadunou com o pensamento do celibato e denunciou celibatários e mendigos que diziam imitar o Senhor, considerando-os arrogantes, tolos e admitindo que estavam errados (Pagels, 1992).

Os rabinos judeus também possuíam plena consciência do ascetismo radical que caracterizara muitos movimentos do judaísmo no passado imediato, contudo, evitaram abraçar uma visão de perpétua abstinência e luto pela destruição do Templo, como muitos o haviam feito. Pelo contrário, abençoavam calorosamente os homens casados:

Quanto ao homem que ama sua mulher como a si mesmo, que a honra mais do que a si próprio, que guia seus filhos e filhas pelo caminho certo e providencia para que se casem no período da puberdade, dele está escrito: Tu saberás que tua tenda está em paz. (Babylonian Talmud: Yebamoth 62B, p.419. Apud BROWN, 1990, p.64).

Por acreditar que o tempo estava se esgotando, uma minoria se utilizava da castidade perpétua, pois a castidade representava a aproximação iminente de uma “nova criação” (BROWN, 1990, p. 64).

Clemente foi um dos Pais da Igreja que coadunou com o pensamento de que o ato sexual não era mal, contudo, ele não consegue levar adiante seu esforço de minimizar o conceito da sexualidade como má e admite que não foi **o** que Adão e Eva fizeram, mas **como** o fizeram. Assim, até mesmo Clemente, considerado um dos Pais da Igreja mais liberais, mostra sua ambivalência quanto à sexualidade, que perdura na história cristã por mais de dois mil anos.

Nessa ambiência, destacam-se três linhas filosóficas que influenciaram o cristianismo de então: O Estoicismo, o Epicurismo e o Gnosticismo.

1.2 ESTOICISMO E CRISTIANISMO

De todas as filosofias gregas, foi o Estoicismo que mais impactou a filosofia Romana e a formação do pensamento cristão sobre sexualidade. O Estoicismo, escola filosófica grega mais antiga (300 a.C.- 250 a.C), abarcou a visão implacável e redutora do sexo.⁸

Para os estóicos o fim supremo e único bem do homem é a virtude, não a felicidade ou o prazer. Portanto, a virtude seria um meio para se obter a felicidade através da tranquilidade, independência interior e a tranquilidade da alma. Em contraposição o vício seria o mal único e absoluto que perturbaria a serenidade da alma. A paixão, portanto, seria sempre substancialmente má, pois não depende da razão e se constituía num movimento irracional, em consequência, um vício da alma.

Para garantir a paz e a virtude, a paixão deveria então ser erradicada, para que a razão unicamente prevalecesse: o homem ideal seria aquele sem paixão. Consequentemente, a indiferença e a renúncia a tudo, principalmente às emoções, ao prazer, ao apego ao mundo deveriam ser apregoados. Os únicos bens

⁸ Estoicismo foi o nome dado em menção a Stoa Poikile, um salão em Atenas onde esta filosofia foi formulada por Zeno de Cicio (300 a.C.). Perdidos todos os documentos escritos de Zeno, a filosofia foi desenvolvida e organizada como sistema por Cleanto (331-232) e Crísipo (280-207).

verdadeiros seriam então, a renúncia e a indiferença tanto ao prazer quanto ao sofrimento. Assim, o prazer constitui-se para os estóicos o mal e a insanidade da alma.

O imperador Marco Aurélio baseava seus escritos e pensamento na última versão do estoicismo que foi desenvolvido pelo escravo livre Epicteto (55-135). Considerado o último estoico da antiguidade, condensou seu pensamento em seu livro *Meditações*. Nele, ele expressa que o ideal buscado de tranquilidade e domínio das paixões e emoções poderia ser obtido através da harmonia com a natureza e a aceitação de suas leis. Contudo, ele não se comprometeu com a abstinência sexual perpétua. Ao ficar viúvo, passou sua velhice com uma concubina, para não impor aos filhos uma madrasta (BROWN, 1990).

Durante os dois primeiros séculos da Era Cristã, os estóicos rejeitaram a procura do prazer. Para eles, o casamento seria uma concessão para a procriação. Porém, o desejo sexual era condenado e até mesmo o casamento passou a ser questionado entre eles e o celibato mais valorizado. A abstinência atingia seu auge quando o cristianismo também abarcou o ideal da virgindade. No casamento o prazer físico e a paixão deveriam ser ignorados.

Os estóicos afirmavam que o ser humano se constituía de três princípios: o corpo (simples carne), a alma (pneuma) e a mente (princípio superior). Sendo assim, o bem maior seria libertar a alma da carne, ou corpo, por meio da razão. A morte traria o benefício de libertar a alma do corpo, que a aprisionava e asfixiava suas virtudes.

Apesar da luta da Igreja em proclamar constantemente a bondade da sexualidade (do corpo, do casamento e do ato conjugal) e tentar combater as doutrinas que afirmavam o contrário como o encratismo⁹, montanismo¹⁰, maniqueísmo, catarismo¹¹, estoicismo, etc., o pensamento de que para se obter uma

⁹ Doutrina herética do início do Cristianismo que enfatizava o ascetismo rigoroso para obter a salvação.

¹⁰ Doutrina herética cristã fundada por Montano nos anos de 157 d.C. que também enfatizava o ascetismo rigoroso para preparação para o fim, que seria próximo, baseavam-se em revelações do Espírito, proibiam o ato sexual no casamento, segundas núpcias, abarcada por Tertuliano, mas veementemente combatida pela veia central do Cristianismo dos primeiros séculos.

¹¹ Outro movimento auto denominado cristão, dualista, maniqueísta, que se originou no sul da França no século XI e vigorou até o século XVI, assim como postulava o gnosticismo, o Deus criador do espírito não poderia ser o mesmo que criou o mundo, onde habitavam as trevas. Condenavam atos sexuais, apego a bens materiais e contato com o mundo. Seus monges fugiam do contato do mundo para não se contaminarem.

maior espiritualidade o ser humano necessitaria subjugar o corpo para que a alma se elevasse a Deus permeou o pensamento cristão por séculos.

Tertuliano, nascido no ano de 155 d.C., converteu-se ao cristianismo por volta de 193 d.C., distancia-se do cristianismo, seguindo o Montanismo por seu rigor ascético. Ele denuncia os Pais da Igreja de então como escravos da luxúria e glútes. Ele é excluído da Igreja por discordar, inclusive, do perdão dado aos que se confessavam, pois para ele somente a hierarquia espiritual tinha o poder de perdoar pecados (CAVALCANTE, 2007).

O estoicismo influenciou marcadamente o cristianismo nos dois primeiros séculos depois de Cristo através dos Pais da Igreja, com um negativismo em relação ao prazer sexual que perdurou por muitos séculos.

Clemente da Alexandria (150-215 d.C.), embora defenda o casamento, lutando contra a visão gnóstica contra o casamento, deixa-se influenciar pelo estoicismo hostilizando o prazer sexual e rejeitando a relação sexual com esposa grávida ou entre casais de mais idade como contrários ao ideal cristão. Em seu *Pedagogo*, obra em três volumes, ele instrui e aplica regras, principalmente nos dois últimos volumes, de como o cristão deveria cuidar do corpo, do vestuário, levar suas relações sociais e a vida conjugal. O importante para ele seria a atitude da alma e se livrar de todo apego aos bens do mundo.

Para Clemente, a relação sexual teria o único objetivo de procriar. O casamento, para ele, agora seria monogâmico e indissolúvel, mas deve ser purificado da paixão sexual que induzira Adão e Eva a pecar. O cristão casado agora deveria subordinar seu desejo à razão e lutar para erradicá-lo de sua mente e corpo.

Casamento é a primeira união do homem e da mulher para procriação de filhos legítimos. [...] Nem todos devem casar, mas há um tempo no qual alguém deve casar com a pessoa certa e na idade certa, pelo bem dos filhos. [...] Por isto devemos casar tanto para o bem do país para a sucessão de filhos e para a perfeição do mundo. Mas são as doenças do corpo que mostram principalmente que casar é necessário. Pois a esposa ajuda a cuidar com paciência e gentileza. E, na verdade, de acordo com as Escrituras ela é uma ajuda necessária. [...] Contudo, o casamento pode ser uma calamidade quando se é sujeito a paixões e se render a elas é a pior

das escravidões, enquanto que manter as paixões subjugadas é a única liberdade (CLEMENTE, 1995, p. 378).¹²

Porque o sentimento de prazer não é uma necessidade de jeito nenhum, mas o acompanhamento de certas necessidades naturais-fome, sede, frio, casamento. Então, se fosse possível beber sem o prazer ou comer ou conceber filhos, nenhuma outra necessidade do prazer se mostraria. Porque o prazer não é uma função, nem um estado, nem parte nenhuma nossa, mas foi introduzida na vida como um complemento, como dizem o sal foi feito para temperar a comida. Porém, quando o prazer sobrepuja o controle e regula a casa, gera primeiro, a concupiscência, que é uma propensão irracional e impulsiona a pessoa àquilo que lhe gratifica. [...] Pois não é a luxúria senão a glotonaria voluptuosa e a abundância supérflua daqueles que se abandonaram em auto gratificação? (CLEMENTE, 1995, p. 373).¹³

Nosso ideal é não experimentar desejo algum [...]. Não devemos fazer coisa alguma que se origine do desejo. Nossa vontade deve se dirigir apenas ao que é necessário. Pois não somos filhos do desejo, e sim da vontade. O homem que se casa para ter filhos deve praticar a continência para que o que ele sinta por sua mulher não seja o desejo [...] para que ele possa gerar filhos com uma vontade pura e controlada (CLEMENTE, apud PAGELS, 1992, p. 59).

Assim, Clemente limita não somente a sexualidade ao casamento, como a atos específicos destinados à procriação. Ele condena ter relações sexuais dentro do casamento por qualquer outro motivo e exclui práticas contra produtivas tais como relações orais e anais, como também as realizadas com a esposa menstruada, grávida, estéril ou na menopausa, e pela manhã, durante o dia ou depois do jantar. Ele considera até mesmo o casamento cristão inferior à castidade e admoesta os seguidores a um casamento casto, isto é, onde ambos se dediquem ao celibato.

Nem mesmo à noite, embora na escuridão, convém proceder sem recato ou de forma obscena, porém com pudor, para que tudo o que

¹² Livre tradução do Inglês.

¹³ Livre tradução do original em Inglês.

acontecer seja à luz da razão [...], pois até a união legítima é perigosa, exceto quando comprometida com a geração de filhos. [...] A esposa após conceber, é como uma irmã, e considerada como nascida do mesmo pai; que só se lembra do marido quando cuida dos filhos; como alguém destinado a se tornar realmente uma irmã após se livrarem da carne, que separa e limita o conhecimento dos que são espirituais, pelas características específicas dos sexos (Apud Pagels, 1992, p. 60).

Segundo Clemente, então, a continência e a virgindade eram preferíveis, mais seguras e muito mais santificadas. Embora não quisesse levar ao extremo a radicalidade de Paulo, tendo como ‘fracos’ aqueles que decidiram se casar, ele não renunciou totalmente ao ideal ascético, introduzindo somente o casamento como um mal tolerável para a procriação, atraindo para o cristianismo tanto casados quanto os que almejavam o celibato.

Orígenes, (185-254 d.C), seu mais famoso sucessor na escola de catequese de Alexandria e considerado o mais importante teólogo da Igreja grega, observou a exortação ao celibato literalmente castrando-se aos 18 anos de idade, invocando os cristãos que assim o haviam feito antes dele, embora depois tenha se arrependido e exortado a outros que não o fizessem. Ele associava o corpo e a matéria como uma espécie de castigo, uma prisão, embora este conceito tenha sido condenado pela Igreja.

Para Orígenes, o objetivo seria assemelhar-se o mais possível a Deus e o único caminho seria tomar passos gradativos para alcançar a perfeita vida espiritual. Ele explicava o avanço da vida espiritual com a terminologia da antropologia neoplatônica distinguindo no homem o corpo, alma e espírito. Dependendo do estado da perfeição o homem que se autoconhecesse e praticasse os exercícios ascéticos e das virtudes, “a luta contra o pecado, passando pelas etapas da infância, juventude e idade adulta chegaria a uma identificação com o Cristo”. (CAVALCANTE, 2006, p. 190).

Para um autoconhecimento tornava-se necessário ser vigilante combatendo constantemente contra as paixões (*pathé*) e contra o mundo exterior, através de práticas ascéticas. A carne deveria ser mortificada através de vigílias, jejuns rigorosos, e práticas de meditações e leituras diárias das Sagradas Escrituras. Ainda mais, para ser um verdadeiro imitador de Cristo, Clemente admoestava a renúncia

ao matrimônio, o celibato e o voto de castidade. Aquele que quisesse ser perfeito deveria praticar o desprendimento da família, dos bens mundanos e de ambições.

Para ele, o livro do Cântico dos Cânticos representava o símbolo do matrimônio para explicar a total transformação da alma em Deus. Mais tarde reconheceu seu erro, porém ainda considerava o celibato como algo mais elevado aos olhos de Deus (CAVALCANTE, 2007).

Ambrósio, seu rico discípulo e patrono, era um asceta rigoroso que nunca tocou em carne, vinho e em mulher. Embora Orígenes tenha sido um dos mais controvertidos Pais da Igreja antes de Agostinho, influenciou Gregório de Nissa, (395 d.C.) que advogava que Adão e Eva viviam como anjos, antes da queda, que se multiplicavam sem o casamento e a reprodução sexual. Sua herança judaica e sua adesão ao cristianismo lhe impediram de incorrer completamente no gnosticismo e no ódio gnóstico da carne, sustentando, no entanto, que o sexo fora criado por Deus e, portanto, era bom, porém, com a queda a constituição animal do homem entraria em operação e os humanos passariam a se reproduzir como os animais, e com as paixões animais. Originalmente, o homem teria sido feito à imagem de Deus, isto é, sem paixões. Mais tarde, Agostinho afirmaria que o cerne da natureza humana não é tocado pela sexualidade.

O Cristianismo emergiu no final da Era Helênica¹⁴ quando até mesmo o judaísmo se deixava influenciar pelas antropologias dualistas da filosofia Estóica e as religiões gnósticas. A visão estóica do controle da mente sobre o corpo e da razão dominar todo tipo de paixão acompanhou os Pais da Igreja, misturando com a expectativa cristã do fim do mundo a qualquer momento. Como o Judaísmo tinha uma visão positiva do casamento e da procriação, ele se opunha à visão gnóstica negativa do casamento e da procriação.

A moral cristã, então, atentava para o fato de que o corpo era bom, até mesmo o sexo porque era parte da criação, contudo dever-se-ia aplicar um conjunto de regras e limites à atividade sexual. A doutrina estóica de praticar o coito para

¹⁴ A Era Helênica, que se estendeu desde o período entre o terceiro e segundo século a.C. dominando a cosmologia romana com sua influência cultural e filosófica. O sistema educacional, as obras literárias e poéticas gregas eram traduzidas para o latim. O pensamento grego se espalha trazendo sua concepção de vida e familiar no império Romano.

procriação servia às necessidades de contrapor a posição religiosa gnóstica de impedir as relações sexuais.

Segundo Cavalcante (2007) a primeira teologia cristã e a primeira espiritualidade nasceram de uma simbiose entre pensamento judaico, pagão e evangélico já que os cristãos não rejeitaram absolutamente a civilização pagã, nem seus conteúdos e estruturas, integrando-a, no que concerne o rigor ascético e à sua cosmovisão da sexualidade.

1.3 GNOSTICISMO E CRISTIANISMO

O Gnosticismo foi considerado talvez a linha filosófica mais perigosa que se infiltrou no cristianismo nos primeiros três ou quatro séculos da Era Cristã. Esta linha filosófica era formada por cristãos, judeus, antigos cultos egípcios, babilônicos e Greco-Romanos. Advém de uma ciência sagrada do Egito e da filosofia Grega.

A palavra *gnosis* (ciência ou saber) deu o nome ao movimento. O termo 'gnóstico' pode ter sido uma denominação própria deles para indicar o conhecimento direto de Deus pela experiência imediata. Este movimento cria ter reconhecido a inutilidade e a inferioridade de tudo o que existe, afirmando que somente através do conhecimento divino através de um plano místico e superior da existência o ser humano seria liberto das ilusões que lhe acorrentavam. Portanto, ele postulava a abstinência do casamento, da carne e do vinho. Para os gnósticos o corpo não passava de um "cadáver com sentidos, o túmulo que carregamos conosco" (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 27).

O mundo não viria de um Deus bom, mas de demônios e a alma humana estaria capturada por este mundo de trevas, acorrentada à prisão escura do corpo. Incluía em seus ensinamentos a matemática, filosofia, teosofia e astrologia.

Tendo o mundo sido criado por um 'demiurgo' (deus pequeno, um deus que criara o mundo físico, o mal), que era identificado com o Javé do Antigo Testamento, o espírito pertencia a Deus. A matéria, portanto estaria conectada com o mal e o espírito com o bem. Deus não poderia ter criado um mundo material. Cristo também não poderia ser a encarnação de Deus, por ser matéria. A vida, portanto, consistiria em buscar um caminho de volta para o mundo celestial através da evolução de sua

parte luminosa. O ser humano teria um instinto animal e para se libertar dele, precisava de uma vida ascética, rígida e de renúncia.

Um dos mestres influentes desta escola chamava-se Marcião de Sinope (85-160 d.C.), que foi expulso da igreja de Roma por causa dos seus ensinamentos incompatíveis com os ensinamentos cristãos. Ele não aceitava que o Javé do Antigo Testamento fosse o mesmo Cristo do Novo Testamento. Ora, se Deus caminhara no paraíso e não sabia onde Adão e Eva se encontravam, estaria em corpo e não em Espírito, pois o Espírito teria a onisciência e onipresença, e Deus não poderia habitar um corpo humano, já que tudo que vem do corpo, para os gnósticos, é mau. Ele ensinou o dualismo anticorpo, a base teológica do gnosticismo até mais ou menos o século V d.C.

Marcião pregava que o Deus do Antigo Testamento seria um demiurgo¹⁵, pois teria criado o mundo imperfeito. O deus iracundo e justo do Antigo Testamento haveria enviado seu filho Cristo para ser crucificado. Para este gnóstico, a salvação viria somente através do ascetismo, devendo, portanto, o ser humano evitar a sensualidade e o casamento que corromperia o espírito.

A influência do gnosticismo e do ascetismo sexual, que era em si alheia ao judaísmo, é observada claramente na seita dos essênios.¹⁶ Os monges ditavam as regras nos edifícios de Qumran, onde habitavam. Os Romanos destruíram totalmente os edifícios em 68 d.C. Eles consideravam o mundo sombrio sob o domínio de Satanás. O historiador Josefo (100 d.C.) dissertando sobre eles afirma:

Judeus por nascimento [...] afastam-se das alegrias da vida como se afastassem de um grande mal e abraçam a continência como virtude. Olham de modo desfavorável para o casamento, mas aceitam os filhos dos outros, enquanto estiverem com idade para serem instruídos. Por causa da inconstância das mulheres, são cautelosos com elas, convencidos de que nenhuma mulher é fiel ao marido [...]. Se forem libertados dos grilhões da carne, se

¹⁵ O mundo platônico resulta da síntese de dois princípios opostos: a ideia e a matéria. As ideias comporiam um mundo Divino, Perfeito, infalível e eterno. Já o mundo da matéria seria uma cópia grosseira, imperfeita, falível e mortal. Demiurgo, então estaria entre a ideia e a matéria, porém inferior às ideias. O gnosticismo retomou o conceito platônico do Demiurgo, que criaria um mundo para aprisionar as almas. Para a Gnose, a alma seria a única parte boa no ser humano, que constantemente batalha com o corpo e com as paixões materiais.

¹⁶ Os Essênios faziam parte de uma das três seitas religiosas na palestina na época de Jesus Cristo (Essênios, Saduceus e Fariseus). Povo humilde, de vasto conhecimento, originário do Egito, habitava no deserto às margens do Mar Morto. Levavam uma vida simples, de entrega a Deus e de uma dieta estritamente vegetariana.

consideram libertos de uma longa prisão e planam nas Alturas em bendito júbilo [...]. Há outro grupo de essênios que acredita que quem renuncia ao casamento desconsidera um elemento essencial da vida, qual seja, a criação da prole; se todos tivessem a mesma opinião dos outros, a raça humana logo terminaria. Mas testam as futuras esposas durante três anos, e se estas [...] demonstram capacidade de ter filhos, então abraçam o casamento. Não praticam o coito durante a gestação, o que mostra que não casam por causa só do prazer, mas para a benção dos filhos (A Guerra judaica II, 8, 2-13, Apud RANKE-HEINEMANN, 2006, p. 30).

O filósofo Justino (110 d.C.) incorporou este rigor moral, impressionando até mesmo os pagãos da época. Quando ele escreveu aos imperadores para defender seus companheiros de fé, vangloriou-se de que haviam mudado totalmente suas atitudes e comportamento quanto à vida sexual, dinheiro e relações raciais:

Nós, que costumávamos nos comprazer na imoralidade, agora abraçamos apenas a castidade; nós que valorizávamos acima de tudo a aquisição de riquezas e posses, agora tudo o que temos é compartilhado com os que sofrem necessidades; nós que odiávamos e destruíamos, recusando-nos a viver com gente de outra raça, vivemos agora intimamente com eles (PAGELS, 1992, p. 92).

Justino louvava a auto-repressão sexual, a divisão dos bens com os pobres, e a vida em conjunto com pessoas de todas as raças, atraindo os mais vulneráveis a estes abusos, tanto sexuais, como exploração financeira e ódio racial- os escravos, os libertos e os não cidadãos. A igreja se institucionalizava, apesar das regras e proibições. Contudo, alguns, tais como os gnósticos, não admitiam ter alguém hierarquicamente ditando o que pensar e como agir, advogando a liberdade de seu encontro pessoal e experiência com Deus, além de ser batizados pelos bispos.

O bispo Irineu de Leão (180 d.C.) temia que os conceitos de independência espiritual dos gnósticos pudessem ameaçar a mensagem de liberdade que ele e muitos outros consideravam o ponto central do evangelho. Um grupo de bispos começou a seguir um líder espiritual chamado Valentino (140 d.C.- 160 d.C.) que exortava os cristãos a passarem dos conceitos elementares da fé tais como do batismo e da reforma moral para a iluminação espiritual.

Seus textos permaneceram perdidos por quase 1600 anos e somente foram encontrados em dezembro de 1945 no deserto perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito. Enquanto o filósofo Justino tentava aumentar a compreensão dos seus seguidores da fé através da ação moral e discurso filosófico, os seguidores de Valentino buscavam um dentro de si mesmo a iluminação espiritual das Escrituras. Tanto os cristãos dos I e II século como os gnósticos buscavam nas Escrituras seus argumentos morais. Alguns líderes da igreja, como Irineu, enfrentaram os seguidores de Valentino, que afirmavam que a repressão sexual era boa somente para o “povo”, mas para os líderes seria opcional. Irineu os denominava de fingidos e devassos (PAGELS, 1992).

Embora, no Novo Testamento encontrem-se passagens contra o gnosticismo e seu desprezo pela existência,¹⁷ esta filosofia influenciou o cristianismo no que concerne o ato sexual.

Tanto cristãos ortodoxos, quanto gnósticos se voltavam para as Escrituras quando discordavam, e cada um alegava basear-se nelas para seus argumentos. A maioria dos cristãos ortodoxos dos séculos I e II, como a maioria dos judeus e cristãos daquela época como Justino utilizavam a história do Genesis, em particular, como uma história com moral, mas não se sabe qual moral cada um tirava desses capítulos.

Por exemplo: Tertuliano insistia que os cristãos deveriam casar-se somente uma vez, já que Deus dera a Adão somente uma mulher, Eva, e que toda mulher, representante do pecado de Eva deveria se vestir em humildade e recato. Para Tertuliano (208 a.D.) a mulher deveria carregar sobre si, para sempre a maldição de ter sido a primeira que trouxera o pecado ao mundo. Ele recomendava a mulher a se colocar sempre no seu lugar de cidadã de segunda classe pelo mal praticado à humanidade.

Não proibimos a união do homem com a mulher, abençoados por Deus para aumentar a raça humana e encher a terra, porém somente com uma mulher. Porque Adão foi o único marido de Eva e Eva a única esposa de Adão, uma costela. Permitimos o casamento, mas o melhor, que aprendemos do apóstolo que permite o casamento, mas prefere a abstinência. Portanto, o casamento é

¹⁷ Veja em I Tm última frase: “Ó Timóteo [...]”. Evita as conversas frívolas de coisas vãs e as contradições da falsa ciência (*gnosis*)”.

permitido no caso de tentações terríveis. [...] Por isto, o casamento somente existe como uma necessidade. [...] Por algo ser bom não quer dizer que não seja má (no sentido de maligna), por isto, deixemos tudo para trás, como nos exorta o apóstolo e almejemos o que nos trará melhores galardões. [...] Feliz o homem que se encontre aprovado como o apóstolo Paulo! (TERTULIANO, 1995, p.40)

Queridas irmãs, não desejem uma roupa muito glamorosa (por que não dizer sem ostentação); e sim andar com uma vestimenta humilde e sem nenhuma beleza como penitência para expiar o que Eva cometeu- a ignonímia, quero dizer, do primeiro pecado, o ódio da perdição humana [...] E vocês não sabem que são cada uma Eva? A sentença de Deus sobre este sexo ainda vigora nos dias de hoje: como também a culpa deve perdurar. Vocês são o portão do diabo; vocês são as primeiras desertoras da lei divina, as que quebraram o selo da árvore proibida; Vocês foram as que persuadiram aquele ao qual o demônio não foi valente o suficiente para atacar. Vocês destruíram facilmente a imagem de Deus, o homem. Por causa de sua deserção- isto é, a morte, até mesmo o Filho de Deus teve que morrer. E vocês ainda pensam em se vestir com túnicas e se adornarem? (TERTULIANO, 1995, p. 14).

A mulher, não deveria tentar aparentar bela para ninguém, já que seu marido não deveria desejá-la por sua beleza. A maior parte do seu discurso dirigia-se às mulheres para lhes ensinar decoro, prudência e submissão.

Aos cristãos não é necessário somente ser modesto, mas aparentar também. A modéstia deve fluir através das vestimentas e da consciência para a aparência exterior. [...] Portanto, irmãs, não amem o ouro. Odeiem tudo que arruinou seus pais. Não usem adornos, e cosméticos. Vistam-se com simplicidade, mantenham suas bocas em silêncio, encham seus ouvidos com as palavras de Deus; tenham em seus pescoços o jugo de Cristo. Submetam suas cabeças aos seus maridos e isto já será seu adorno. “Ocupem suas mãos com o tear; mantenham seus pés em casa; e vocês terão mais “prazer” nisto do que no ouro. Vistam-se com a seda da integridade, o fino linho da santidade e a púrpura da modéstia. Assim fazendo vocês terão Deus como seu Amante! (TERTULIANO, 1995, p. 24)¹⁸

¹⁸ Todas as citações referentes ao discurso de Tertuliano foram retiradas do seu livro I Capítulo II Sobre a vestimenta das mulheres (traduzido pelo Rev. S. Thelwall), contido na coleção Anto-Nicene Fathers. Compilado e Editado por Alexander Roberts, D.D. & Donaldson James, LLD.

Clemente cria que Deus abençoara o casamento e a procriação desde o paraíso, já o asceta cristão Jerônimo, no século IV insiste que o primeiro homem e a primeira mulher deveriam ter permanecido virgens, e que se uniram no matrimônio somente depois de terem sido expulsos em desgraça do paraíso (o paraíso da virgindade), segundo ele.

Disso discordavam os gnósticos por acharem que a história do paraíso não deveria ser entendida literalmente, mas como uma alegoria espiritual, não tanto como uma história com moral, mas um mito com significado. Por causa disto, diversas interpretações afloraram, levando em conta a psicodinâmica. Isto é, a interação da alma com os impulsos mentais e emocionais. Eva seria a alma de Adão, o encontro dele com a harmonia espiritual. Os gnósticos, então levavam seus seguidores a explorar sua própria experiência interior para tentar descobrir intimamente seu lado espiritual (PAGELS, 1992).

O Gnosticismo também influenciou a visão de Agostinho sobre sexualidade. Sendo uma forma de pensamento dualista que surgiu no mesmo tempo e na mesma parte do mundo da tradição judeu-cristã, em muitos aspectos os dois sistemas de pensamento do cristianismo e gnosticismo tornaram-se companheiros desde então.

Agostinho (353-430) considerado o maior e mais influente teólogo católico, firmou o conceito do pecado original desde Adão, passado a todo ser humano pela relação sexual, isto é, pelo prazer sexual. Sua teologia se referenciava em Platão e Plotino, e ao maniqueísmo, religião que seguia antes de sua conversão (GIAMI, 2005).

Contudo, a alegação de que a relação sexual tenha sido o pecado de Adão e Eva remonta do século II d.C. com os professores cristãos de então, como Taciano, o sírio. Ao que responde Clemente de Alexandria (150 d.C. – 215 d. C.), rejeitando tal ensino. Segundo ele, a relação sexual “não era pecado, mas parte da criação original – e ‘boa’- de Deus.” (PAGELS, 1992, p. 57). Embora Clemente quisesse negar a relação sexual como o primeiro ‘pecado’ do ser humano, ele acaba impondo sobre a relação sexual a institucionalização declarando que: “Eles como adolescentes apressados foram logo se relacionando sexualmente sem terem recebido a bênção do Pai” (PAGELS, 1992, p. 57).

Por volta dos anos 200, Clemente de Alexandria, foi um dos Padres da igreja que combateu o Gnosticismo principalmente no que concerne o casamento. Clemente defende o casamento como algo bom, dádiva de Deus, mas se vê

aprisionado também pelo ideal estóico da apatia (anulação de emoções) e da ideia de que o casamento serve exclusivamente para procriação.

Para Clemente, desejar a esposa seria o mesmo que cometer adultério, algo que vem de Filon até o Papa Paulo II. Clemente escreve: “Comete-se adultério com a própria esposa quando se mantém relações sexuais com ela como se fosse uma prostituta” (Paedagogus, II, 10, 99, 3. apud RANKE- HEINEMANN, 1996, p. 62). Por causa disto, ele também rejeita a relação sexual com a esposa grávida ou entre casais de mais idade, como contrários ao ideal cristão (RANKE- HEINEMANN, 1996).

Em suma, seu ideal ético era a completa libertação das paixões e um amor verdadeiro através do processo incessante de ser moldado à imagem e semelhança de Deus.

Baseado na ideia de uma Guerra entre dois Deuses ou princípios: um bom que gerou as realidades espirituais, incluindo a alma humana, e um mau que criou as realidades materiais, incluindo o corpo humano, o gnosticismo incutiu a noção de que tanto o corpo quanto a sexualidade eram basicamente maus.

Em alguns momentos o gnosticismo se opôs tanto à ordem material que chegou a rejeitar o princípio de gerar filhos porque as crianças continuariam o envolvimento humano com o material. De fato, alguns dos pressupostos da igreja Antiga contra o controle da natalidade eram dirigidos contra a anti-matéria.

1.4 AGOSTINHO E O CORPO

O cristianismo nunca advogou o gnosticismo, porém, alguns de seus líderes, como Agostinho, por terem pertencido ao seguimento maniqueísta, não conseguiu se desligar completamente dos pensamentos gnósticos, principalmente no que concerne a sexualidade humana, haja vista que para ele os aspectos pecadores da relação sexual eram enfatizados até mesmo quando realizada entre marido e mulher. O pensamento de Agostinho e a sua tendência em ver a sexualidade como má, dominou a cena cristã por quase mil anos (KEANE, 1980).

Influenciado pelo gnosticismo, Agostinho disseminou o sentimento geral entre os padres da Igreja de que o intercuro sexual era fundamentalmente repulsivo.

Arnóbio o chamou de sujo e degradante, Metódio, de indecoroso, Jerônimo de imundo; Tertuliano de vergonhoso. Entre eles havia um consenso não declarado de que Deus devia ter inventado um modo melhor de resolver o problema da procriação.

Posteriormente, Agostinho concluiu que a culpa não era de Deus e sim de Adão e Eva. Sendo assim, o cristianismo antigo introduziu a ideia de que a sexualidade deveria ser reprovada, baseado em três noções: a da fornicação que condenava qualquer atividade sexual fora dos laços matrimoniais, a concupiscência e por ultimo a luxúria.

Cabe aqui se pensar um pouco sobre a trajetória de Agostinho para entender melhor seus conceitos sobre a sexualidade. Anterior à sua conversão ao cristianismo, Agostinho seguira a filosofia maniqueísta por nove anos. Os maniqueus constituíam-se em uma pequena seita, determinada a se infiltrar na Igreja Cristã com soluções rigorosas e radicais para os problemas religiosos da época. Eles advogavam que o ser humano se convertia quando tomava consciência de sua condição – um ser cheio de tensões, com sua ira, sua sexualidade, seu corpo poluído e um amplo mundo externo buscando lhe corromper, porém com réstias de coisas boas interiores para onde ele poderia voltar se rompesse com as pressões exteriores e se fundisse novamente a ‘um Reino de Luz’ (BROWN, 2005).

Os maniqueístas eram dualistas. Postulavam que o mal não poderia provir de um Deus bom, e sim por uma força ou um demônio hostil, de poder igual, eterno e totalmente distinto. Portanto, haveria o Reino da Luz lutando contra o Reino das Trevas. E, cada maniqueu deveria distinguir os dois princípios, isto é, o Bem e o Mal. Os maniqueus, portanto, eram considerados homens severos portadores de um pessimismo extremado. Contudo, a força do mal permaneceria de fora e cada ser humano deveria se manter separado dele por possuir dentro de si um “eu bondoso”.

Decepcionado com o maniqueísmo, por considerá-la uma religião estática e basear-se numa visão simplista da maneira como homens agem, sem oferecer cura ou renovação para o ser humano, e além do mais, era uma seita perseguida e debaixo de severas dúvidas, Agostinho deixou de segui-la.

Anos mais tarde, senta-se aos pés do bispo católico Ambrósio, para quem “o homem era sua alma e o corpo não passava de ‘vestes esfarrapadas’” (BROWN, 2005, p. 100). Tanto Ambrósio como Agostinho, conseqüentemente, sentiram-se influenciados pelo filósofo grego Plotino, autor neoplatônico, que considerava

também o mundo um empecilho para se atingir a beleza e pureza externa. A alma sairia de seu estado puro ao buscar no mundo externo a beleza que não conseguia encontrar em si. Embora Agostinho ainda guardasse dentro de si ideias maniqueístas e neoplatônicas no que concerne o corpo e a alma, ele ainda conseguiu discordar de alguns de seus contemporâneos, ascéticos radicais, defendendo o casamento, mas somente para conceber filhos. O ideal, para Agostinho, seria que não praticassem sexo, a não ser para a procriação.

Quanto à posição de Agostinho sobre a sexualidade, Brown (2005) adverte que não devemos ler Agostinho como se fosse nosso contemporâneo, e lembra o que diante do que os outros expressavam sobre sexualidade e casamento, Agostinho apelava para a moderação.

Ele foi contemporâneo de Jerônimo, que falava do casamento como um emaranhado matagal de espinhos, que só servia para produzir, sob a forma de filhos dedicados desde cedo à vida ascética, as “rosas das novas virgens; de Gregório de Nissa [...] que via a sexualidade não passando de um apêndice “animalesco” da “angelical” natureza humana original; e de Ambrósio, que, ao se confrontar com candidatos casados ao episcopado, esperou que seus leitores concordassem, sem questionamento, em que a *voluptas*, a simples sensualidade, expulsara Adão do Paraíso (p.614).

Segundo Brown (2005), Agostinho, ao contrário de muitos de seus contemporâneos, admitia que Adão e Eva teriam sido seres sexuados, mantendo relações sexuais no Éden, não angustiados por desejos conflitantes porque não tinham sobre si a sombra do pecado. Contudo, para ele, teria sido o orgulho de Adão, seguido pela desobediência a Deus que destruíra para sempre “uma afortunada harmonia potencial do corpo e da alma” (p.615). Lamentavelmente, os casais unidos em matrimônio tinham de andar por entre as ruínas reconhecíveis de uma sexualidade antes perfeita, devastada pelo orgulho de Adão (p.615).

Apesar de apelar para a moderação de seus contemporâneos e legitimar o casamento, Agostinho afirmava que nenhum ser humano poderia se recuperar da humanidade caída e obter o autocontrole. Aquelas que conseguiam controlar suas paixões eram acusadas de neuróticas.

Isto não é, de maneira alguma, um estado saudável natural {sanitas ex natura}, e sim uma doença proveniente da culpa {languor ex culpa}. [...] a massa dos homens comuns, mas até os mais santos e justos são destruídos pelo pecado e dominados pela paixão (AGOSTINHO, 2002, apud PAGELS, 1992, p.154).

O casamento, para ele, vinha da desobediência, da maldição e da morte. “A castidade e a imortalidade se pertencem, o casamento e a mortalidade se pertencem” (RANKE-HEINEMANN, 1996).

A queda haveria findado o idílio edênico virginal de Adão e Eva. Além daquela vida feliz, nossos primeiros pais perderam ao mesmo tempo o ornamento da virgindade. [...] Depois de perderem essa indumentária real e de se verem privados da jóia celestial, receberam em troca a destruição da morte, a maldição, as dores e a vida laboriosa, e nas águas de tudo isso veio o casamento, essa vestimenta mortal e abjeta (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.67).

Agostinho recomendava aos seus ouvintes que consultassem seus contratos matrimoniais, se não acreditassem nele, no que se referia ao ato conjugal somente para procriação. Contudo, o direito romano também ensinava que eles se casassem para a procriação de filhos, e no caso de ultrapassar os limites e praticassem o sexo em outras ocasiões, que corassem de vergonha, mas não se sentissem culpados, pois seria apenas uma expressão da ‘fraqueza humana’, que poderia ser expiada na oração do Pai Nosso, assim como a “doação de óbolos aos mendigos que se acocoravam em volta dos portais da igreja” (BROWN, 2005, p. 616).

Havia um sentimento antissexual e anticonjugal dentro do cristianismo. Por volta de 150, para provar que os cristãos tinham uma moral elevada, o jovem Justino pediu permissão para ser castrado. Para combater essa tendência, o imperador Adriano proibiu os jovens de serem castrados sem sua ordem. Contudo, o jovem Justino se manteve solteiro e absteve-se de qualquer relação sexual. Na época, a castidade impressionava seus contemporâneos. Os gnósticos, apesar de combatidos no cristianismo, já haviam influenciado o pensamento cristão no que se refere ao corpo como material, portanto maléfico, e a alma prisioneira do corpo.

A moral¹⁹ cristã apresentou a associação entre a carne e o pecado e de que estes levariam à morte, não somente física, como espiritual.

Considerava-se pecado e recriminava-se todo ato sexual que não objetivasse a procriação. Já que a relação sexual objetivava a procriação, não fazia sentido os padres casarem, pois filhos e o cuidado com a mulher lhes impediriam de exercer seu ministério plenamente. Com a instituição do celibato aos padres, a mulher passou a representar um grande mau e perigo para qualquer homem. Chegou-se a cunhar o termo ‘adultério com a própria esposa’ no século IV, para indicar que não se deve fazer sexo por prazer, e sim para procriar.

Segundo Pagels (1992) para muitos cristãos dos primeiros quatro séculos o celibato acima de tudo era o seu lema, como o meio de obter a máxima liberdade. Para o bispo Gregório de Nissa (331- 395 d.C), por exemplo, o casamento representaria o último estágio da separação da vida no Paraíso e por isto deveria ser abandonado para que pudessem partir em direção a Cristo.

1.5 TOMÁS DE AQUINO E A SEXUALIDADE

Outro expoente do cristianismo foi Tomás de Aquino (1225-1274), seus pontos de vista sobre sexualidade humana eram mais positivos do que as de Agostinho. A filosofia grega de Aquino algumas vezes formou a divisão corpo/alma um pouco mais distintamente, assim reforçando medos do corpo e da sexualidade. A tradição grega e muito da especulação teológica Católica Romana descrevem o destino humano enfatizando a imortalidade da alma, porém a noção Cristã da antiguidade dava primazia à ressurreição do corpo, o que tornaria mais favorável uma melhor visão da ordem material e da sexualidade.

Embora Tomás de Aquino tenha sido autor de uma das primeiras elaborações que visava à superação do dualismo espírito-matéria, postulando que alma e corpo se constituiriam em um todo único, ele continua o conceito de que o ato sexual deveria ser somente praticado para perpetuação da espécie.

¹⁹ Por moral, usar-se á a definição de Michel Foucault: “Por moral entende-se uma conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas etc” (FOUCAULT: 2010, p.3).

Segundo ele, tudo que era natural agradava a Deus, e como os animais somente copulavam para procriar a espécie, qualquer prática sexual que não tivesse este objetivo seria antinatural. Portanto, pedofilia, necrofilia, masturbação (ou coito interrompido), homossexualidade, sodomia, tornaram-se práticas consideradas desviantes, sendo incorporadas também nos sistemas jurídico e médico. Assim, práticas sexuais consideradas um atentado ao pudor, aos bons costumes e à opinião pública sofreriam sanções severas (CECCARELLI, 2000).

Tomás de Aquino repetiu e sistematizou a doutrina da moral sexual no século XIII e que continua até o século XXI. Ele incentivou a continência perpétua para a devoção perfeita e várias vezes repetiu o que Jerônimo já calculara nos séculos IV e V, ou seja, que as pessoas virgens e castas teriam uma recompensa celestial de 100%, enquanto que os viúvos e viúvas receberiam 60% e as casadas 30%.

Para Aquino, assim como os animais somente se uniam para procriar, o ser humano deveria seguir o mesmo exemplo. Segundo Aquino, ao ter contato com a mulher a alma do homem descia de suas Alturas, seu corpo caía sob o domínio da mulher e, portanto, colocava-a numa escravidão mais amarga do que qualquer outra. Citando Agostinho ele declara: “Nada degrada mais o espírito do homem de sua elevação do que os carinhos da mulher e o contato corporal, sem o qual o homem não pode possuir a esposa” (Summa Theologica I/II, q. 151 a. 3 ad 2. Apud RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 202).

Para Aquino, o coito trazia algo de vergonhoso e as mulheres eram mais inclinadas à incontinência do que os homens por ter suas partes sexuais mais molhadas, conseqüentemente mais tendenciosas ao ato sexual.

Como Agostinho, Tomás de Aquino via o ato sexual como uma maldição resultante da queda, daí a necessidade de atos compensadores, a geração de filhos e a procriação da espécie. Contudo, para ele, o casamento sem relação sexual continuava sendo mais elevado do que o gerador de filhos. Até mesmo a comunhão era negada às mulheres casadas, por serem consideradas impuras ou não terem mérito suficiente.

O casamento surgiu, então, como um paliativo ao ato sexual, contudo, o homem considerado sábio deveria amar sua mulher com moderação, controlando seu desejo e não valorizando o prazer do sexo. Se os Pais da Igreja aceitavam as justificativas estóicas do casamento, para Paulo a mulher procriaria como

compensação por sua inferioridade por ter sido ela que introduzira o pecado no mundo (DELPRIORE, 2007).

1.6 A IGREJA PROTESTANTE E A SEXUALIDADE

O protestantismo surgiu da segunda divisão da igreja Católica Romana. A Reforma Protestante originou-se na Europa no século XVI contestando a deturpação de algumas teologias bíblicas exercida pela Igreja Católica e seu clero. Seus principais mentores e teólogos são Martinho Lutero na Alemanha, Zwinglio na Suíça e Calvino na França. O culto a Maria, a salvação pelas obras e não pela fé, a adoração e pedidos de interseção a santos e a divisão entre clero e laicato foram algumas das doutrinas contestadas pela Reforma Protestante (KEANE, 1980).

A Igreja Evangélica possuía o espírito Europeu onde floresceu e tinha suas doutrinas de maneira rígida, fria, racional e tradicionalista. Não se pode negar que até o protestantismo recebeu a influência maciça dos conceitos agostinianos sobre sexualidade.

A ideia de pecado original ainda perdura em grande maioria das denominações evangélicas. Segundo ela, as crianças sem batismo encontram-se perdidas para sempre na danação eterna. De acordo com Agostinho, o pecado original é transmitido pela relação sexual de geração em geração. Agostinho, portanto, trouxe a ansiedade diante de sexo e hostilidade persistente a ele por mais de 1.500 anos. Ele iguala prazer com perdição, até mesmo o casamento levou sobre si tal carga moral que afastou pessoas oprimidas da moral sexual cristã.

Martinho Lutero, por sua vez, lançou alguns raios de luz sobre a moralidade sexual católica, mas o puritanismo trouxe à tona novamente toda carga de antisssexualidade. A teologia moral de Lutero foi influenciada por Santo Agostinho e o apóstolo Paulo. Ele tentava orientar seu rebanho, mas sem normas definidas. O casal deveria conversar entre si sobre suas práticas sexuais. Ele não contemplava a sexualidade com o pecado original, portanto ele não correlacionava a sexualidade com a culpabilidade humana original e a via como a 'própria identidade do ser humano' (GOMES, 2006).

No casamento, vê-se claramente a influência paulina em Lutero. Tanto a mulher quanto o homem devem cumprir com suas obrigações sexuais para garantir o prazer do seu parceiro. Abolir a afirmação de que o pecado original não se originou da natureza sexual trouxe para o casamento novas possibilidades para a sexualidade.

Passa-se a considerar o ato sexual lícito no matrimônio por ser lugar do gozo ordenado, contudo, os líderes religiosos tornam-se atentos aos detalhes do que se passava no leito conjugal. Proíbem-se ao casal práticas consideradas “contra a natureza”, que envolvem “cópula fora do vaso natural”, “quaisquer tocamientos torpes”, pecados agravados caso haja ejaculação. Assim, o casamento tornou-se um “mal tolerável” onde o sexo poderia ser usado somente para procriação. Para Agostinho, ecoava no corpo a consequência do primeiro pecado da humanidade. Portanto, devia-se temer a tentação sexual porquanto debilitadora.

João Calvino postulava que cada pessoa nascia pecaminosa e depravada porquanto herdara o pecado original de Adão e Eva. Já que Deus possui o poder infinito e conhecimento, Ele sabe o que cada ser humano na terra tem feito e fará, e quem será salvo ou não. Para Calvino, ninguém poderá mudar o que Deus predestinou para seu destino eterno, pois o livre-arbítrio (como em Agostinho) não desempenha papel significativo no processo de salvação. Da mesma maneira de Agostinho, Calvino cria que o ser humano caído não tinha autocontrole sobre sua sexualidade (EMORY, 2011).

Assim, a sexualidade ganha um papel secundário na vida do ser humano, sendo absolvida dentro do casamento como um paliativo para os desejos carnis, no protestantismo, restando ao cristão calvinista somente uma saída ética pela via negativa: “o corpo torna-se a clausura do cristão, o seu deserto é o mundo, seu corpo sua cela” (GOMES, 2006, p. 13).

Para fugir da “tentação” de satisfazer os desejos do corpo o cristão deveria trabalhar, manter sua mente ocupada e almejar a mais elevada vida nesta terra sempre voltada para o alto. Servir a Deus, então e viver para sua causa tornou-se o único objetivo do cristão nesta vida. Resta ao corpo a completa ascese, isto é a purificação e a disciplina para que a alma se livre das impurezas do corpo, particularmente do sexo.

Jonathan Edwards (1703-1758), fervoroso puritano presbiteriano americano, considerava todo ser humano como posse do demônio, salvos somente pela graça

de Deus que poderia retirar a qualquer momento suas mãos de cima deles e deixá-los cair no mais tremendo fogo do inferno. Sua eloquente mensagem: *Homens nas Mãos de um Deus Irado* ajudou o grande avivamento puritano em Massachusetts entre 1733 e 1735, com uma pregação arrojada, ousada e instigadora de medo àqueles que não seguissem os princípios puritanos de que eram merecedores do inferno, a não ser que se escondessem debaixo da graça de Deus que os livraria de toda impureza. Segundo os puritanos, somente os prazeres espirituais deveriam ser buscados, tais como o culto, o jejum, a oração, a evangelização e o trabalho.

Apesar de discordar em vários conceitos da Igreja Católica Romana, o protestantismo manteve as noções negativas e anticristãs da sexualidade. Através do puritanismo²⁰ inserido principalmente na América do Norte, através da migração dos europeus em busca de uma nova terra, estabeleceram-se em New England (Nova Inglaterra) com um ponto de vista rígido em relação à sexualidade.

Textos de livros médicos aconselhando sobre assuntos sexuais no século XIX impingiam medo em praticar alguns atos sexuais. Um dos exemplos destes conselhos era ferir os lábios da genitália 'para evitar a masturbação'.

Nathaniel Hawthorne com seu livro "A Letra Escarlate"²¹, onde a jovem Hesther Prynne teve que carregar ao redor do seu pescoço a letra escarlate A de adúltera, pode ter sido uma personagem fictícia, mas reflete uma consciência sobre sexualidade muito verdadeira na época em que se passou a história.

Pode-se afirmar que na América do Norte, o puritanismo constituiu-se a maior força predominante sobre ideias super negativas sobre sexualidade. Tornou-se claro também a sobreposição do gnosticismo e a sugestão resultante de que a sexualidade é basicamente má, o que tem dominado toda a cristandade, tanto católicos como protestantes.

Pais na Nova Inglaterra puritana eram aconselhados a colocar sinos em baixo das camas de seus filhos adolescentes para que pudessem detectar e parar a

²⁰ Não se pode falar de uma unidade quando se fala dos puritanos. Havia os puritanos da Igreja Anglicana- ingleses que retornaram do exílio e assumiram cargos na igreja. Os puritanos presbiterianos que seguiam Thomas Cartwright (1535-1603) e opunham-se ao sistema Episcopal reforçando a ideia de uma reforma teológica calvinista e eclesiológica, isto é, governo presbiteriano. E os puritanos congregacionais que enfatizavam a importância de que cada congregação da igreja poderia ser livre para escolher seu próprio pastor. Oliver Cromwell seria um dos mais influentes puritanos durante um quarto do século XVII.

²¹ No original *The Scarlet Letter*, (A Letra Escarlate) publicado em 1850 por Nathaniel Hawthorne onde ele explora romance em Boston dissertando sobre os temas de pecado, legalismo e extrema rigidez moral pelos imigrantes puritanos na América do Norte.

masturbação em seus filhos. “No início do século XX, inventou-se um aparelho eletrônico para substituir o sino. [...] Poderíamos rir de algumas regras, mas não podemos esquecer a mentalidade que criou tudo isso” (KEANE, 1980, p. 8).

A ética puritana, portanto, impingiu uma radicalização cristã e depois protestante das ideias de rejeição do mundo em geral, a luta contra o mal, a fuga de prazeres levianos e frugais a favor de uma vida superior, a concepção de mortificar o corpo e a carne para que o espírito se elevasse; o exercício do autocontrole, em suma uma fuga dos prazeres da sexualidade para que o espírito pudesse reinar nas atitudes e comportamentos da época. “O puritanismo é protestante, ele nasce dentro da modernidade, o contexto é a Inglaterra no século XVI” (CAMPOS, 2011).

Contudo, o puritanismo no Brasil, que veio da América do Norte, diferencia do que se deslocou da Inglaterra para os Estados Unidos da América. O que veio para o Brasil foi o ‘puritanismo da fuga, um novo puritanismo individualista e individualizante para o Brasil e o mundo’. Para os que se fixaram no Brasil a vida que tem valor e a pós-morte, portanto, a maior grandeza é cidadania espiritual, deslocando a importância da realidade político-social para a celestial (CAMPOS, 2011).

Essa restrição e visão pessimista da sexualidade ao longo dos anos tem ferido a comunidade cristã em todas as esferas de suas vidas. O conflito entre o desejo e as regras morais restritas tem causado muitas vezes frieza, impotência ou outros distúrbios sexuais nas mulheres e nos homens. Muitas das disfunções sexuais podem ter sido causadas pela repressão puritana no protestantismo. Como a sexualidade é uma aproximação do outro, pode-se verificar casos de pessoas que não conseguem se relacionar com outras tão aberta e calorosamente como gostariam pelos medos excessivos de sua própria sexualidade, desenvolvidos por sua religiosidade.

Um dos maiores problemas da repressão puritanista, e em última análise no protestantismo da sexualidade, é a ênfase exagerada na parte física da mesma. Claro que os prazeres físicos da sexualidade são bons, mas não se pode enfatizá-los extremamente e perder a visão integral da sexualidade, o que constantemente acontece no protestantismo.

Porque os puritanos baseavam suas leis na Bíblia sagrada, condenavam os feiticeiros, as feiticeiras (que eram muito mais do que os do sexo masculino), os adúlteros e adúlteras, os que davam falso testemunho, os ladrões, como também

aplicavam multas a quem viajasse ou trabalhasse, inclusive levando suas ovelhas para o pasto, no *sabbath*, que era o domingo (ELLIOTT, 2011).

Os puritanos eram exegetas pré-modernos, isto é, quando liam a Bíblia não consideravam o tempo passado e nem a cultura diferente. Sua exegese gramática era histórica, muitas vezes ingênua e a sua finalidade era aplicar seus princípios na vida cotidiana do indivíduo. Entendiam suas normas no sentido literal do texto, os conceitos distorcidos da sexualidade.

João Calvino escreveu muito pouco sobre o corpo e a sexualidade. Contudo, sua teologia também se encontrou influenciada por Agostinho, e profundo influenciador da doutrina puritana sobre moral sexual. Criador da doutrina da predestinação, que postula a eleição de alguns para a salvação eterna e outros para a danação, como eleito de Deus o corpo humano deve se transformar no templo do Espírito Santo.

O cristão deve provar a sua predestinação e a sua eleição pela rejeição de todas as formas de prazeres mundanos. O sinal da sua santificação é a clausura em seu próprio corpo, pois seu corpo é seu mosteiro (GOMES, 2006).

Porque o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus no sentido espiritual, ético e moral, ele deve aspirar sempre preservar seu corpo como morada de Deus.

Se para o Catolicismo Romano o ser humano jamais seria capaz de ter virtudes e de vencer o desejo sexual, para o Protestante o homem conseguiria ser virtuoso através de uma transformação por uma conversão individual.

Segundo Cavalcante (2010), o dualismo agostiniano continuará prevalente tanto nos meios católicos quanto nos protestantes, nestes últimos, principalmente desencadeado pela reação ascética pelo anabatismo, pietismo e puritanismo. Vários movimentos concorreram para a repressão sexual dentro do protestantismo: A versão evangélica do protestantismo nascida na Inglaterra do séc. XVII, marcada pelo avivamento Wesleyano, e nos Estados Unidos da América os avivamentos norte-americanos, tendo de um lado a ortodoxia protestante na segunda metade do século XIX e por outro o movimento pentecostal no início do século XX.

O dualismo helênico chega até nossos dias passando pelos vários Pais da Igreja já mencionados neste trabalho, e invadindo a Idade Moderna por Descartes, com seu dualismo psicofísico, onde o corpo é matéria (a substância extensa), enquanto a alma (consciência) é substância pensante, e conseguem subsistir uma sem a outra. Para Alfonso Garcia Rubio (2007) esta formulação descartiana traz consequências terríveis para o mundo moderno, no que se refere principalmente à reflexão teológica eclesial. Para ele, a realidade ficará “perigosamente” cindida em pura subjetividade e pura objetividade:

Divórcio nefasto que ainda hoje perturba seriamente o diálogo entre ciências da natureza e ciências do espírito; entre razão e fé e assim por diante. [...] Divisão dicotômica da realidade mais radical ainda que o dualismo platônico e neoplatônico, e que reforçará a penetração deste na vida e na reflexão teológica eclesiais (RUBIO, 2007, p. 80).

Nesta constante tensão que o ser humano se encontra entre as normas da fé e seus conflitos existenciais em controlar ou viver uma sexualidade que se encontra inerente a ele ou ela, necessita-se entender que nem o cristianismo católico Romano, nem os protestantes conseguiram atingir um ponto de maturidade teológico-moral suficientemente crítica, como explica Vidal (1978). Para ele, há uma grande dificuldade em se propor um “modelo teológico-moral positivo.” (p.69). Para se alcançar um modelo teológico que consiga superar suas deficiências, ele propõe:

A racionalidade do ethos cristão tem de ser assumida na vida real dos crentes e a partir dela, enquanto estes constituem uma instância comunitária dentro da criatividade histórico mundana. [...] o discurso teológico-moral precisa ter a força racionalizadora suficiente para ‘fazer inteligível’ (com toda a profundidade teórico prática do ‘fazer’) o ethos real e não o ethos teórico dos crentes. Não se trata de construir um esquema teológico-moral ‘desde cima’, desde a possibilidade dedutiva de algumas ‘fontes’ sempre jorrando num mundo utópico (sem espaço real) e acrônico (sem tempo real) (VIDAL, 1978, p. 70).

Para Vidal (1978) somente será possível uma formulação mais realista de um discurso teológico-moral a partir da abertura comunitária dos crentes a uma criatividade intramundana, e este diálogo deve ser transformante com o mundo que constitui o “ethos cristão”.

Dentro desta lógica de pensamento é que passaremos a estudar o discurso de alguns líderes evangélicos protestantes do século XXI sobre sexualidade, em livros e palestras dadas para suas comunidades.

CAPÍTULO 2

O DISCURSO E SUAS NUANCES E O DISCURSO RELIGIOSO.

De onde o drama retira seu material? Da “conversa infindável” que se desenrola no ponto da história em que nascemos. Imagine que você entra num salão. Chega atrasado (a). Ao chegar, faz muito tempo que outros o (a) precederam, e eles estão em meio a uma discussão acalorada, acalorada demais para que façam uma pausa e lhe digam exatamente a que ela se refere.

Na verdade, a discussão já tivera início muito antes de qualquer deles chegar lá, de modo que nenhum dos presentes está apto a percorrer com você todos os passos dados antes.

Você escuta um pouco, até decidir que captou o tema da discussão, e então entra com seus palpites. Alguém responde e você retruca; outra pessoa entra em sua defesa, enquanto outra se alinha contra você, para constrangimento ou alegria de sua adversária, dependendo da qualidade da ajuda de seu aliado.

Mas a discussão é interminável. Está ficando tarde e você tem de ir embora. E vai, com a discussão ainda vigorosamente em andamento (BURKE, 1974, p.110-111).

A citação acima pode balizar parâmetros de compreensão de como alguns segmentos do cristianismo desenvolvem sua visão da sexualidade. A discussão parece inexaurível. Ela se iniciou como tema importante no século II d.C. através de manuais de regras e normas, atravessou séculos e chegou até o terceiro milênio, ainda com situações indefinidas, questionamentos, e poucas respostas.

Neste capítulo passaremos pelos discursos dos líderes protestantes escolhidos sem pretender esgotar a conversa. Reconhecemos que os autores a serem estudados têm em comum o fato de que pelo menos se abriram para o diálogo sobre um assunto na maioria das vezes silenciado e até mesmo reprimido dentro das igrejas protestantes.

2.1 A ANÁLISE DO PODER – A ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Primeiramente, para se analisar um discurso, segundo Foucault (2010) necessitamos estabelecer quem fala, qual o status do indivíduo que tem o direito de

proferir tal discurso e com quem ele se relaciona, isto é, quais os representantes das instituições e seu status que lhe dão autoridade para proferir esses discursos sobre sexualidade? Por que a sociedade ou grupo religioso lhe conferiu a responsabilidade de atuar como vigia, guardião ou responsável pela saúde de uma população, de um grupo, de uma família, seja como poder que lhe confiou uma tarefa.

Em segundo lugar, torna-se necessário descrever os lugares institucionais de onde o autor deriva seu discurso e onde encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação. No nosso caso, os locais são instituições religiosas, e no caso de Robinson Cavalcanti, não somente a instituição religiosa à qual pertence, mas ao grupo de jovens que se reúne sob a instituição Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) onde proferiu seu discurso sobre sexualidade e cuja editora publicou um dos seus livros sobre o assunto.

Torna-se necessário lembrar que a análise do enunciado compreende que nem “tudo é sempre dito” e que os “enunciados estão sempre em déficit” (FOUCAULT, 2010, p. 73). Em um enunciado discursivo escolhe-se o que proferir, excluindo o que não se quer, ou se pode dizer. O discurso, de acordo com Foucault pode ser definido como:

[...] é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Dentro desse conceito, analisaremos as “práticas discursivas” dos líderes protestantes sobre sexualidade como:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica, (religiosa), ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2010, p. 134).

Diante do breve histórico sobre cristianismo e sexualidade exposto no capítulo anterior, farei uma análise geral de cinco líderes protestantes para verificar como o discurso sobre sexualidade se desenrola nos séculos XX e XXI no cenário evangélico brasileiro.

Escolhi no Brasil cinco líderes protestantes de várias denominações e representantes de vários segmentos religiosos para verificar cada tendência e seu representante principal para depois analisar suas semelhanças e diferenças. Embora sejam de denominações variadas, quatro deles têm suas raízes na doutrina calvinista puritana. Jaime Kemp é missionário batista norte-americano que atuou na agência missionária SEPAL de 1967 a 1998, quando fundou a Associação Religiosa Lar Cristão; Escritor de 40 livros e inúmeras apostilas de ministração à família, casais e jovens.

Brito e Brito são pastores de uma igreja cujo início foi em uma reunião de oração em um pequeno grupo familiar da igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro. Paulo de César Brito, pastor da Igreja Missionária Evangélica Maranata, no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, juntamente com sua esposa dão palestras para casais e tem um livro em conjunto: *Sexo: Os limites do Prazer*. Pastor líder de 10 outras igrejas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro foi escolhido por se situar em uma cidade, considerada no Brasil, por uma das mais liberais em termos da vivência da sexualidade, e pastoreia em um bairro de classe média. Embora, em sua igreja não esteja atualmente conduzindo estudos para os jovens sobre sexualidade, o silêncio sobre o tema pode também se constituir em um discurso.

Robinson Cavalcanti, que também teve seu início no protestantismo em uma igreja Presbiteriana, hoje lidera uma divisão da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, denominada Igreja Episcopal Anglicana do Cone Sul da América, em Recife- PE. Professor de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ministro Anglicano da Igreja Episcopal do Brasil. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Bacharel em direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Membro da Academia Pernambucana de Educação e Cultura e da Fraternidade Teológica Latino-Americana. Atualmente é líder da Igreja Episcopal Anglicana do Cone Sul da América, em Recife-Pernambuco. Escritor de vários livros: dentre eles: Cristo na Universidade Brasileira? O cristão: Esse chato; Uma benção

chamada Sexo; As origens do Coronelismo; Cristianismo e Política; Igreja: Agência de Transformação Histórica, e o livro Libertação e Sexualidade – Instinto, cultura e revelação. Dentre seus livros destacarei “*Uma benção chamada Sexo*” e “*Libertação e Sexualidade*”, para extrair alguns dos seus pensamentos sobre o tema.

Carlos Eduardo Calvani, pastor anglicano ligado à Igreja Episcopal Anglicana no Brasil. Atualmente pastoreia uma igreja Anglicana em Campo Grande-MS. Este será mais abordado no capítulo três. Calvani (2010) tem se mostrado um líder com uma postura de ousar reler certos fundamentos da fé com mais profundidade e diversidade. No seu livro “*Nossa Fé Estudos nos Credos Apostólicos e Niceno*” (2008) ele articula a profundidade com que o ser humano deve abordar a crença em Deus, e mesmo antes de abordar questões da Sexualidade, revela flexibilidade de pensar além das formas chanceladas pelo senso-comum e pela institucionalização da reflexão:

Quando dizemos, pela fé, que cremos em Deus, estamos afirmando de modo profundo, existencialmente, que no universo há um poder superior e misterioso que nos acolhe e nos aceita, no qual há convergência de todos os aspectos e em quem encontramos o descanso do coração e a esperança da vida. Por isso, dizer que cremos em Deus não é como dizer que acreditamos em alguma informação científica, mas nada acontece de diferente em nossa vida. Quando afirmamos, pela fé, que “cremos em Deus.”, tudo tem de mudar. [...] Ao afirmar a ressurreição de Cristo, somos mergulhados no oceano da esperança humana que sabe que a morte foi vencida e que não há problema insolúvel ou situação negativa absoluta, pois o poder que ressuscitou a Jesus é o poder que vence todas as formas e manifestações de morte, violência e debilidade humana [...]. Quando afirmamos pela fé que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo não estamos pronunciando uma verdade científica, semelhante a uma fórmula da química ou da física, como quem diz que a água é um composto de duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio (H₂O) e nada se modifica no sentido radical da nossa existência. Quando fazemos afirmações tão ousadas de fé, estamos na verdade dizendo que nos entregamos de coração a essa realidade misteriosa. Esse é o sentido de dizer “creio” ou “cremos” (CALVANI, 2008, p. 6-7).

Escolhemos os líderes mencionados pela representatividade em suas denominações e por sua influência através de palestras e livros desde os anos 70 ao ano de 2011. Colherei algumas informações sobre os citados líderes e dissertarei

sobre o discurso, sua hermenêutica, a complexidade do pensamento e o poder do discurso religioso sobre a sexualidade.

Convém lembrar que a escassez de literatura sobre sexualidade por autores protestantes brasileiros talvez reflita a falta de interesse de se produzir uma teologia moral protestante no Brasil, já que o interesse teológico parece ir mais na direção de uma metafísica do que de compreensões existenciais históricas e comportamentais da fé.

2.2 O DISCURSO E SUA HERMENÊUTICA

Antes, preciso dissertar brevemente sobre o que pretendo dizer ao declarar que analisarei o “discurso religioso” de alguns líderes sobre sexualidade. Utilizarei definições do discurso de autores, como Michel Foucault, Hayden White, Paul Ricoeur, Edgar Morin, e Eni Orlandi.

Segundo Foucault (2010), o saber sobre algum assunto não pode ser feito a partir do que lhe foi contemporâneo e sim em termos de condições e de *a priori* constituídos no tempo, isto é, o discurso não somente encerra em si o seu significado, mas a interpretação do signo, a história e habilidade de quem o interpretou.

Hayden White (1978) considera o objetivo de o discurso estabelecer o terreno onde se pode decidir o que relatará como um fato na matéria em consideração e determinar o modo de compreensão mais apropriado à compreensão dos fatos assim constituídos. Para White (1978) o discurso (derivado do latim *discurrere*) pressupõe um movimento de deslocamento para “cá e para lá” ou um movimento “para frente e para trás” que nos mostra que a prática discursiva pode ser tão pré-lógico ou anti-lógico quanto dialético. Em outras palavras, um discurso se constitui anti-lógico quando objetiva desconstruir uma conceituação de uma dada área de experiência que tenha sido dogmatizada e que antepare qualquer percepção nova ou nega o que a vontade ou emoções do ser humano lhes diz que não deve ser o caso num dado setor da vida. Neste caso, em alguns discursos protestantes sobre sexualidade, talvez se observe uma formalização tal, que impede qualquer outro conceito diferente do que já se instalou no imaginário dos cristãos há séculos.

Pré-lógico seria o discurso que objetivaria demarcar uma área da experiência para analisar subsequentemente por um conceito orientado pela lógica. O discurso se constitui, então, num empreendimento mediador. Segundo White (1978) se o discurso for realmente genuíno, isto é “tão crítico de si mesmo quanto é dos outros” (p.17) ele fugirá da lógica, isto é, constantemente se perguntará se a lógica consegue captar a essência do seu tema. Por isso que todo discurso sempre é sobre o próprio discurso e sobre os objetos que compõem o seu tema.

White (1978) define o discurso como:

E o discurso em si, a operação verbal por meio da qual a consciência indagadora situa seus próprios esforços para submeter ao controle cognitivo um domínio problemático da experiência, pode ser definido como um movimento através de todas as estruturas de relacionar o eu com as outras estruturas que, na consciência plenamente amadurecida, permanecem implícitas como diferentes formas de conhecimento (WHITE, 1978, p.24).

Por isso, compreenderíamos o discurso como o mediador entre o “eu pensante” e sua própria experiência e conhecimento. White (1978) postula que todo discurso passa por tropos, desvios, próprios do ser humano em tentar apreender a experiência e transformá-la em discursos. Para White (1978) o discurso representa a mais direta manifestação da consciência que busca entender uma experiência ou assunto que lhe desperta interesse. Essa definição de discurso nos possibilita compreender ou mediar entre os ideólogos conflitantes, pois cada um considera sua posição mais científica e a do seu opositor mera ideologia ou “falsa consciência”. A realidade não sendo compreendida como objetiva proverá a cada discurso uma determinada interpretação da experiência, principalmente no que concerne o discurso religioso. Cada líder considera que seu opositor apreendeu certos conceitos distorcidamente. A esse fato White esclarece:

Pois reconheceríamos que não se trata de fazer uma escolha entre objetividade e distorção, mas entre diferentes estratégias para constituir a ‘realidade’ no pensamento, de modo a lidar com ela de maneiras diferentes, cada um das quais traz em si as suas próprias implicações éticas (WHITE, 1978, p. 35).

Para Ricoeur (2008), os intérpretes da Bíblia “deveriam dialogar com todos que tem seguido pelo ‘grande romance da cultura’ e com tudo o que está acontecendo na experiência contemporânea” (2008, p.10). Ele postula que o discurso religioso deveria ter como principal função estabelecer através do evangelho uma vida vivida por outros e antecipar ética e politicamente uma humanidade liberta, sem transformar o discurso em um projeto político convertido em um discurso moral. Ricoeur (2008), ao contrário, crê que quando a Igreja ou Estado, como instituições de ajuntamento recapitulam e totalizam ali se encontra a verdadeira malícia.

Contudo, quando abordo a análise do discurso de líderes, não me refiro somente ao ato de interpretar o que eles falam, e sim o discurso como definido por Eni Orlandi (2002), analisar o discurso não trata da língua, nem da gramática, e sim o curso, percurso, a palavra em movimento, à prática da linguagem. Quando se estuda o discurso, observa-se o ser humano falando. Analisar o discurso é procurar compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico “parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (2002, p.15). Assim, analisarei o discurso não trabalhando com a língua como um sistema abstrato, mas como essa língua significa, produz sentidos enquanto parte das vidas do ser humano, quer como sujeitos, quer como membros de uma comunidade religiosa.

Analisar o discurso significa considerar as situações em que o dizer foi produzido, relacionando a linguagem à sua exterioridade, refletindo como a linguagem encontra-se materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Segundo M. Pêcheux (1976) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, conseqüentemente “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por para os sujeitos” (ORLANDI, 2002, p. 17).

Na análise do discurso tentarei verificar como o texto significa, não somente o seu conteúdo. A língua não será tratada somente como uma estrutura, mas como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. O discurso por definição se constitui no efeito de sentidos entre locutores. Portanto, a análise do discurso pressupõe compreender como um objeto simbólico produz sentidos e como ele se encontra investido de significância para os sujeitos e pelos mesmos.

Ao analisar o discurso de alguns líderes em relação à sexualidade, precisamos atentar para as condições de sua produção, que compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação: o contexto imediato, e o contexto sócio-histórico, ideológico. Deve-se levar em conta também que a memória desempenha um papel fundamental em acionar as condições de produção. A este elemento Orlandi (2002) denomina de “interdiscurso”, aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, a memória discursiva. “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (2002, p. 31).

Para Orlandi, todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: “o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E desse jogo tiram seus sentidos” (2002, p. 33). Em outras palavras, existe uma espécie de esquecimento do discurso, que permanece no inconsciente e que quando um sujeito fala, pensando que é o primeiro homem a dizer as primeiras palavras que significariam apenas o que queriam. Segundo M. Pêcheux (1976), na verdade, os sentidos apenas se representam como se estivessem se originando em nós, mas são determinados pelo modo como nos inscrevemos na língua e na história.

Segundo Orlandi (2002), quando nascemos os discursos já se encontram em andamento e nós pensamos que os originamos, quando na realidade somente entramos no processo já existente. Isso se torna muito aparente, principalmente no discurso religioso sobre sexualidade. No próximo capítulo observaremos que a grande parte dos líderes protestantes realiza o mesmo discurso dito de maneiras diferentes, mas que em suas raízes o sentido é o mesmo.

Porém, Orlandi (2002) não considera essa ilusão de o sujeito achar que está originando um discurso, pois é assim que as palavras adquirem sentido e se significam ao retomar palavras já existentes. Para ela, todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre os processos parafrásticos²² e polissêmicos²³. Portanto, o discurso opera alternadamente entre duas forças: o mesmo e o diferente. É através de se dizer o que já dito e o que se tem ainda a dizer que os sujeitos os sentidos se movimentam, se significam e fazem seu percurso. Nada está pronto e acabado. A condição da linguagem é justamente sua incompletude. Os sujeitos e os

²² A paráfrase é o retorno aos mesmos espaços do dizer. Diferentes discursos podem existir sobre o mesmo dizer já sedimentado. Em outras palavras, a paráfrase encontra-se do lado da estabilização.

²³ Na polissemia há um deslocamento, ruptura de processos de significação.

sentidos, bem como seus discursos estão sempre em movimento contínuo contrapondo o simbólico e a história.

O emissor de uma mensagem, como o sermão, por exemplo, ilude-se pensando estar na origem do que foi dito, mas como em todo discurso, ele é a forma social da apropriação da linguagem e se encontra interpelado pela ideologia. O discurso, portanto, insere-se nas relações ideológicas de classes. Segundo Bakhtin o signo só reflete e refrata a realidade e esse “desvio” “é o confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja, a luta de classes” (BAKHTIN, 1988, p. 46).

Os discursos, portanto, materializam as diferentes cosmovisões de diferentes classes sociais, com seus interesses antagônicos, manifestando-se através de um estoque de palavras e de regras combinatórias que constituem certa maneira de uma determinada classe social pensar o mundo em um determinado momento histórico. Então, os discursos compreendem as várias formações ideológicas correspondentes às várias formações discursivas (BACCEGA, 2000).

Nos líderes escolhidos, veremos que alguns apresentam um discurso parafrástico, retornando constantemente ao mesmo espaço dizível, produzindo a variedade do mesmo, como é o caso dos quatro primeiros líderes que serão analisados: Jaime Kemp, Paulo e Claudete Brito e Robinson Cavalcanti, (este último com uma pequena ou grande significante variante de validar veladamente a poligamia), e o Carlos Eduardo Calvani traz uma ruptura, um deslocamento de regras, irrompendo sentidos diferentes na sexualidade.

Existem condições para a produção dos discursos. Primeiramente, a relação de sentidos, um dizer que se relaciona com outros dizeres já realizados, imaginados ou possíveis. Desta maneira, quando um sujeito prepara um discurso, ele consegue prever o que sua argumentação provocará nos seus pares, isto é, os que pensam da mesma maneira, e nos seus adversários. Esse mecanismo consegue dirigir o processo de argumentação do sujeito.

Outro elemento na condição de produção é a relação de forças. O local do qual o sujeito fala constitui o que ele dirá. Portanto, as palavras que um pastor profere de um púlpito tem autoridade sobre seus fieis, principalmente quando este interlocutor se coloca no lugar do profeta através de quem Javé fala ao seu povo.

Selma Castro (1987) vê a religião como forma privilegiada de expressão do social. Portanto, o cristianismo passa a responder às necessidades criadas pela

complexidade social intensa e progressiva. O discurso religioso responde a uma vocação ao mesmo tempo dupla e solidária porque traz sentido ao ser humano arrancando-o de seu isolamento e trazendo-o para uma comunidade que o consola e o ultrapassa. Assim, o discurso religioso passa do corpo social para o corpo individual através do sentido e da experiência emocional e subjetiva. O corpo do cristão, então, passa a ser um corpo como espaço sagrado do embate entre a sua vontade e a vontade de Deus. O Templo, antigamente feito de pedras, agora é o ser humano, que através da escolha tem a responsabilidade pessoal por sua salvação. Segundo Castro:

Um corpo desmerecido, bagagem provisória, peso da corrupção, guarida do germe da morte e do pecado, mas que, apesar de tudo, é o templo do Espírito Santo. E que, acima de tudo, é o único bem que os (alguns) homens podem ainda negociar. Mas é preciso crer. E o espírito é apalavra. O ato de potência que cria e recria todas as dimensões do (dês) conhecimento humano (1987, p.41).

Foucault (2006) denuncia os “detentores do saber” tais como a igreja, a ciência, a economia ou quaisquer outras instituições que delimitem o sexo. Na verdade, o discurso sobre sexualidade se deu como forma de poder. A incitação a falar sobre sexo e sexualidade se constitui um dispositivo para normatizar o sexo, construindo conceitos e normas para o certo, o errado, delimitando o sexo dentro dos padrões socioculturais.

Para Foucault (2006), religião inicia seu discurso sobre sexualidade interligada com normas jurídicas através de uma pastoral cristã e a transformação da confissão - penitência para confissão - desvelamento. Na era moderna a incitação a falar de sexo torna-se uma maneira implícita de fazer com que o sexo se torne algo que se deve fazer em segredo. De acordo com Foucault, tanto a igreja quanto o Estado, através da medicina e da classificação de perversões, colaboraram para interditar a sexualidade humana. Isto é, o sexo ou estaria contido nos invólucros das instituições médicas e pedagógicas ou nos confessionários das igrejas. A oficialização da ciência sexual no século XX, principalmente com os estudos de Freud sobre a sexualidade, contribuiu para que se formasse o trinômio-poder, saber e prazer.

2. 3 DISCURSO RELIGIOSO E O PENSAMENTO COMPLEXO

O interlocutor do discurso religioso, isto é, o fiel, geralmente procura uma comunidade de fé para encontrar seu sentido de vida, para obter respostas, ou seja, para encontrar certezas que contribuam para dirimir suas dúvidas e questionamentos acerca de assuntos que lhe são estranhos e misteriosos. O pensamento religioso então, esperado é um que apresente certezas, unicidade de pensamento e efeitos lineares.

Segundo Edgar Morin (2005), espera-se que o pensamento sirva para retirar o ser humano das trevas do conhecimento e ordenar claramente o real, revelando as leis que o governam. Contudo, com o passar do tempo e a evolução científica, evidenciou-se que os modos simplificadoros do conhecimento não deram conta de explicar os fenômenos, produzindo mais cegueira do que clareza, tornando-se necessário recorrer ao fato de que o pensamento é complexo. E isto, implica não em certezas ou explicações lineares, e sim “confusão, incerteza, desordem” (2005, p.5).

Não se pode falar em pensamento complexo e defini-lo em uma só palavra, pois complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução (MORIN, 2005, p. 6).

A teoria da complexidade do pensamento nos leva a tratar com formas de uma ideia que consiga lidar com o real, negociar e dialogar com ele. Isto significa que pensar complexamente tenta o mais possível integrar os modos simplificadoros de pensar, ao mesmo tempo em que recusa as “consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade”. (2005, p. 6). Por isso, o pensamento complexo não se propõe a trazer uma completude, pois ele reconhece que o saber completo é impossível.

Nisto reside à dificuldade dos discursos religiosos sobre sexualidade. Os líderes religiosos interpretam a Bíblia dogmaticamente, como se o conhecimento do assunto já estivesse consumado, completo. Morin (2005) desafia a maneira de organização do nosso saber no sistema de ideias (teorias e preceitos) do discurso evangélico protestante puritano no Brasil. Para Morin, qualquer conhecimento age através da seleção de dados relevantes e a rejeição de outros considerados não significativos.

O conhecimento separa, une, hierarquiza e centraliza, formando uma lógica regida por uma organização de pensamento ou paradigmas que se compõem de princípios ocultos governando a cosmovisão do ser humano, sem que se tome consciência disso. Para que haja uma libertação, precisa-se de uma conscientização de que os paradigmas mutilam o conhecimento e desfiguram o real, e precisa-se entender que o paradigma sobre o qual se tem determinado conhecimento simplificador é disjuntivo, redutor e abstrato.

O pensamento simplificador não consegue conceber a união do uno e do múltiplo, isto é, “ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade” (MORIN, 2005, p. 12).

Morin define a “inteligência cega” como algo que destrói os conjuntos e as totalidades, isolando todos os seus objetos do seu meio ambiente, causando então, uma falta de vontade de refletir e discutir o conhecimento, tornando o ser humano dono de um conhecimento registrado em memórias informativas que são manipuladas por forças anônimas, que segundo ele, em primeiro lugar os Estados.

Morin define os conhecimentos científicos monopolizados como ideias-chaves mais pobres por pretenderem abrir todas as portas, “como se a verdade estivesse fechada num cofre-forte de quem bastaria possuir a chave, o ensaísmo não verificado partilha o terreno com o cientismo limitado” (2005, p. 13). No caso do protestantismo brasileiro, ideias vêm sendo repetidas há séculos e que se encontram seladas, sendo este “cofre-forte” a Bíblia, cujos versículos são várias vezes citados e pretendidos como a “verdade pura”, esquecendo-se os líderes e expositores das doutrinas, que nenhuma verdade é completamente pura, pois dependeu da interpretação de autores, também influenciados pela filosofia e cultura de suas épocas, e que podem continuar sendo mimetizadas e repetidas debaixo de paradigmas, a despeito do tempo, do contexto cultural e da realidade contemporânea.

Em discursos fechados, não se consegue conceber a complexidade da realidade antropossocial, tanto em sua dimensão individual como no conjunto da humanidade, trazendo para o ser humano, infinitas tragédias conduzindo-o à tragédia suprema, que é a obtusidade e a pulsão cega.

Pode-se definir o pensamento complexo como “sendo tecido junto”. Isto é, não se pode expor um conhecimento pleno sem considerar outros fatores: o fator antropossocial, psicológico, espiritual. Evita-se, muitas vezes, este tipo de raciocínio

porque ele é desorganizador de certezas. O pensamento complexo deve enfrentar o jogo infinito das inter-retroações, a inter-relação dos fenômenos, a névoa, a incerteza, a contradição. Porém, torna-se necessário sair dos pensamentos simplificadores que mutilam através do doutrinário e dogmatismo que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem.

De acordo com Morin (2005), torna-se necessário que a racionalidade dialogue com o irracionalizável para que o conhecimento não encerre somente um sistema de ideias coerente, parcial e unilateral.

Para ele, o ser humano ainda se encontra na era bárbara das ideias²⁴, e na pré-história do espírito humano, tornando-se necessário civilizar o conhecimento através da aceitação do pensamento complexo.

O pensamento complexo baseia-se na lei da cibernética considerando o sistema aberto, onde as leis da organização da vida não são de equilíbrio e sim de desequilíbrio, recuperado ou compensado, de dinamismo estabilizado, e de que a inteligibilidade do sistema pode ser encontrada nele em contato e interação com o meio ambiente. Assim, a realidade consiste tanto no elo quanto na distinção entre o sistema e o meio ambiente (MORIN, 2005, p. 22).

Não se pode analisar um discurso, ou um sistema de ideias protestantes sobre sexualidade, partindo de um dogmatismo ou um conjunto de doutrinas, desconsiderando o contexto, a interação com o meio, com a época, com o sistema onde tais doutrinas se instalaram. “Como observa Maruyama, conceber todo objeto e entidade como fechado implica uma visão do mundo classificadora, analítica, reducionista, numa causalidade unilinear” (MORIN, 2005, p. 23).

A informação, dentro da teoria de Morin sobre o conhecimento, traz uma ideologia “informacional” que reifica a informação substancializando-a fazendo o conceito recuar a posições que tem como função ultrapassar. Portanto, a informação geralmente revela um aspecto limitado e superficial de um fenômeno, e que precisa ser organizado, mas de uma maneira diferente: um sistema auto-eco-organizador, isto é com sua própria individualidade, mas interagindo com o meio ambiente

²⁴ Todorov (2010) em seu livro *O medo dos Bárbaros* define algumas características dos bárbaros, a seguir: aqueles que em vez de reconhecerem os outros como seres humanos semelhantes a eles consideram-os assimiláveis aos animais, ao consumi-los ou julgá-los incapazes de refletir, e de negociar; indignos de viver em liberdade. Paulo em I Co. 14:10-11, toma a barbárie como uma questão do ponto de vista. Ainda citando Todorov, ele considera Bárbaro todo aquele que não reconhece a plena humanidade dos outros. (p.31). E é aqui que Morin se refere à era bárbara das ideias. Somente a ideia de um é considerada, sem respeitar a ideia do outro que é diferente.

ricamente. O indivíduo que necessita de alimentos, de material/energia, mas também de informação e de ordem. O meio ambiente presta um papel importante para que haja uma interação e independência. Pode parecer paradoxal, mas o sistema não pode se concluir, se fechar ou ser autossuficiente, porque o meio ambiente encontra-se nele e o enriquece.

O contrário parece acontecer no meio protestante que assume a postura hermética em suas reflexões e discursos e não permite aberturas para que não se desestabilizem em seus dogmas e suas doutrinas.

Dentro do sistema do pensamento complexo, torna-se necessário aceitar certa imprecisão e uma imprecisão certa, não somente nos fenômenos como nos conceitos. Uma das grandes capacidades descobertas no cérebro humano foi justamente a capacidade de trabalhar com o insuficiente e vago, por isto hábil para aceitar certa ambiguidade e uma ambiguidade precisa (tanto na relação sujeito/objeto, ordem/desordem, auto/hetero-organização) como reconhecer fenômenos tais como: liberdade ou criatividade, inexplicáveis fora do quadro complexo que é o único a permitir sua presença.

Dentro do mundo fechado protestante, torna-se difícil aceitar a incerteza, a ambiguidade, já que os sujeitos religiosos geralmente procuram a igreja para obter uma certeza ou uma esperança de que há um mundo além deste, que lhes dê esperança para seu sofrimento. Esta certeza se amplia para outras certezas que incluem também os dogmas e as doutrinas ensinadas por seus líderes. Sistemas fechados, simplificadores, trazem mais segurança do que um sistema de ideias de ampliação estendendo-se para mais ampliação e horizontes indefinidos constantemente se auto-organizando (onde o termo “auto” traz em si a raiz da subjetividade) (MORIN, 2005, p. 38).

Se tomarmos o conceito de Baccega (2000), que cada grupo tem à sua disposição um recorte da língua como um todo e que o sentido das palavras, dos signos é estabelecido, primeiramente nesse conjunto, pela interação entre eles no interior do próprio conjunto e também num processo constante dos discursos desse conjunto interagindo com outros discursos dos demais conjuntos, que por sua vez tomam outros “recortes”, precisa-se analisar o discurso sabendo que em todo discurso haverá a enunciação e o enunciador.

A enunciação pode ser definida como o lugar de onde brota o discurso. O enunciado seria a manifestação deste discurso, seja na modalidade escrita ou na

oral. A enunciação se relaciona com a ideologia. O discurso religioso, portanto, nasce de uma ideologia religiosa moral, interpelada pelas filosofias e construções ideológicas religiosas através dos séculos até nossos dias.

Na verdade, todo signo ideológico vivo tem duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras. Essa dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia (BAKHTIN, 1988, p. 47).

Na análise dos discursos religiosos dos líderes escolhidos verificar-se-á essas formações discursivas nos seus espaços dialéticos onde habitam contradições e contrários em um conflito constante entre “reprodução e transformação, entre conservação e mudança” conforme os conceitos de Baccega (2000).

Os líderes religiosos foram escolhidos seguindo como critério sua influência na sua denominação em épocas diferentes, seu discurso sobre sexualidade para nos dar a possibilidade de verificar a interseção entre eles, diferenças e ideologia.

2.4 JAIME KEMP- MISSIONÁRIO NORTE-AMERICANO

Pastor, missionário norte-americano, palestrante influente no Brasil desde a década de 60. Formou-se no seminário Western em Portland, Estado de Oregon, e na Universidade Biola- Califórnia onde recebeu o doutorado em “Ministério da Família”, especializando-se em aconselhamento conjugal. Veio casado para o Brasil em 1967 para trabalhar com jovens orientando-os sobre namoro, noivado, casamento e fundou a missão Vencedores por Cristo, que englobava uma banda evangélica importante e influente no Brasil com suas músicas que foram incorporadas no hinário protestante brasileiro. Trabalhou durante 31 anos como

diretor nacional da agência missionária SEPAL através da qual deu inúmeras palestras em igrejas espalhadas por todo o Brasil, sendo reconhecido como defensor dos valores bíblicos da família.

Em 1998 fundou oficialmente a Associação Lar Cristão para atuar em seminários para a família, casais, jovens e adolescentes, com cursos apostilados com duração de 8 a 10 horas. Também veicula a Revista Lar Cristão, com vários articulistas sobre o tema família e relacionamento, direcionada aos evangélicos em geral e líderes na área de aconselhamento familiar. Jaime Kemp também participa de congressos para pastores e líderes com o intuito de fornecer ferramentas para o trabalho na área de família e ministério.²⁵

Além de inúmeros vídeos, CDs e DVDs com suas palestras, Jaime Kemp é o autor de mais de 50 obras, publicadas ao longo desses anos no Brasil.

Pela exiguidade de espaço e tempo, escolhi dois livros que considero mais pertinentes para a análise do discurso sobre sexualidade do referido autor: “*Eu Amo Você – Namoro, Noivado, Casamento e Sexo*”, republicado em 2005 pela editora United Press e “*Antes de Dizer Sim*”, publicado pela editora Mundo Cristão em 1984, em 2001 encontrava-se na sua 11ª edição. Em pesquisa no Google, Jaime Kemp tem mais de 6.230.000 entradas na internet, mostrando ter sido um autor de grande influência no ideário protestante brasileiro sobre sexualidade e relacionamento.

Jaime Kemp, norte-americano, mudou-se para o Brasil em 1967, durante o regime militar no Brasil, atuando como missionário da SEPAL organização que trabalhava com jovens e treinamento de líderes protestantes brasileiros. O protestantismo no Brasil também passava por uma grande revolução. Segundo Ariovaldo Ramos (2010)²⁶, enquanto o regime militar perseguia os líderes religiosos, jovens começaram a agir e um fervor renasceu em todas as denominações protestantes, com várias agências missionárias brotando tais como a própria SEPAL, Vencedores por Cristo, ABUB renovando a maneira de evangelização no Brasil.

Nessa efervescência de jovens se aglutinando e fervorosos dentro e fora das igrejas, Jaime Kemp iniciou seu ministério. Com a revolução dos hippies dos anos

²⁵ Dados retirados de sua página de site oficial < <http://www.larcristao.com.br/biografia.php> > acessado em 06/06/2011.

²⁶ Livro com título “*A Herança protestante e o desafio da teologia da prosperidade*”, uploaded para a internet em 18/05/2010 por Luis Souza em <<http://www.scribd.com/doc/31514229/Ariovaldo-Ramos-A-Heranca-Protestante-e-o-Desafio-da-Teologia-da-Prosperidade>> acessado em 01/07/2011.

60 e a onda do “sexo drogas e rock ‘n roll” surgiu também a contracultura evangélica para resgatar os jovens evangélicos da cultura vigente de “paz e amor bicho”. Perguntas se levantavam nas igrejas: para onde vamos com nossa sexualidade? O que fazer com ela? Neste turbilhão de questionamentos Jaime Kemp, como Robinson Cavalcanti surgem para dialogar com esses jovens, quer seja nas suas igrejas, quer em reuniões em campi universitários, o último mais em ambientes informais em congressos e reuniões entre jovens universitários, e o primeiro em ambientes institucionais de igrejas e congressos da própria SEPAL, ou montados por igrejas evangélicas.

Os livros que escolhemos de Jaime Kemp lidam majoritariamente com o namoro e casamento, dividindo-se em:

- Com quem namorar
- Como namorar
- Que atos sexuais se podem praticar quando solteiros.
- Como se comportar dentro do relacionamento matrimonial heterossexual.

Partimos do pressuposto que Jaime Kemp vem de um pano de fundo religioso Puritano onde, segundo Weber (1994), a ética religiosa influenciava fortemente a conduta dos homens nas diversas sociedades, pois o ser humano age de acordo com sua cosmovisão, os dogmas religiosos e suas interpretações são partes integrantes dessa visão do mundo. Kemp (2001) escreve um livro *Antes de Dizer Sim* com sua primeira edição em Junho de 1984, e sua 11ª edição em 2001. Este se destina a noivos e a conselheiros e líderes de igrejas evangélicas com o intuito de formá-los a aconselhar os noivos nas diversas áreas antes de se casar. Como exemplo: quem escolher, reconhecer o ambiente familiar de cada parceiro, como se comportar durante o namoro e noivado. Dividiremos por sessões por questões didáticas:

2.4.1 Quem Escolher

Kemp inicia seu discurso contando uma experiência de um aconselhamento a uma jovem que namorava um rapaz que não confessava sua mesma fé, isto é, não era protestante. Citando II Coríntios 6: 14 -16 ele afirma uma doutrina sobre não se relacionar, muito menos casar com alguém que não é protestante. Comparando o não protestante como “trevas”, “santuário dos ídolos” e como alguém “totalmente nas mãos do diabo”. Isto é, com tais termos para descrever o jovem ou a jovem que não tem como confissão de fé a protestante, o jovem protestante deve se afastar e temer qualquer tipo de comunhão ou contato com tal pessoa.

Paulo fez cinco comparações para enfatizar que um casamento misto não dá certo. Primeiramente, "não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos".

Em segundo lugar ele pergunta, "será que existe sociedade entre a justiça e a iniquidade?", isto é, não há possibilidade de trabalharem juntos. Em terceiro lugar, "Que comunhão há entre a luz com as trevas?". Somos filhos da luz. Não há possibilidade de termos comunhão com os filhos das trevas. O comportamento e filosofia e os valores são diferentes. Em quarto lugar, Paulo pergunta, "ou que união pode haver do crente com o incrédulo? Fomos comprados por um preço alto, não pode existir unidade entre o santuário de Deus e os ídolos. Em quinto lugar, "que harmonia pode haver entre Cristo e o Maligno?" Aqui Paulo não fala apenas de um descrente, mas de alguém totalmente nas mãos do diabo²⁷ (KEMP, 2001, p. 25-26).

Segundo seu conselho, uma vez resolvida a escolha entre um protestante e um não protestante, e escolhendo o primeiro, a vida matrimonial desse sujeito será harmoniosa e feliz.

Colocar-se em jugo desigual resulta em casamento incompleto, porque o aspecto prioritário, que é a unidade espiritual, está perdido. Uma vez tomada essa decisão, a segunda será: "Vou basear nosso namoro e noivado nos princípios de Deus" (KEMP, 2001, p. 27).

²⁷ O descrente, isto é, o incrédulo, Segundo o Protestante Puritano, é filho do maligno (Diabo) e considerado alguém perdido nas mãos do diabo. Isto demonstra a obtusidade do discurso, e a barbaridade das ideias que não respeitam as culturas diferentes e nem a fé diferente do outro.

Nesta introdução de aconselhamento aos jovens sobre com quem se relacionar, pode-se observar a ética Puritana do casamento. Segundo Leland Ryken (1992) a ética puritana da criação de filhos se constituía em “treinar as crianças no caminho em que deveriam seguir, cuidar dos seus corpos e almas juntos, e educá-los para a vida adulta sóbria, santa e socialmente útil” (p.10).

Se para os Puritanos o casamento era ordenado por Deus para beneficiar a vida natural e espiritual do homem, (RYKEN, 1992, p. 63), não faria sentido uma jovem ou um jovem casar-se com alguém que não compartilhasse de sua mesma fé.

A convicção puritana é de que a interpretação literal da Escritura deve tomar grande importância, não aceitando a alegorização. Por isto, quando Kemp menciona Paulo na sua segunda carta aos Coríntios, versos 14-16, quando a Bíblia se refere aos não cristãos como “filhos das trevas”, a leitura deste verso é literal. Quem não professa a fé protestante²⁸ é considerado “filho das trevas”. Portanto, unir-se a um não protestante seria se “atar a um jugo desigual”.

“A Escritura tem só um sentido”, declarou Tyndale, “que é o sentido literal, e esse sentido literal é a raiz e a base de tudo, e a âncora que nunca falha.” Thomas Gataker concordou: “Senhor, não ousamos alegorizar as Escrituras, onde a letra dela nos fornece um sentido claro e próprio” (RYKE, 1992, p. 155).

No livro *Eu Amo Você* (2005) a tônica continua a mesma. O jovem ou a jovem só deve namorar alguém que professa sua mesma fé protestante.

Não há dúvida nenhuma de que nós devemos ser luz e sal. Luz que deve brilhar na escuridão e sal para preservar o que resta duma sociedade pervertida, corrupta e decaída. Isso requer a nossa presença, e até amizade, com pessoas da sociedade, mas Paulo está se referindo a intimidades como ocorrem no namoro, noivado e casamento (p.22).

²⁸ Mesmo que os católicos sejam também cristãos, para a cultura puritana protestante eles não são considerados filhos de Deus e sim criaturas de Deus, consequentemente “filhos das trevas”. Não podendo, ou devendo, dentro da cultura protestante um jovem ou uma jovem protestante se casar com uma jovem ou um jovem católico, ou de qualquer outra religião.

O autor considera a sociedade, não convertida ao protestantismo, “pervertida, corrupta e decaída”, referindo-se à queda mencionada no livro do Gênesis capítulo 3, como professa a doutrina calvinista.

No último capítulo falamos sobre a importância do namoro cristão. Isto quer dizer que ele e ela são crentes, lavados pelo sangue de Jesus Cristo, santificados e justificados. Deus nos fala: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”*. Colocar-se em jugo desigual resulta em um casamento incompleto, porque o aspecto prioritário do casamento, que é a unidade espiritual, está perdido. Esta é a decisão primária que todo jovem crente deve tomar (p. 24).

No seu discurso, Kemp ensina os jovens a conversarem com Deus para adquirir coragem de acabar um relacionamento com alguém que não professe sua mesma fé. Ele mesmo admite a dificuldade de tal passo, mas promete que será o melhor para o (a) jovem no futuro. Novamente, a ideologia aparece carregada de uma promessa de bem-estar futuro.

*Senhor Jesus, confesso que há dentro de mim uma luta muito grande porque quero a tua vontade. Por outro lado, também quero aquele homem bonito. Senhor, eu sei que ele não é crente, mas é um cara tão legal, mais cavalheiro do que a maioria dos rapazes crentes que eu conheço. Senhor, temos tanta coisa em comum. Tu não achas que eu posso ganhá-lo para o teu reino Senhor, quando eu paro e penso nestas minhas justificativas, sei que estou errada. Jesus, quero um marido crente que assumirá a liderança espiritual do meu lar. Portanto, dá-me coragem para conversar com ele e, se for necessário, desmanchar meu namoro. Senhor, tu sabes que isto não vai ser fácil para mim e por isso eu peço sabedoria e força para obedecê-lo. Amém!*²⁹(p. 23).

2.4.2 Como Namorar

Kemp estabelece algumas práticas para o jovem para que não “caia em tentações” de envolvimento físico, pois ele mesmo reconhece que elas virão. Os

²⁹ Decidi preservar o itálico original do livro.

jovens devem ter momentos de oração, compartilhamento de ações e da leitura da Bíblia para que Deus possa lhes orientar durante seu namoro e sua vida. Ele postula que tais exercícios espirituais servem como um treino para que possam continuar com essas práticas durante o casamento.

Kemp dá alguns exemplos de práticas que ajudam os jovens a evitar as tentações de ter contatos íntimos: orar juntos, passar a maior parte do seu tempo em grupo para evitar muito tempo a sós, devocional com louvores a Deus, ter uma comunicação aberta, leitura de bons livros, dentre os quais um deles sugerido é um dos que pretendemos analisar nesse trabalho: “Uma Bênção Chamada Sexo”, de Robinson Cavalcanti. Contudo, mesmo nos livros indicados, Kemp os acautela a não entrar em conversas longas e discussões sobre assuntos sexuais, para que não sejam despertados sexualmente.

Jaime Kemp promete aos jovens que se agir como lhes é ensinado, a casa deles será construída sobre a rocha e terão um casamento feliz.

2.4.3 Sexo... Por que esperar até o casamento?

Baseado em alguns versículos bíblicos (I Tessalonicenses 4: 1-8), Kemp advoga que o jovem deve esperar para consumir o ato sexual somente após o casamento:

Conforme o verso 3, a vontade de Deus é a nossa santificação. Isto quer dizer, pureza moral. É a separação dos padrões imorais da sociedade e a aceitação do padrão de Deus. Paulo está dizendo que Deus quer que dediquemos nossa vida a Ele e que nos abstenhamos da prostituição. Paulo não está falando só da comercialização do sexo pelas mulheres na rua, mas, da imoralidade sexual, seja em palavra ou ação (KEMP, 2001, p. 30).

Ao interpretar a palavra “defraudar” encontrada nos versículos mencionados acima, Kemp se vale de um versículo em outro contexto para passar uma ameaça velada ao jovem: “Ele é o Vingador”, isto é, se o jovem tirar vantagem do corpo da

moça com quem namora, e por tirar vantagem ele significa ter carícias íntimas, Deus “vingará” esta moça, colocando assim temor nos jovens para que tenham um namoro de acordo com as regras descritas no manual protestante.

A palavra defraudar significa tirar vantagem sobre o outro. Há várias maneiras de se defraudar, mas Paulo está falando aqui de uma defraudação sexual. Defraudar significa excitar, ou despertar desejos sexuais na outra pessoa, que não podem ser satisfeitos dentro da vontade de Deus, que é o casamento. A palavra defraudar, também significa utilizar como se fosse sua, a propriedade de outra pessoa. Jovem, seu noivo (a), não é sua propriedade. Ele (a) pertence ao Senhor. Portanto, promiscuidade antes do casamento representa roubar do outro a sua virgindade, que deve ser levada para o casamento. Isso é defraudar. Você pode dizer: "Mas ela (e) vai ser minha esposa (o)!" Como você tem certeza? E, mesmo tendo certeza, Deus disse que é contra esse procedimento entre pessoas solteiras. Ele é o vingador. Nós fomos chamados, não para a impureza, mas para novidade de vida (KEMP, 2001, p. 31).

Na concepção de Kemp, os princípios mencionados acima devem ser seguidos como garantia de um casamento harmonioso e feliz:

Um olhar sensual, uma roupa, são maneiras de um jovem defraudar outro. Contatos físicos constantes e longos períodos de carícias devem ser evitados. Quando a intimidade física se desenvolve antes da espiritual, forma-se uma nuvem de culpa entre o casal, e entre eles e o Senhor. Muitos casais que aconselho, tem graves problemas no casamento porque não cuidaram de seu relacionamento físico, e agora há desconfiança, infidelidade, brigas, frustrações e sentimento de culpa. Se você deseja um casamento feliz, decida não defraudar seu (sua) noivo (a). Lá no altar, você poderá dizer-lhe: "Querido (a), com esta aliança estou me entregando totalmente a você". Espere no Senhor e você estará desenvolvendo um alicerce bem firme para seu casamento, um futuro lar harmonioso (p.32-33).

O discurso de Kemp sobre Deus ser o “vingador” de uma jovem que seja “defraudada” pelo namorado denota um Deus cruel e punitivo e traz em seu bojo uma conotação negativa da sexualidade.

No seu livro *Eu Amo Você*, (2005) Kemp novamente se reporta ao jovem admoestando-o a não “defraudar” seu (sua) parceiro (a) explicando mais claramente sobre o mal causado por este ato. Estendendo a seriedade de qualquer ato que leve a despertar os impulsos sexuais um no outro.

Não podemos estabelecer uma série de "regrinhas". Deus nos dá claramente o princípio que nos limita no nosso relacionamento físico: não defraude! Na hora que você começa a excitar desejos sexuais que são totalmente puros em si, você começa a defraudar. Não estou dizendo: não se toquem. Para alguns é só pegar na mão da menina ou do rapaz; para outros, é poder beijar e abraçar na despedida. A regra é sempre não despertar os impulsos sexuais no namorado (a) (p.34).

Na continuação deste discurso, ele coloca sobre a mulher a função de controlar os impulsos do homem, pois na cultura brasileira, geralmente se ensina às jovens que cabe a elas imporem limites até onde o jovem pode ir com suas carícias no namoro.

Bem-aventurada a moça que tem a coragem de dizer não! Não há muitas moças que têm essa coragem de obedecer ao Senhor. Muitas moças têm falado para mim: "Mas, Jaime, eu preciso me entregar pelo menos um pouco para meu namorado; preciso deixá-lo 'brincar' um pouco, senão ele vai achar que sou fria e me largará que nem uma batata quente". Mas isso não é verdade! (p. 34).

Tentar reprimir as pulsões de um jovem pode ser uma empreitada, em sua essência, impossível, pois, segundo Ceccarelli (2000):

O sexual infantil está sempre pronto a fazer retorno nas situações mais inusitadas e nos momentos mais inesperados: os sonhos, os atos falhos, os sintomas, as fantasias mais secretas e os desejos mais inconfessáveis, as frustrações e as insatisfações que trazem as pessoas a nossos consultórios, tudo isto testemunha o fracasso tanto do recalçamento quanto da tentativa de criar-se uma sexualidade

“ideal” que corresponderia a uma “natureza humana” que se pretende universal; onde este recurso falha, quando determinada expressão da sexualidade escapa ao recalque, ou não corresponde ao ideal, temos o preconceito (p. 32).

Influenciado pelo ideal do Puritanismo no que concerne a sexualidade, Kemp estabelece um parâmetro da vivência sexual ideal: uma repressão aos impulsos sexuais inerentes ao ser humano desde seu nascimento, resultando em culpa, ou mesmo em inveja aos que praticam tais atos sem as regras que lhes são impostas pela religiosidade. Segundo Ceccarelli (2000), tais discursos têm pouca eficácia defensiva porque cria um paradoxo: se por um lado o jovem sente os desejos sexuais como repulsivos, ou mesmo como algo “monstruoso e perigoso” (haja vista a promessa de que o próprio Deus vingará aquele que for tocado ou vivenciar sua sexualidade com outro), por outro lado “as pessoas os sentem como sedutores” e o sentimento de culpa pode aparecer pela tensão entre o eu e o ideal de eu (isto é, o que quero ser e o que realmente sou).³⁰

Em nossa cultura ocidental, como vimos, a tradição judaico-cristã influenciou fortemente a criação dos ideais e, conseqüentemente, aquilo que seria “normal” em termos de sexualidade: é normal a sexualidade, que a referência animal nos mostra, dedicada à preservação da espécie (CECCARELLI, 2000, p. 32).

Para ajudar o jovem a se manter firme em não ter muita intimidade no namoro, Kemp os aconselha a realizar certas práticas espirituais, tais como oração, ler e estudar a Bíblia juntos. Para Kemp, desenvolver uma intimidade espiritual ajudará a controlar o casal e o ajudará a se abster de intimidade física, que se praticada, poderia acarretar sérias conseqüências, tais como: “sentimentos de culpa, barreira na comunicação, desconfianças, ressentimentos e amarguras” (p.124). Ao contrário, a promessa é de que se o jovem colocar “suas emoções, vontade e

³⁰ Na psicologia, segundo Freud, a depressão se instala quando o ser humano entra em tensão entre o que realmente é e o ideal de eu, isto é, aquele ideal que projetou para si mesmo. Na Sexualidade do jovem, esta tensão pode aparecer diante do discurso que ouve e o que realmente consegue praticar, já que no discurso protestante, até o pensar, fantasia sexualmente é considerado pecado e imoral, portanto, passivo de punição divina.

desejos” debaixo do controle do Espírito Santo, ele conseguirá ter um namoro e noivado tranquilos.

Neste discurso, com resultados catastróficos se a sexualidade for explorada no namoro e promessas de harmonia e felicidade ao se evitar a intimidade física, a repressão sexual se instala de uma maneira velada. Segundo Marilena Chauí (1985), como o sexo encontra-se essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tivessem como objetivo a procriação seriam consideradas pecaminosas. Como o sexo é função vital de um ser caído, quanto menor a necessidade sexual sentida menos caído alguém se torna porque se purifica cada vez mais. Desta maneira, Kemp se enquadra na fala de Chauí (1985) quando ela afirma que existe uma:

Pedagogia cristã de incentivar e estimular a prática da continência (moderação) e da abstinência (supressão) sexuais, graças a disciplinas corporais e espirituais de tal modo que a elevação espiritual traz como consequência o abaixamento da intensidade do desejo, e, conforme a mesma mecânica, a elevação da intensidade do desejo sexual traz o abaixamento espiritual (p. 87).

Entre 1927 e 1933 Freud consagrou três textos sobre o estudo do homem através do estudo das comunidades humanas: “O futuro de uma ilusão” (1927), “O mal-estar na cultura” (1929) e “Por que a guerra?” (1933), onde ele afirma que os processos presentes no desenvolvimento da civilização assemelham-se aos do nascimento do eu, cabendo à civilização dominar as forças da natureza, isto é, o eu deve dominar as excitações externas como as internas. Porém, este difícil processo, pode gerar a neurose, ou seja, uma criança não consegue adaptar suas pulsões à cultura, cuja evolução vem se desenvolvendo há milhares de anos. Portanto, o ser humano sempre entrará em conflito quando os impulsos sexuais, que atuam sem censura instintivamente, necessitam se submeter às exigências da realidade, no nosso caso, nas exigências da religião, ao superego (ou censura), aos ideais (neste caso do discurso religioso). Então, os ideais que são construções culturais, serviriam para “direcionar”, para normatizar aquilo que, de outra forma, seria percebido como ameaçador. Para Freud (1929), nem sempre a repressão sexual elimina os impulsos sexuais, e sim os recalca.

As renúncias pulsionais impostas pelo processo civilizatório não bastariam para inibir o retorno do sexual recaiado. E é aí que entram os ideais, que funcionariam como uma espécie de auxiliar no processo de recalcaamento. Temos, então, dois movimentos simultâneos: o primeiro, presente na origem mesmo da história da espécie humana, diz respeito à renúncia do gozo narcísico em detrimento dos valores culturalizados, o que levou a grandes modificações psíquicas para que das moções pulsionais fossem recalcaadas; o segundo movimento, em razão da pouca eficácia deste primeiro expediente, lança mão dos ideais para reforçar o recalcaamento (FREUD, 1929 apud CECCARELLI, 2000, p. 31).

Diferentemente da teoria católica romana sobre o ato sexual, que o via como um mal necessário dentro do casamento somente para procriação, muitas vezes até requerendo castidade e celibato aos seus padres, o Puritanismo protestante pressupunha o lugar do sexo como prazeroso dentro do relacionamento matrimonial, tornando-se assim revolucionários em seus dias. Com a irrupção da Reforma Protestante, no século XVI, Thomas More (católico) e William Tyndale (protestante) argumentaram face a face sobre a liberdade dos ministros para casar. Se a mulher para os teólogos católicos representava uma fonte de tentação, para os puritanos eram consideradas “um presente de Deus” (RYKE, 1992, p. 57). Os Puritanos ligavam o casamento ao ato sexual:

Casamento é um acoplamento de duas pessoas numa só carne, de acordo com a ordenança de Deus... Por jungir, unir ou acoplar, se se quer dizer assim, não apenas o aparente habitar juntos das pessoas casadas [...] mas também um acordo uniforme de mente e uma participação comum de corpo e bens (CLEAVER, p. 111 apud RYKE, 1992, p. 58).

Por compreenderem a doutrina da criação de que Deus haveria criado as pessoas como seres sexuais, os Puritanos não aceitavam o ascetismo católico, pois para eles sexo era um apetite natural e biológico implantado por Deus, devendo, portanto, ser usufruído dentro do relacionamento matrimonial. O sexo então deveria ser planejado para ir além de um ato físico. Para os Puritanos, o matrimônio deve

conter amor e sexo como propósito, sem esquecer a união espiritual entre homem e mulher. Segundo Thomas Becon o matrimônio é uma:

Alta, santa e abençoada ordem de vida, ordenada não pelo homem, mas por Deus [...] no que um homem e uma mulher são acoplados e entretecidos numa carne e corpo no temor e amor de Deus, pelo livre, amável, entusiástico e bom consentimento de ambos, com a intenção de que os dois habitem juntos como uma carne e corpo, e uma mente e vontade, em toda honestidade, virtude e santidade, e passem suas vidas a compartilhar igualmente de todas as coisas quanto Deus lhes enviará, com ação de graças (apud RYKE, 1992, p. 64).

Embora o protestantismo tenha uma tênue diferença na cosmovisão do propósito do ato sexual, não se pode negar que sofre uma profunda influência da visão Católica Agostiniana no que concerne a sexualidade. Segundo Chauí (1985), Agostinho dissertava sobre o problema do conhecimento e a luta contra o prazer. No seu livro, *Confissões*, onde narra sua vida “pecaminosa” até à conversão, graças à sua mãe, Mônica, ele mostra que alguns impulsos o atormentavam: “a concupiscência da carne (a luxúria), a dos olhos e dos perfumes, a gula e a ambição do mundo (o poder)”. Ele insiste na palavra “tentação” porque sua teoria do homem dá lugar central à liberdade da vontade, conceito de ambiguidade insuperável (como se evidenciará no protestantismo), pois da vontade depende nossa perdição (sucumbir voluntariamente à tentação, ao que vem de fora e de dentro de nós pela carne), (p. 96).

Para resolver a tensão entre o desejo do prazer e a espiritualidade, o cristianismo exerce uma ação repressiva sobre o desejo do conhecimento, que, aliás, cresce em igual proporção à sua repressão (CHAUÍ, 1985, p. 97).

Para atenuar a marca do pecado original, o desejo intrínseco ao ser humano, o casamento surge como um remédio. Porém, não sem limites. “Como observou um historiador, no leito conjugal os cônjuges nunca estão sozinhos: partilham a cama com a sombra da Igreja” (CHAUÍ, 1985, p. 99).

2.4.4 Sexo – Somente para os Casados

Assim como a doutrina Puritana reserva o ato sexual para o casamento, abençoando-o e vendo-o não somente para procriação, mas também como fonte de prazer, Kemp considera o ato sexual um privilégio somente para os casados, ao mesmo tempo em que constata o alarmante (sic) resultado de uma pesquisa recente (em 1992) com jovens de 16 a 22 anos quando os dados revelaram que 91% dos homens e 35% das mulheres não protestantes já haviam tido relações sexuais antes do casamento. Segundo ele, o diabo haveria saturado as mentes dos jovens, e estes já influenciavam grande parte dos jovens evangélicos.

Uma outra pergunta foi a seguinte: "Para você sexo é uma coisa natural que pode acontecer entre duas pessoas a qualquer momento?". A esta pergunta, 53% dos homens e 35% das mulheres responderam sim. Mas a pergunta mais assustadora da pesquisa foi a de n.º 15: "Você é a favor do amor livre?". 80% dos homens e 71% das mulheres responderam sim (KEMP, 2001, p.82).

Se o sexo for praticado antes do casamento poderá atrair consequências desastrosas tais como: "encrências, desconfianças, frustrações e infidelidade no casamento" (p.83).

O filósofo Louis Althusser (2001), que versava sobre aparelhos ideológicos de Estado, afirmou que no período medieval a Igreja constituía o aparelho ideológico dominante. Para ele, os aparelhos ideológicos do estado objetivavam manter e gerar a reprodução social, porém com as ideias da classe dominante do poder. O indivíduo sujeitado a essas ideologias não percebe o que ocorre porque os valores que lhes passam vêm mascarados com a crença de que as estruturas sociais existentes são boas, necessárias e desejáveis e toda ideologia vem empoderada com a ideia de trazer o bem para quem a abraça (ALTHUSSER, 2001 apud FRANCO; SILVA, 2006). Assim, as proibições do ato sexual antes do casamento vêm veladas sob o pretexto de que trazem o bem-estar individual e social se acatadas.

Sob esse mesmo tema, o Pr. Paulo César e sua esposa Pra. Claudete Brito também concordam que o sexo não é pecado, desde que “praticado dentro do casamento” (1996, p. 17).

Para Kemp, o sexo deve ser praticado para prazer, mas o ato sexual prioritariamente deve ser para procriação de filhos. Para ele, o sexo também se constitui um ato de comunicação entre marido e mulher e de cuidado.

Kemp estabelece regras para a não realização do ato sexual:

- 1) O período um pouco antes e depois do nascimento de um filho;
- 2) O período menstrual da esposa;
- 3) No caso de algum problema fisiológico da esposa, que então, deve ser tratado e resolvido por um médico de confiança (p.89).

Assim como os Puritanos, Kemp também interpreta a Bíblia literalmente, ele se baseia no versículo do Antigo Testamento que, segundo as leis judaicas considera a mulher impura durante seu período menstrual, proibindo o marido de se aproximar dela. No livro “*Eu Amo Você*” (2005) em sua 19ª edição, Kemp aborda o assunto namoro e casamento, desta vez acalmando o coração do jovem quanto à mulher ou o rapaz com quem vai se casar, aconselhando o (a) a deixar nas mãos de Deus. Extraíndo este conceito de sua experiência pessoal ao acabar um namoro com uma jovem que muito amava, e mais tarde conhecendo uma jovem que seria o ideal para acompanhá-lo em seu chamado missionário.

Jovem, você está dormindo na vontade de Deus? Na hora "H" você duvida da promessa de Deus? Deus sabe o que é melhor para você. Ele o criou, e o salvou e sabe quais são todos os seus desejos mais íntimos. Por que, então, você não descansa num Deus de tão profundo conhecimento? (KEMP, 2005, p.12).

Novamente, Kemp instrui o jovem a se manter abstinente até o matrimônio, sob o perigo de desenvolver culpa, causar brigas e problemas durante o casamento. Ele compara o ato sexual pré-conjugal com prostituição. Citando I Tessalonicenses 4:1-8 ele explana:

Quando nós pensamos em prostituição, geralmente pensamos naquela mulher da rua, vendendo o corpo para que um homem possa ter alguns momentos de prazer. Mas Paulo não está falando especificamente da comercialização do sexo. A palavra usada aqui significa "imoralidade sexual", seja esta em pensamento, palavra ou ação. Conforme pesquisa realizada entre a mocidade evangélica do Brasil, descobri que uma grande porcentagem dos jovens crentes até 21 anos de idade tiveram relação sexual com suas namoradas. [...] Quando o homem vem para o leito matrimonial, ele deve poder dizer para sua esposa, assim como a esposa para o marido: "Querido (a), tenho esperado por você e dou todo meu amor exclusivamente para você!". Muitos jovens não podem fazer isso. Quando há intimidade sexual no período de namoro e noivado, a culpa por causa disso pode ter efeitos negativos no casamento e ser fonte de muita irritação e brigas (p.32).

Kemp sabe que seu discurso sobre sexualidade é antagônico ao praticado fora da igreja protestante, mas confere autoridade ao seu discurso ao invocar Deus e seus "elevados" padrões e expectativas sobre a vida de um fiel.

Kemp (2005) afirma que "O mundo, a sociedade, acha que os crentes são muito quadrados. Mas o que o descrente acha que não é tão importante em relação àquilo que Deus pensa, e Ele nos deu o Seu padrão" (p. 35).

Kemp recorre ao argumento da desobediência a Deus do primeiro homem e a primeira mulher. No jardim do Éden que tornou o ato sexual pecaminoso. A malícia entrou no ser humano fazendo-o deturpar a beleza do sexo. Crer na queda do ser humano conduz todo o fio do pensamento de Kemp sobre a sexualidade, como também dos puritanos.

Desde aquele dia o sexo tem sido deturpado pela pecaminosidade do homem. Deus criou o sexo puro, uma expressão linda do relacionamento conjugal. Mas o homem — pecador e corrupto — arrastou uma coisa linda que Deus criou para a lama dos seus próprios pensamentos e prazeres. Somente quando estudamos a Bíblia é que podemos ter um ponto de vista divino e voltar a desfrutar desta parte da criação de Deus (p. 49).

Apesar de Kemp afirmar que o ato sexual deve ser somente após o casamento, de instalar na mente do jovem o cuidado para não despertar impulsos sexuais ou excitação no seu parceiro ou parceira durante o namoro, ele corrobora

com o pensamento dominante do Puritanismo que o ato sexual dentro do pacto conjugal não se destina somente a procriar, mas também para ser desfrutado prazerosamente pelo casal. Com isso, ele rompe com o pensamento da igreja Católica Romana que considera como único objetivo do ato sexual a procriação e preservação da espécie.

Embora conservando a tradição religiosa histórica de que o sexo pode ser pecaminoso se não se enquadrar nas regras cristãs do limite do matrimônio, Kemp abre para um diálogo maior sobre sexualidade nas diversas denominações evangélicas, falando sobre um assunto considerado tabu.

A nossa sexualidade não visa somente gerar filhos e providenciar um meio de comunicação, mas também proporcionar prazer conjugal. [...] Existe a possibilidade dentro do plano de Deus de desfrutar do sexo sem o intuito de procriação?"Eu falei: "Sim, a Bíblia é abundantemente clara ao dizer que Deus designou o sexo para ser também um meio de prazer". Os escritores da Bíblia, às vezes usando uma linguagem poética, descrevem os órgãos genitais, os impulsos, energias e desejos sexuais. Uma ilustração deste fato encontramos em Provérbios 5, onde o grande sábio Salomão exorta seu filho sobre os perigos da mulher adúltera e exalta as delícias da expressão sexual com a esposa. [...] No versículo 15, Salomão usa as expressões "cisterna" e "poço. [...] Salomão exorta o seu filho a beber da sua própria cisterna e das correntes do seu poço, ou seja, satisfazer-se com a sua esposa. Deus está dizendo que o prazer sexual se encontra na própria casa, com seu próprio marido e esposa. As forças sexuais não podem ser espalhadas desordenadamente pelas ruas e praças da cidade (p. 61).

2.5 PAULO CÉSAR E CLAUDETE BRITO

Pastores líderes da Igreja Evangélica Missionária Maranata no Rio de Janeiro. Autores do livro: *Sexo – Os Limites do Prazer*, publicado pela Editora Vinde em 1996, encontra-se na terceira edição. Atuam semanalmente no programa de TV *Louvor e Mensagem* aos sábados às 8.30 na Rede Bandeirantes. Paulo César Brito, 63 anos é cantor, compositor, pastor de renomado carisma e líder de onze igrejas espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro.

Pesquisei no Google e encontrei 1.490.000 entradas. Paulo César Brito com sua igreja na Tijuca, bairro de classe média carioca, exerce uma influência marcante

na cidade do Rio de Janeiro, e por que não afirmar em outros estados do Brasil e nos Estados Unidos com seus cursos e palestras para casais.

Pastora Claudete Affonso Brito é arquiteta com especialização em acústica e exerce seu ministério pastoral junto ao seu marido na área de ensino de casais. Preside a atual diretoria da Igreja Evangélica Missionária Maranata e a administra. Tem coautoria com seu marido em diversos hinos.

No seu livro “*Sexo – Os limites do prazer*” (1996), Paulo César e Claudete Brito reconhecem que sexo tem sido um assunto considerado tabu há muito tempo, e que somente na década de 90 as igrejas têm enfrentado o tema com coragem. Por darem muitas palestras para casais, inclusive dentro das igrejas, o livro saiu como um manual a ser utilizado por eles.

Citando versículos extraídos da Bíblia, tais como Eclesiastes 9:9, Deuteronômio 24:5; Gênesis 26:8; Cantares 1:2-7:8-9 eles já explicitam que não consideram sexo pecado, mas que este ato deve ser praticado somente dentro dos laços matrimoniais (p.17-19). Novamente, encontra-se o rigor Puritano da prática da sexualidade inserida dentro de limites.

Borrillo (2010) afirma que “A resposta moral é clara: o prazer sexual é legítimo somente na medida em que não é acompanhado de um ato suscetível de entrar a reprodução” (p. 53).

Segundo Hobbes (2001), o discurso puritano nunca, ou apenas brandamente, “atacavam os vícios lucrativos dos homens do comércio e artesanato, tais como a dissimulação, a mentira, o engodo, a hipocrisia ou outras coisas descaridasas” (p.5), mas, atacavam o sexo efetivamente com severidade denunciando dois pecados: a concupiscência e a blasfêmia. Ora, as pessoas não entendiam que concupiscência não se refere somente ao ato sexual, mas em cobiçar também o bem do próximo, o lucro perverso, por isto o ser humano nunca tem escrúpulos ou se preocupam tanto a atos de fraude e malícia, mas somente “preocupando-se em se manter afastados do impudor, ou, pelo menos do escândalo que isso acarreta” (p.60).

A proibição de jovens a se absterem sexualmente até o casamento, segundo Hobbes (2001) e até mesmo de condená-lo em se excitar ao vislumbrar o corpo do outro, mesmo controlando seu avanço e nunca concretizar sua fantasia, levava (e até hoje leva) os moços ao desespero e a se “julgar condenados à danação, porque não podiam (como não pode homem algum, por ser contrário à constituição de nossa natureza) contemplar um objeto delicioso sem se deleitar” (p.60).

Atente que Kemp em seus dois livros enfatiza o jovem a não se deixar excitar por carícias e aconselha a jovem a não usar roupas que possam seduzir ou causar o moço a “pecar” desejando-a.

Os Puritanos também se tornavam assim, doutores espirituais e confessores da consciência dos sujeitos que se viam perturbados por não conseguir seguir todas as regras impostas pela religião, principalmente no que concerne a sexualidade.

Nesta luta entre o discurso oficial religioso e os desejos humanos, Sampaio (2007) reconhece que o corpo humano encontra-se sob o controle dos “rígidos códigos de pureza” (p.140). Para Sampaio (2007), o discurso religioso não apenas disciplina os corpos, mas a economia, a política e as relações sociais atrelando a bênção sagrada ao sucesso em conseguir obedecer às regras impostas pela religião. Para tal, o pastor, ou preletor exige do corpo ofertas e sacrifícios para que alcance sua condição de pureza e proximidade do sagrado.

Enquanto Hobbes (2001) afirma que os discursos dos Puritanos também atacavam a opressão, questiona-se que tipo de opressão se coloca através dos discursos contemporâneos sobre a disciplina do corpo. Para se aproximar do sagrado, ou do ideal de um bom cristão, torna-se necessário sucumbir ao discurso sagrado normativo.

Segundo Brito e Brito, os homens reclamam que as mulheres eram autoritárias no “comando do lar”, mas sem iniciativa sexual. Este é um discurso inovador, pois o que se ouve em revistas e palestras, principalmente dentro de igrejas evangélicas, é que as mulheres devem assumir o papel de passivas, ser boas donas de casa e submissas aos maridos. Para o casal Brito, o livro de Cantares, relata o amor do casal dentro dos laços matrimoniais e dá à mulher um exemplo de como tomar iniciativas sexuais.

Chegou a hora, portanto, de as mulheres lerem Cantares e aprenderem um pouquinho com a Sulamita, que era uma mulher que sabia tomar a iniciativa. [...] Queixas como as que se seguem não devem ter mais vez nos nossos dias: “- O meu marido não se interessa mais por mim... Mas também eu fico na minha! Não faço nada [...] não procuro caprichar no visual... não crio nenhum clima... porque é ele que tem que criar. Se ele não me chama para o “amor”, eu é que não vou convidá-lo” (p.43).

Embutido neste discurso, o corpo feminino torna-se prisioneiro, e a mulher novamente colocada em cheque-mate. Se o homem atualmente reclama de não saber qual seu papel, pois em tempos passados era totalmente definido: provedor, ativo sexualmente, autoridade no lar, hoje a mulher é conclamada a fazer funcionar seu casamento tomando iniciativas, iniciativas estas que foram reprimidas por séculos.

O discurso dominante era de que o homem deveria tomar sempre as iniciativas e dominar o ato sexual. Esses pressupostos prevaleceram por muito tempo na sociedade europeia até o final da idade média, e no Brasil até a década de 70 quando as feministas começaram a se posicionar.

Assim, Brito e Brito rompem com um paradigma incentivando a mulher a tomar outra postura no seu relacionamento, autorizando-a a ser ativa sexualmente e a procurar seu prazer em vez de se submeter ao papel que lhe é imposto pelo discurso social e religioso dominante. Neste caso, podemos afirmar que o casal Brito torna-se subversivo ao discurso dominante.

O casal entende que a religião incutiu nos homens a ideia do sexo como pecaminoso, inibindo-os de dar prazer às suas mulheres. Para tais homens, o orgasmo deve ser reservado à prostituta, não à sua esposa. De certa maneira, Brito e Brito ousam abrir o diálogo sobre o prazer sexual, inclusive dando exemplos de como seduzir um ao outro:

Ah, se os homens soubessem sussurrar no pé do ouvido de sua mulher! Muitos não sabem. Ah, se as mulheres soubessem que os homens respondem aos estímulos visuais! Elas, então circulariam no raio de visão do marido com uma "lingerie" preta, transparente, insinuante e provocativa. [...] Mulheres que vão dormir de coque, com aqueles camisolões horríveis, sem um capricho especial, porque acham que sexo não é algo espiritual. A verdadeira mulher espiritual é aquela que faz do seu marido o mais feliz do mundo! O verdadeiro homem espiritual é aquele que faz da sua mulher a mais feliz do mundo! (p.46-47).

Segundo os autores, dedicar tempo ao ato sexual se constitui de grande importância para um casamento feliz, o que difere da maioria dos discursos protestantes. Ao afirmar que a mulher não vê o sexo como algo espiritual, Brito e

Brito mostram conhecer o discurso religioso do dualismo dominante no ideário do meio protestante.

Enquanto subvertem várias ordens e normas, o casal Brito estabelece limites nos atos sexuais mesmo dentro do casamento, reportando-se à literalidade da Bíblia. No capítulo quatro, intitulado *Limites*, as práticas começam a ser normatizadas.

2.5.1 Práticas Ilícitas Dentro do Casamento

Citando Romanos 1: 26-27³¹ eles interpretam “relações íntimas contrárias à natureza” como referência a relação anal e homossexual. Porém aqui nos deteremos à relação anal. Eles afirmam que a Bíblia é muito clara em mostrar que o orifício anal não foi feito como canal sexual.

Para Brito e Brito (1996) o sexo oral pode ser praticado para estimular e excitar a esposa, porém seria inadequada a ejaculação oral, pois “a boca foi feita para receber alimentos e não sêmen” (p.54).

Eles consideram lícita a variedade de posições, contanto que sirvam para maior prazer e conforto um do outro. Para eles, a quebra de rotina é estimulante para o casal. Neste caso, o discurso deles também pode ser considerado inovador, já que dentro das igrejas evangélicas é consenso que o casal deveria manter a posição tradicional do homem por cima da mulher. Vulgarmente chamada de “papai e mamãe” ou posição de “missionário”. Paulo e Claudete Brito, conseguem quebrar barreiras em alguns momentos e se mostrar conservadores em outros, quando se baseiam na literalidade da Bíblia, e em interpretações utilizando o argumento da “natureza” em seu discurso.

Brito e Brito somente validam fantasias sexuais se envolverem o marido ou a esposa. Eles consideram adultério fantasiar com outras pessoas, baseados em

³¹ Romanos 1: 26-27: Por causa disso os entregou Deus a paixões infames, porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens, também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro.

Mateus 5:28, quando a Bíblia admoesta que "qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela" (p.53).

Esta afirmativa baseada no versículo da Bíblia sobre olhar para outra mulher com intenção impura, no coração já adulterou, não necessariamente poderia ser aplicada a uma fantasia. Controle sobre o pensamento do outro deveria ser analisado sob a luz de respeitar os limites entre o público e o privado. Segundo Inhauser (apud Cavalcanti, 2010) mesmo que a religião possa e deva dar diretrizes gerais sobre a área sexual do sujeito, os valores ético-sexuais devem ser de alçada exclusiva do indivíduo e do casal.

As diretrizes devem ser gerais, como balizadores de um caminho seguro, mas não devem descer a detalhes do relacionamento [...]. Quanto mais a religião interfere no quarto do casal e na vida sexual da pessoa, mais possibilidade terá de trazer problemas, traumas, culpas (p. 283).

Quando o discurso engloba o controle do ato sexual até mesmo nos pensamentos, segundo Foucault (2006), o protestantismo consegue reprimir e forçar o indivíduo a não somente relatar o que foi feito em relação ao ato sexual, mas o como, reconstituindo nele e ao seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham. O sujeito sente-se pressionado a confessar as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que contém o ato sexual para si. Através da culpa e da pressão em confessar seus atos privados, "a sociedade pela primeira vez, se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confidência dos prazeres individuais" (p.72).

Brito e Brito (1996) encerram o quarto capítulo sobre os limites do sexo dentro do casamento afirmando ser necessário entender os limites porque não se pode "ficar aquém deles ou ultrapassá-los, pois não queremos entristecer o Espírito Santo de Deus" (p. 56).

O medo do pecado, de ferir o sagrado, invade e permeia o discurso religioso sobre a sexualidade. O ato sexual se tornou, aos poucos, o objeto da grande suspeita, segundo Foucault (2006), o ponto frágil através do qual nos chegamos às ameaças do mal; o fragmento de noite que cada qual traz consigo. "Significação geral, segredo universal, causa onipresente, medo que nunca termina" (p.79).

Quando se cobra do sujeito o seu pensamento, o seu segredo, quando lhe pedimos para dizer a verdade profundamente oculta, revela-se uma tática de poder que são iminentes neste discurso.

De alguma maneira, Paulo César e Claudete Brito irrompem com vários paradigmas na igreja evangélica, e conseguem romper com o silêncio sobre o ato sexual e vários tabus instalados por muitos anos dentro das igrejas. Suas vidas e seu livro têm sido usados para abrir para o diálogo sobre um assunto mantido oculto e sob suspeita por muitos séculos.

2.6 ROBINSON CAVALCANTI

Ele próprio se considera longe do fundamentalismo e liberalismo, se autodenominando cristão, protestante, evangélico, anglicano, defensor da Teologia da Missão Integral da Igreja. A Diocese que lidera, por suas posições oficiais integra a maioria ortodoxa da Comunhão Anglicana.³²

Autor de dois livros abordando o tema da sexualidade: *Libertação e Sexualidade*, lançado pela Editora Temática em 1990 e *Uma Bênção chamada Sexo*, em 1994.

Também com raízes presbiterianas, Robinson Cavalcanti, declaradamente calvinista em sua doutrina de base, tem se destacado por constantes ataques à homossexualidade. Seus dois livros sobre sexualidade trouxeram, na época, grande polêmica, pelo fato de ter destacado a poligamia como possibilidade, dependendo do seu contexto cultural. Antes de sua ordenação a bispo, durante anos apregoou a Missão Integral da Igreja, denunciando a alienação da igreja evangélica em relação ao engajamento social e falta de participação política no conjunto das decisões sociais. Também afirmava que a Teologia da Libertação não deveria ser o único caminho dos que desejassem olhar para a realidade humana concreta com solidariedade e engajamento. Por suas posições, era chamado pela direita de

³² Maioria dos dados retirados do seu site pessoal no facebook <<http://www.facebook.com/pages/Bispo-Robinson-Cavalcanti/145599075511660?sk=info>> acessado em 26/06/2011.

esquerdista e pela esquerda de direitista. Os progressistas o consideravam conservador e os liberais o consideravam retrógrado.

No recente debate sobre a parada gay de 2011 com o tema *Amai-vos uns aos Outros*, sabendo notícias de que líderes da Igreja Anglicana participariam da passeata, Robinson Cavalcanti declarou:

A Parada Gay deste ano tem o tema “Amai-vos uns aos outros – Basta de Homofobia!”. A Igreja Anglicana do Cone Sul da América considera esse lema como uma blasfêmia [...]. A Igreja deixa clara a Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth de 1998 da Diocese que considera a prática do homossexualismo como “incompatível com os ensinamentos das Sagradas Escrituras, e dos documentos recentes da Aliança Evangélica e da Associação Brasileira de Educadores Evangélicos, afirmando a normatividade da heterossexualidade”. A Diocese lamenta que no universo protestante existam “Igrejas” assumidamente homossexuais (Metropolitana, Contemporânea, Inclusiva, etc.), e que haja segmentos denominacionais – inclusive autoproclamados “anglicanos” – que assumam posturas contrárias à Palavra de Deus. [...] A Igreja Anglicana também esclarece que considera os ditos “evangélicos” ou “anglicanos,” que participam ou lideram esse “lamentável espetáculo hedonista” com financiamento público, não são membros ou congregados da Diocese do Recife, nem com a mesma possuem qualquer tipo de vínculo ou relacionamento. “Como tem afirmado o nosso Bispo Diocesano, Dom Robinson Cavalcanti: ‘Aqui, nós somos crentes!’ ” conclui o esclarecimento da Igreja.³³

Focarei a análise nos dois livros que Robinson Cavalcanti escreveu abordando o tema sexualidade.

³³ Em 2008 a Conferência de Lambeth abordou como temas principais a aceitação de homossexuais na liderança de suas igrejas e ordenação de mulheres. Conseguiu evitar o cisma. Porém, sua comunhão com a igreja Católica Romana tornou-se fragilizada pela aceitação, por parte da Igreja Anglicana da ordenação feminina ao sacerdócio. Algo inaceitável dentro da Igreja Católica Romana. “Em setembro de 2010, o Arcebispo de Canterbury, Rowan Williams, líder dos anglicanos, afirmou que não havia problemas com o fato de um bispo ser homossexual desde que permanecesse celibatário. Contudo, a ordenação de mulheres e de bispos homossexuais na Igreja da Inglaterra divide profundamente os anglicanos”. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5195564-EI8142,00-Igreja+anglicana+da+Inglaterra+autorizara+bispos+homossexuais.html>> acessado em 20/10/2011.

2.6.1 Uma Bênção Chamada Sexo

Em 2005, Robinson Cavalcanti escreve *Uma Bênção Chamada Sexo* para tentar romper o silêncio dentro da igreja evangélica sobre um tema que borbulhava na mente dos jovens cristãos, principalmente nos meios em que ele transitava, universitários da Aliança Bíblica Universitária. Na época, Cavalcanti (2005) era considerado progressista e mais aberto a diálogo sobre assuntos considerados “embaraçadores” tais como sexo, política, vida cristã fora dos muros da igreja, etc. Em 2005 seu livro alcança a 9ª edição, agora digitalizado na internet.

Pelo título do livro, já se pode concluir que Cavalcanti (2005) quer quebrar o paradigma evangélico de que sexo é maldito, ou não espiritual. Cavalcanti reconhece que o assunto é considerado tabu assim como Paulo e Claudete Brito (1996), e que existe uma tradição repressiva, dualista desde os primeiros séculos depois de Cristo. Ele admite que a igreja Cristã sofreu um sincretismo nos conceitos sobre sexualidade, fazendo com que os primeiros Pais da Igreja deduzissem que o ato sexual seria uma forma de pecado.

Segundo Cavalcanti (2005), o puritanismo protestante avançou no sentido de ver a sexualidade também como fonte de prazer, rompendo com os tabus pagãos, e extinguindo com o celibato obrigatório. Fazendo assim, elevou-se o valor do casamento, da família e da vida sexual regular. (p.10). Contudo, ele percebe que estes conceitos existiam mais na teoria do que na prática, pois havia uma ênfase na vida espiritual divorciada da vida material. Ele defende a ideia de que houve um “moralismo unilateral, centralizado no sexo, dominando algumas denominações, especialmente na América do Norte”. (p.11). O que podemos observar no discurso do pastor norte-americano Jaime Kemp (2001).

Cavalcanti começa seu discurso atacando a moralidade saxã como acompanhada de um sexo em roupagem pagã e de ter um moralismo defensor de uma ética pela ética, vendo a Bíblia como injustiçada com ensinamentos que inibiam, reprimiam, suscitavam culpa e angústia, engordando assim “as contas bancárias de psiquiatras”. (p.11). Porém, ele conclama o leitor para um equilíbrio admitindo que nem se deve ser repressivo nem permissivo, introduzindo alguns limites conceituais no seu discurso sobre sexualidade.

Após prestar um relato sobre a vivência da sexualidade no Brasil desde seu início colonial, Cavalcanti conclui que a corrente hedonista dominou nos costumes brasileiros e fez com que o moralismo repressivo aparecesse e se firmasse aos poucos. Hoje, ele entende que “ambas as tendências de ver o corpo e o sexo convivem lado a lado”. (2005, p.22). Ele afirma que a teologia Católica Romana incutiu culpa nos brasileiros no início da colonização (índios, negros e escravos) associando pecado e ato sexual, corpo e imoralidade. Nos dias atuais quando o livro foi escrito, Cavalcanti já antecipava um problema de liberalidade, muita informação sexual e uma falta de visão adequada da sexualidade e suas práticas. (p.27).

Com um discurso bem articulado e demonstração de uma mente aberta ao diálogo e à quebra de tabus, Cavalcanti (2005) inicia seu primeiro livro sobre o assunto dando ao jovem e à igreja evangélica brasileira a esperança de um novo sopro sobre o tabu do sexo. Ele diagnostica a presença protestante no Brasil como emissária de costumes refletindo a cultura europeia do século passado, incorporada pelos brasileiros.

No campo da sexualidade, é bom lembrar que as missões se desenvolveram à sombra do período repressivo vitoriano, e esse modo de encarar foi sacralizado, identificado com o a maneira evangélica de ver a coisa. [...] Contra uma visão negativa comum às pessoas religiosas de seu País, os evangélicos enfatizaram a ideia bíblica da licitude da vida sexual (p. 33).

Cavalcanti postula que os movimentos carismáticos ou pentecostais optaram por uma maior “rigidez e legalismo quanto à conduta sexual, em ortodoxa fidelidade ao velo vitorianismo” (p.34). Ele urge a igreja a mudar a sua visão do sexo, das ideias do mundo e aceitar a Revelação de Deus.

O autor encerra o mesmo pensamento de alguns teólogos da moral concordando que tudo que Deus fez era bom, inclusive o corpo e o sexo. Porém, adverte a igreja e os jovens cristãos para não relativizar a moral e sim reafirmar os padrões bíblicos sobre alguns assuntos que ele apresentará em seguida. Escolhi somente os temas que necessitamos para comparar com os outros líderes religiosos escolhidos.

Baseado no livro de Apocalipse 21:8,³⁴ utilizando a palavra fornicário, Cavalcanti lança uma ameaça de que o homem que cometer o “delito” de praticar o ato sexual pré-conjugal ou extraconjugal arderá no lago que arde com fogo e enxofre.

Anteriormente, ele já havia comentado sobre a prostituição como uma abominação ao Senhor, e para Cavalcanti (2005) a parte masculina da prostituição seria a fornicação, pois a palavra fornicário em grego pode ser traduzida por um substantivo masculino significando: “homem devasso; dissoluto, prostituto”. Cavalcanti condena o fato de que os jovens se arrisquem a um relacionamento fortuito, descomprometido e sem envolvimento afetivo. Para Cavalcanti, o sexo pré-conjugal representaria o “egoísmo entronizado, a manipulação dos sentimentos, a coisificação do sexo, a irresponsabilidade do homem”. (p.55) e assim como Kemp (2001) ele compara o sexo antes do casamento como uma prostituição, pois representa a junção do corpo de Cristo com “as filhas das trevas”³⁵.

Já que o Brasil já mantém o título, segundo Cavalcanti (2005) de “recordista mundial de fornicação com seus caçadores de fêmeas” (p.55), ele adverte aos jovens cristãos a conservarem seus corpos puros³⁶.

Assim Brito e Brito (1996) colocaram normas ao tipo de relação sexual que o casal poderia ter dentro dos laços conjugais, Cavalcanti mostra que dois tipos de relações sexuais são bíblicamente condenados, a saber:

- Durante a menstruação, utilizando versículos normativos do Antigo Testamento (Levítico 15:24 e 18:19). Bíblicamente é condenado, segundo Cavalcanti (2005 além de ser “incômodo, inestético e anti-higiênico” (p.57).

³⁴ Apocalipse 21:8: Mas, quanto ...aos fornicários... a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre.

O versículo foi mencionado somente referindo-se aos fornicários, mas queremos aqui colocar o versículo por inteiro para maior compreensão: Apoc. 21: 8 na versão Revista e Atualizada no Brasil: Quanto, porem, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

³⁵ Cavalcanti utiliza o mesmo argumento de Jaime Kemp de que qualquer pessoa que não seguir a fé protestante é “filho ou filha das trevas”, ou seja, maligno, filho do diabo.

³⁶ Cavalcanti não especifica no seu livro de onde ele retirou a informação de que o Brasil era recordista de caçadores de fêmeas.

- O coito anal - Citando Romanos 1: 26: “Pelo que Deus os abandonou às paixões infames: porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza”.

Deus faz as coisas de uma maneira, os homens partem para outra e se dão mal. [...] Se o Senhor tão bem fez os órgãos genitais, com sua destinação natural, para que o homem apela para tão errônea “inovação”? As lesões locais e a contaminação bacteriana se encarregam de uma punição mais imediata. O próprio querer assim é revelador do estado mental e espiritual do indivíduo. (p. 57).

Com o discurso acima, Cavalcanti não somente se utiliza do argumento da “natureza”, como impõe medo explicitamente com a promessa de uma doença como forma de punição pelo delito. Além do mais, lança um julgamento de valores sobre o indivíduo que desejar o coito anal, sutilmente sugerindo um transtorno mental e espiritual de tal sujeito.

Por lascívia Cavalcanti significa “libidinagem, sensualidade, impudicícia, imoralidade, licenciosidade” (p.59), e para ele esse “pecado” não se constitui em um ato isolado, mas a um “estado de espírito que conduz a uma série de ações condenáveis” (p.60). Segundo Cavalcanti, o lascivo poderá a qualquer momento cometer atos amorais, sem normas nem padrões, e ele considera a lascívia uma das características mais frequentes do homem não cristão.

O discurso de Cavalcanti sobre sexualidade e atos que se devem ou não praticar, geralmente vem carregado de ameaças, tanto por parte de Deus, como pela própria doença que seria uma consequência natural da desobediência às normas religiosas. Mencionando o livro de Levítico do Antigo Testamento, mostra que há uma séria advertência na Bíblia de que “qualquer que fizer uma destas abominações, as almas que as fizerem serão extirpadas do seu povo”.³⁷

Condenando o mau uso do sexo, Cavalcanti (2005) exorta os cristãos a se arrependem para receberem o perdão e “remissão mediante o sangue de Cristo”. (p.60). Porém, citando Lutero, novamente ameaça aquele que não seguir as regras

³⁷ Levítico 18: 29-30: “Porém qualquer que fizer uma destas abominações, as almas que as fizerem serão extirpadas do seu povo. Portanto guardareis o meu mandamento, não fazendo nenhum dos estatutos abomináveis que se fizeram antes de vós, e não vos contamineis com eles: eu sou o Senhor vosso Deus”.

ditadas pela religião: “Nossa abordagem deve ser feita conforme a observação de Lutero: ‘Aos empedernidos, a Lei, aos angustiados, a Graça’”. (p.60)

Assim como Jaime Kemp (2001), Cavalcanti condena o casamento entre pessoas que não confessem a fé protestante. Ele define este tipo de casamento como “casamento misto”, isto é, “um servo do Senhor e um não servo” (p.61). Segundo Cavalcanti, este tipo de casamento é “expressamente condenado por Deus”. Colocando esta conduta entre as denominadas “pecaminosas”. Portanto, um protestante casar com um não protestante se constitui em pecado, segundo ele. E vai além, ao afirmar que não se refere somente a confessar uma fé evangélica. A questão residiria no âmago do ser. Cavalcanti coloca na subjetividade mais profunda se a pessoa seria ou não “regenerada, convertida, nascida de novo”, como parâmetro para um casamento feliz.

Confirmando a tese de Althusser, de que a ideologia só se sustenta porque vem carregada de benefícios e ameaças, assim acontece com o discurso religioso sobre sexualidade. Utilizando versículos bíblicos, geralmente do Antigo Testamento, neste caso Deuteronômio 7:3, 4,³⁸ e Esdras capítulos 9 e 10, instala o medo no coração do jovem. Cavalcanti (2005) afirma que casar com uma jovem, formosa, pode trazer esfriamento espiritual e a apostasia. Ele traz à tona a lembrança da narrativa de Sansão que “caiu na conversa de Dalila” e a queda de Salomão por ter se envolvido com mulheres que adoravam outros deuses. (p.62). No livro de Esdras ele explica que a prática do casamento entre pessoas de diferentes profissões de fé é denominada de “mistura, transgressão, iniquidade e culpa”. (p.62).

O escritor inspirado diz ter ficado “atônito”, “aflito” e “envergonhado” diante daquele quadro. Rasga as vestes, arranca o cabelo e a barba, clamando a Deus perdão, confessando a culpa da casa de Israel. Em seguida, decreta-se a obrigatoriedade do divórcio de todos os casais mistos. Se muitos são os exemplos do Antigo Testamento, encontramos, também no Novo Testamento, a advertência para não nos prendermos em jugo desigual com o infiel, porque não há possibilidade de sociedade entre a luz e as trevas. A promessa de que o Pai nos receberá como filhos exige que nos apartemos dessas uniões (CAVALCANTI, 2005, p. 62).

³⁸ Deuteronômio 7: 3-4: Nem te aparentarás com elas; não darás tuas filhas a seus filhos, e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses...e a ira do Senhor se acenderia contra vós, e depressa vos consumiria.

Citando o autor Sweeting, ele afirma que: “Casar-se com um ou uma descrente, é casar-se, muitas vezes, com as suas descrenças” (p.62).

Muitos jovens ficam ‘presos’ a outro por dependência emocional, carência afetiva ou necessidade de satisfação libidinosa. [...] O restinho de ética desaparece, e toda a maldade aflora. Aos que assim procedem, a condenação de Deus a seu erro, até que se arrependam e mudem de atitude. Aos que estão escravizados a tais situações, o desafio para uma fé libertadora. O rompimento da situação resulta em recompensa. (p.105)

Poderíamos aqui e em outros versículos mencionados por Cavalcanti inferir que sua exegese de alguns versículos utilizados para ditar algumas regras para o jovem sobre seu comportamento sexual ou de relacionamento, tornou-se empobrecida pelo pensamento unificador e simplista(segundo o conceito de Edgar Morin). Contudo, não cabe neste trabalho, discutir a exegese de certos versículos mencionados pelo autor para incutir medo e ameaças na mente do jovem. Muitos dos versículos mencionados do Antigo Testamento têm seu significado especial na época e contexto em que foram escritos, pela necessidade de manter a unidade de Israel por motivos étnicos e da promessa da vinda do Salvador dos Judeus. Questionamos se, quando Cavalcanti afirma que no caso do livro de Esdras os casados com pessoas de outras crenças foram obrigadas a se divorciar, ele não levanta uma dúvida na mente do jovem que já se encontra casado com alguém de diferente fé. Creio, que provavelmente por este tipo de pensamento vigente na Antiguidade que Paulo recomenda aos fieis que já estivessem casados com não cristãos para se manterem casados, pois santificariam seus cônjuges. (II Cor. 7:10-11)

Cavalcanti resume sua posição sobre a sexualidade do jovem e o que as mulheres “excedentes” nas igrejas devem fazer com seus desejos sexuais:

A monogamia é considerada uma norma absoluta, a única permitida aos cristãos. O casamento misto é uma proibição absoluta de Deus, e o casamento entre crentes é o único a se almejar. Em sendo assim, deve-se interpretar a ausência de pretendentes como manifestação da vontade de Deus, como chamado à vida de solteira.

Deve-se aceitar o fato, fazer uma entrega, e buscar uma vida plena, sublimando os desejos sexuais (p. 98).

Contudo, segundo Cavalcanti, ele poderia ser contestado e as jovens poderiam querer procurar um rapaz para casar fora da igreja, cuja posição considera “nefasta” e que deve ser “combatida como danosa à vida da igreja” (p.99). No final deste capítulo sobre “as excedentes” o discurso de Robinson Cavalcanti deixa no ar qual seria a melhor opção, porém reprime e normatiza a vida sexual das jovens, deixando-as em conflito e pressão para manter as regras.

2.6.2 Libertação e Sexualidade

Treze anos depois, Robinson Cavalcanti escreve sua segunda obra sobre sexualidade. Segundo Lago (2004) o autor reconhece que existia pouca literatura escrita por cristãos brasileiros sobre sexualidade, tendo uma maior publicação de “norte-americanos conservadores”. (p.24)

No seu segundo livro, *Libertação e Sexualidade* (1990) Robinson Cavalcanti aborda o modelo cristão idealizado do matrimônio, tentando quebrar o paradigma da monogamia e indissolubilidade do casamento. Cavalcanti lida também com a homossexualidade, condenando-a, como no livro anterior.³⁹

Cavalcanti escreve seu segundo livro consciente de que o país mudou, mas a instituição eclesiástica se fechou, tornando-se “tradicionalista e reacionária” sacralizando o passado, demonizando o presente e tornando o futuro aterrador por medo do novo, da diferença, de mudanças. Enquanto no seu primeiro livro Cavalcanti interpretava os textos bíblicos literalmente para ditar regras sobre sexualidade, observa-se uma mudança neste segundo livro quando ele aborda a tensão entre natureza, cultura e revelação, e acusa o fundamentalismo de interpretar

³⁹ Prefiro me resguardar de comentar a abordagem de Cavalcanti sobre homossexualidade pela abrangência do assunto e a exiguidade de tempo e espaço. Abordar a homossexualidade resultaria em outra pesquisa em si, tal sua abrangência.

os textos literalmente, sem levar em conta os condicionamentos culturais, enxergando os textos como óbvios e claros.

Cavalcanti propõe um pluralismo, uma ética de sanidade em oposição a uma moral cristã promotora de enfermidades. “Uma ética que não seja negativa, opressiva ou repressora, mas que promova a realização do ser e sua busca da felicidade”. (p.19)

Aparentemente, Cavalcanti propõe uma leitura da sexualidade diferente do seu primeiro livro. Ele condena a excomunhão de membros das igrejas por não ter seguido os manuais ditados pelas igrejas, a repressão sexual, apontando a contradição entre “a rigidez das normas e a realidade do comportamento pessoal e a sacralização de formas, modos, usos e costumes”. (p.21)

Quem tem o poder de excomungar quem e por quê? Não são passíveis de excomunhão os pecados dos que detêm o poder de excomungar: a glotonaria, a avareza, a maledicência, a desonestidade, a falta de amor, etc. Os que pecam por omissão e por pensamento não levariam vantagem sobre os que pecam por palavras e atos? Podemos ter nossas listas oficiais ou oficiosas, de pecados ‘mortais’ e pecados ‘veniais’? (p.23)

Depois de afirmar que a sexualidade fora criada por Deus e que vira que era bom, Cavalcanti propõe as regras divinas sobre a sexualidade enumerando suas distorções, dentre as quais destaca: Necrofilia, zoofilia, homossexualismo (sic)⁴⁰, estupro, prostituição, fornicação (ou relacionamentos sexuais efêmeros e sucessivos), incesto, masturbação (ou auto-realização sexual solitária), desta vez ressaltando quando esta opção “é permanente de um egoísmo sexual” (p.29); aborto, sadismo, masoquismo e lascívia. Contudo, Cavalcanti enfatiza três temas em um de seus capítulos, Aborto, homossexualismo (sic) e masturbação.

Quanto à masturbação, observa-se uma diferença na abordagem do primeiro livro, tornando-se mais condescendente ao observar ser natural do adolescente o ato de se masturbar, com um adendo de que na maturidade o sujeito deve

⁴⁰ Desde 1974 não se utiliza mais o termo homossexualismo, porque o sufixo ismo denota doença e perversão, mas já foi retirado do manual da Associação Americana de Psiquiatria (APA) e do manual brasileiro de normas psiquiátricas Cid 10 o termo homossexualismo, passando a ser chamada de homossexualidade a orientação sexual. Contudo, guardamos o termo originalmente utilizado pelo autor.

voluntariamente abandonar a prática, já que continuá-la, mesmo casado, pode refletir algum caso de cuidados clínicos.

Cavalcanti critica os autores Trobisch (Norte-americanos) que enfatizam a repressão da masturbação, chegando até a inferir que a poluição e excitação noturnas são autoerotismo, ou seja, uma prática da masturbação, portanto, pecaminosa.

Diferentemente do primeiro livro, Cavalcanti lança mão de um discurso mais acadêmico, mencionando cientistas. Ao mencionar William Reich⁴¹, Cavalcanti explica que a abstinência pode ser ajudada pelo trabalho e os esportes, mas que para muitas jovens a repressão sexual pode causar o choro frequente e os ataques histéricos. Porém, ele continua a nomear maneiras de como fugir e se afastar da masturbação: esportes, trabalho, estudo, lazer, ou seja, uma terapia ocupacional.

Concordamos com a recomendação do teólogo inglês Leslie D. Weatherhead [...]. O Cristão deve pensar na Graça de Deus, pensar em suas vitórias morais **em todas** as áreas da existência, e descansar, entregando todo o seu ser, nas mãos do Senhor. (p.39)

Cavalcanti em seu segundo livro reafirma a pecaminosidade do casamento misto, do sexo antes do casamento, e reitera a não pecaminosidade da poligamia. Aliás, o ponto alto de seu segundo livro. Já afirmamos ao falar de seu primeiro livro, que o assunto se tornou importante por causa da abrangência da Igreja Anglicana na África, onde muitos de seus convertidos já entravam na igreja com várias esposas. Na conferência conhecida como Conferência de Lambeth 1988⁴², a Igreja Anglicana decidiu permitir que os polígamos convertidos ao cristianismo

⁴¹ Psicanalista pós e supra Freudiano que estuda sobre a sexualidade e a importância do orgasmo para o ser humano.

⁴² As Conferências de Lambeth são assembleias da Igreja Anglicana e seus Bispos em todo o mundo que acontecem a cada dez anos juntamente com o Arcebispo de Canterbury para discutir temas atuais da época. A primeira conferência aconteceu em 1867. A que se realizou em 1988 teve como tema principal casamento, família, direitos humanos, pobreza e dívida, meio ambiente, militarismo, justiça e paz. Nesta conferência abriu-se exceção para que participassem todos os membros dos conselhos consultivos das igrejas Anglicanas do mundo inteiro, como as igrejas de Bangladesh, Norte e Sul da Índia e Paquistão que foram convidadas a participar. Neste ano deliberou-se que se respeitassem as decisões tomadas por cada província em ordenar mulheres ao sacerdócio. Disponível

em <http://en.wikipedia.org/wiki/Lambeth_Conferences#Thirteenth_Conference_281998.29> Acessado em 20/07/2011.

conservassem suas mulheres, embora devessem prometer que não se casariam novamente com mais mulheres após sua conversão e eram vedados a certos cargos eclesiásticos e para o sacerdócio. (p.94) Porém, Cavalcanti (1990) não concorda com os limites impostos aos polígamos:

O limitar a sua elegibilidade para cargos eclesiásticos, porém, gera, de fato, duas categorias de cristão: os de “primeira” (celibatários e monogâmicos) e os de “segunda” (polígamos). A proibição dos cristãos a novos casamentos é contraditória, preconceituosa, revela questões teológicas não resolvidas e temores que uma compreensão mais coerente e mais honesta venha a abalar as tão caras (e cada vez mais abaladas) tradições do Ocidente. (p.94)

Adverte Cavalcanti (1990) que a igreja necessita ser um lugar de sanidade, não existe sanidade sem sexualidade. Ele encerra o primeiro capítulo, após um discurso essencialista, questionando se os cristãos encontram-se preparados para reconhecer que depois da salvação o cerne da felicidade da vida é a sexual.

Depois de tanta repressão e tentativa de controle, resta a pergunta: Será que a obediência a inúmeras regras e normas sobre sexualidade garantem a prometida felicidade?

CAPÍTULO 3 SEMELHANÇAS, INTERSECÇÃO E DIFERENÇAS

Talvez cause surpresa a obstinação que tivemos em fingir arrancar de sua obscuridade uma sexualidade que tudo – nossos discursos, nossos hábitos, nossas instituições, nossos regulamentos, nossos saberes – trazia à plena luz e refletia com estrépito. E se perguntará por que quisemos tanto suspender a lei do silêncio sobre o que era a mais ruidosa de nossas preocupações.

Michel Foucault (2006, p. 172)

No capítulo anterior constatamos que o discurso dos líderes protestantes analisados no capítulo anterior, Jaime Kemp (2001); Paulo César e Claudete Brito (1996) e Robinson Cavalcanti (1990), baseia-se fortemente na doutrina Puritana, que enfatiza basicamente quatro aspectos da sexualidade: Castidade, abstinência, onanismo (ou masturbação) e limites nas práticas sexuais dentro do laço matrimonial.

O discurso puritano sobre sexualidade trouxe uma diferença do Católico Romano: o prazer, que agora seria liberado entre marido e mulher, porém, com moderação e constância. As formas de prazer seriam ditadas, mesmo dentro do relacionamento conjugal. Segundo Leites, talvez pelo fato de desejarem demonstrar que a vida de casado seria “espiritualmente superior ao celibato” (1987, p. 30).

A esta ordenança de um ato sexual somente após o casamento, Foucault (2006) intitula de sistema de alianças que serviria no cristianismo clássico como uma “tecnologia da carne”, juntamente com as regras que regiam tal sistema. Assim, na pastoral cristã, a aliança do matrimônio sofreria a injunção jurídica para legalizar o prazer sexual.

No tocante aos outros assuntos, o puritanismo calvinista permanece debaixo do conceito católico romano da sexualidade. A influência do platonismo e do dualismo ainda se insere no discurso evangélico brasileiro. O corpo precisa ser subjugado para que o espírito se eleve. A dicotomia – corpo- espírito é constantemente trazida à tona no anúncio das normas religiosas sobre sexualidade. Observa-se em Jaime Kemp e Robinson Cavalcanti um discurso permeado de ameaças e medo, apresentando Deus como um Deus terrível e vingador que pune

os culpados com o castigo divino, por causa da sua justiça por natureza, e promete felicidade e paz para aqueles que conseguirem obedecer às regras ditadas.

Nietzsche (2009) declara que o ideal do ser humano é o ser livre e autônomo para poder criar, pois esta é sua segunda natureza, sua alegria e sua própria vida, mas os “bons” querem que o antigo subsista. E, para eles, todo “inovador é um blasfemo, é um derruidor de ídolos, um infamador, um corruptor dos valores sacrossantos” (p. 18-19). Para Nietzsche, constitui-se um ato de violência a vontade do estabelecimento do bem e do mal, porque corresponde somente ao interesse dos “bons, dos dominadores” e é por isso que defendem sua moral com tanta força, entusiasmo e paixão (p.19).

Recomenda-se ao solteiro que se mantenha afastado das “tentações” para ser vitorioso espiritualmente; ao jovem que não namore com outro jovem, ou outra jovem que não professe da mesma fé, e que não tenham relações sexuais até depois das núpcias. Aos casados que não se permitam “coitos abusivos”, isto é, sexo anal e oral. Utilizando o discurso do “natural” e “antinatural”. (No caso destes últimos, se encaixam os discursos de Robinson Cavalcanti e Paulo e Claudete Brito).

Através desse tipo de discurso, segundo Foucault (2006) ocorreria a dominação religiosa. Para ele, as táticas do discurso de dominação religiosa se iniciam nas práticas de penitência do cristianismo medieval, nas confissões obrigatórias e exaustivas impostas a todos os fiéis pelo concílio de Latrão, pelos métodos do ascetismo, do exercício espiritual e do misticismo desenvolvidos intensamente a partir do século XIV. A Reforma Protestante não necessariamente diferiu dos católicos nos seus métodos, que seriam o exame de consciência e a direção pastoral. “Lá como aqui se fixam, com sutilezas diversas, procedimentos de análise e de colocação em discurso da ‘concupiscência’” (p.127).

Contudo, não se deve imaginar que somente a instituição religiosa atenta para dominar a sexualidade do indivíduo. Para Foucault, desde o fim do século XVIII, a pedagogia, a medicina e a economia faziam do sexo uma questão também leiga e um negócio de Estado, fugindo à instituição Eclesiástica. Urgia-se a todo corpo social que os indivíduos colocassem-se em vigilância sobre suas práticas sexuais. Vigilância esta que fazia parte de uma nova tecnologia. Para Foucault, a sexualidade era importante não somente para a instituição religiosa, mas para todas as esferas sociais como uma maneira de controle sobre a sociedade e seus problemas. Haja vista, a campanha da natalidade, a vigilância severa sobre a

sexualidade das crianças, métodos já formados pelo cristianismo em sua pedagogia espiritual, o “pecado da juventude” “as doenças dos nervos” (principalmente nas mulheres, a histeria, termo cunhado por Freud indicando “doença do útero”) e as “fraudes contra a procriação” marcam assim os três domínios privilegiados da nova tecnologia. De acordo com Foucault:

[...] a tecnologia do sexo, basicamente, vai-se ordenar a partir desse momento, em torno da instituição médica, da exigência da normalidade e, ao invés da questão da morte e do castigo eterno, do problema da vida e da doença. A ‘carne’ é transferida para o organismo (FOUCAULT, 2006, p. 129).

Deve-se levar em consideração o contexto onde cada discurso se realiza. Segundo Ricoeur (1978), “o mundo do texto é uma proposição de mundo” (p.53), e por mais irreal que seja, ele sempre se trata de uma construção a partir do contexto da sua produção. Por isto, o discurso de Kemp e Cavalcanti, quando se referem à sexualidade e em alguns momentos sugerindo a sublimação, eles propõem um “real imaginário”, e dependem do contexto onde se encontram e produzem seus discursos.

No caso de Jaime Kemp, por vir da América do Norte, fortemente influenciada pela doutrina puritana, ele não conseguiria produzir um conceito sobre sexualidade desprovido de todo seu conhecimento adquirido em um ideal puritano de santificação e pureza, constantemente conectado com a ideia de castidade. Robinson Cavalcanti, por sua vez, apesar de abrir em algumas questões, tais como poligamia (dentro do contexto africano) e reconhecer que falar de sexo tem se constituído um tabu nas igrejas evangélicas, fecha novamente voltando a advogar namoro entre jovens da mesma fé, castidade, abstinência, provavelmente por se encontrar no meio de jovens universitários bombardeados por discursos opostos e uma liberdade sexual beirando à libertinagem. Daí sua insistência em que o jovem não se deixe levar pelo discurso contemporâneo do “mundo”⁴³.

Contudo, não se observa um discurso protestante homogêneo. Existem vozes

⁴³ O termo “mundo” no meio evangélico refere-se à sociedade onde o sujeito se encontra inserido, o pensamento que se encontra fora da igreja referente a qualquer assunto. Ex. Música do “mundo”, os conceitos do “mundo”, etc., se referem a tudo que é secular e não religioso, distinguindo o sagrado do profano.

dissonantes ao ideal puritano no meio evangélico brasileiro. O pastor anglicano Carlos Eduardo Calvani (2010) pode ser uma amostra da diversidade de posições existentes, e de uma teologia da sexualidade evangélica menos puritana.

Existe uma escassez, ou mesmo a inexistência de teólogos protestantes da moral no Brasil, o que pode - se intuir que até mesmo o silêncio sobre o assunto já se constitui em um discurso. O discurso do proibido, tabu, segredo, medo.

Apesar da maior restrição à sexualidade dos documentos oficiais do Vaticano, existem muitos teólogos da moral católicos que também desejam encontrar uma via de diálogo e abertura para questionar a repressão sexual e as normas que foram pré-estabelecidas sob fundamentos da Tradição, afirmando que tais regras estabeleceram-se sobre princípios não científicos e que necessitam ser revistos após a evolução da ciência, do surgimento de estudos antropológicos, à luz da psicologia e da ciência humana.

Xavier Thévénot (1975), Teólogo da moral católico, por exemplo, admite que embora se consigam encontrar alguns elementos positivos na história do Cristianismo, a vivência sexual dentro da igreja atingiu um alto nível traumático (p.64). Dentre alguns dos conflitos, ele destaca os problemas existentes dentro do matrimônio por causa de uma leitura incorreta da sexualidade. Apesar da Igreja (no caso a Católica Romana) ter tentado renovar a moral cristã, ela ainda encontra inúmeras dificuldades tornando-a “conflitiva” (p. 65).

Para Thévénot (1975), o estoicismo, o dualismo helênico e o neoplatonismo influenciaram notavelmente a moral cristã e perdurou até os dias atuais. Para ele, a influência encratista⁴⁴ pode ser percebida no pessimismo cristão diante da sexualidade, “na própria concepção da virtude da “castidade” com certo matiz restritivo e de abstenção; no ascetismo como medida para encontrar uma vida mais pura e mais dedicada à contemplação” (p.67).

Foucault (2010) também diagnostica que o moralismo cristão se mistura com o paganismo na atitude “*enkrateia*” (autocontrole de si) exigida à moral dos prazeres. Esta rigidez moral não necessariamente faz parte dos princípios bíblicos, e sim do sincretismo religioso desde os conceitos filosóficos que perpassaram para dentro do cristianismo.

⁴⁴ O encratismo constituía-se em uma seita cristã ascética do século II d.C. que postulava a abstinência da carne e proibia o casamento. A palavra encratismo provém do grego *egkratēs*, que significa “forte, casto”, ou “auto controlado”.

O herói virtuoso que é capaz de se desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair, é uma figura familiar ao cristianismo, como foi corrente a ideia de que essa renúncia é capaz de dar acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor, a qual seria excluída pela atividade sexual. Mas é igualmente conhecida da Antiguidade pagã a figura desses atletas da temperança que são suficientemente senhores de si e de suas concupiscências para renunciar ao prazer sexual (FOUCAULT, 2010, p. 48).

Segundo Foucault (2010), o filósofo Xenofonte se utilizava da palavra *sophrosune* (temperança) e *enkrateia* (autocontrole) alternadamente para designar a temperança, que se incluía nas cinco virtudes advogada por ele: “a devoção, a sabedoria, a coragem, justiça e temperança” (p.80). Platão também teria utilizado os dois termos intermitentemente, pois, segundo Foucault, ao tratar das quatro virtudes fundamentais para o ser humano, Platão menciona a sabedoria, coragem justiça e temperança (*sophrosune*), mas define a última como uma espécie de ordem e de império (*enkrateia*) sobre certos prazeres e desejos (p.80).

Para Foucault, portanto, os filósofos gregos distinguiam entre um homem temperante e o sujeito auto controlado. Onde, somente se consegue ser temperante se tiver forças o suficiente para dominar as tentações, se conseguir se sustentar na luta contra os prazeres e desejos. Para os gregos, somente aquele que tomou uma atitude de combate diante dos prazeres é que conseguiria conduzir-se moralmente. Os desejos, neste caso, apresentam-se como “apetites inferiores”, da mesma maneira que a fome e a sede é para os animais, tornando-se necessário combater esse mal perigoso que, se dominar o sujeito, consegue escravizá-lo em tudo o mais (p.83).

Thévénot (1975) atribui o condicionamento da doutrina sexual cristã negativista, ao fato de que no início do estabelecimento da moral cristã havia uma falta de elementos científicos e psicológicos a quem os moralistas poderiam recorrer. Contudo, atualmente, os teólogos da moral necessitam considerar os fatores antropológicos, psicológicos e científicos para expressarem seus conceitos sobre sexualidade. Por exemplo: recentemente a antropologia admite que a sexualidade “abrange uma realidade bem mais vasta que a mera genitalidade” (p.112). “Por isso, a tarefa do teólogo não pode restringir-se a supervalorizar o exercício da genitalidade ao refletir sobre a regulação da sexualidade” (p.113). Para Thévénot,

devem-se levar em consideração as relações humanas dentro da sexualidade, pois ela destina-se também a tirar o homem de sua “nociva solidão” (p.113).

Como se pode observar, os discursos de Kemp, Cavalcanti, Paulo e Claudete Brito não se constituem em algo novo, e sim baseados no “já dito”, desde o século II d.C., com algumas modificações, mas trazendo no seu bojo pensamentos filosóficos que se imbricaram no Puritanismo Protestante, validando sua autoridade na Bíblia. Seus discursos, por isso, constituem-se em uma forma de poder que luta contra o estatuto do indivíduo e contra o seu direito de ser diferente. Segundo Foucault (1995), o poder pastoral engendra-se de várias formas na vida do indivíduo. Tendo como objetivo final a salvação individual no outro mundo, e ao mesmo tempo cuidar da comunidade e de cada indivíduo durante toda sua vida, o poder pastoral, exige para isto um saber sobre a consciência, a capacidade de dirigi-la, de conhecer suas mentes, de explorar as suas almas e de conhecer todos os seus segredos.

Assim, os sujeitos religiosos afirmam sua identidade, enlevados pelo ideal de obter um bem-estar, saúde, segurança, envoltos pelo poder pastoral que passa pelas instituições cristãs: hospital, escola, igreja. O poder pastoral não se restringe aos templos eclesiais, ele desenvolve conexões com as instituições públicas, com a polícia, com instituições privadas de caráter filantrópico, com a própria família e com a medicina pública e privada (p.238).⁴⁵

Para continuar desenvolvendo nossa linha de pensamento, trarei alguns dos Teólogos morais católicos romanos para conversar com os autores já analisados e o próximo autor que constará deste capítulo: Carlos Eduardo Calvani.

3.1 CARLOS EDUARDO CALVANI

Carlos Eduardo Calvani, pastor (ou padre) Anglicano pertencente à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil é Doutor em Ciências da Religião e coordena o Centro dos Estudos Anglicanos da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil. Autor de vários livros, entre eles: *Violência e Cultura* (1996); *Teologia e MPB* (1998); *Pão da Vida Ano B* (2005); *Pão da Vida Ano C* (2006); *Entre o Público e a Universidade* (2006);

⁴⁵ Análise retirada em sala de aula sobre Foucault, texto da profa. Dra. Iara Guazelli sobre “Michel Foucault – Uma trajetória Filosófica” (Dreyfus, Hubert L.; Rabinow Paul, 1995).

Nossa Missão (2007); Pão da Vida Ano A (2007), Nossa Fé (2007) onde ele analisa os estudos nos credos Apostólico e Niceno; Teologia da Arte (2010) e o mais recente livro que atuou como organizador, Bíblia e Sexualidade - Abordagem teológica, pastoral e bíblica, lançado pela Fonte Editorial em 2010, do qual retiraremos alguns capítulos como objeto de pesquisa e análise.

Atualmente pastoreia uma diocese em Campo Grande, MS, onde atua também como professor no Instituto Anglicano de Estudos Teológicos em São Paulo e desde 2001 coordena o Centro de Estudos Anglicanos, instituição da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Foi professor visitante no Episcopal Divinity School em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos da América. Pastoreou em paróquias em São Paulo, Curitiba e Londrina.

Embora batizado na Igreja Católica Romana, sua família se filiou à IPI (Igreja Presbiteriana Independente) quando ele ainda era criança. Criado na IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), como ele mesmo descreve, de liturgia "genebrina", austera e silenciosa, sempre com coral e pastores togados. Afastou-se da igreja na pré-adolescência por enfrentar as crises próprias da idade. Retornou à igreja jovem e se filiou à Igreja Presbiteriana Independente para cursar o seminário da mesma denominação. Pastoreou na Igreja Presbiteriana Independente em São Paulo e atuou como professor no Seminário da Igreja Presbiteriana Independente em Londrina, no Paraná.

No auge do movimento carismático protestante no Brasil, a Igreja Presbiteriana Independente foi influenciada por movimentos tais como: surgimento de dentes de ouro, unção do riso, doutrina da confissão positiva, também conhecida como teologia da prosperidade, trazida para o Brasil por dois influentes pregadores neopentecostais: Benny Hinn e Kenneth Hagin. Calvani não aceitou tal movimento e por ter amigos anglicanos, e se identificar desde pequeno "com uma liturgia mais tranqüila e serena transferiu-se para a Igreja Anglicana, onde, segundo afirmou: "descobri uma nova perspectiva de vida religiosa, conciliando a tradição católica, a influência protestante, os influxos da Teologia da Libertação e uma ética mais 'contextualizada' e menos opressora" (sic).⁴⁶ Desde 1996 atua como clérigo anglicano e desde 2001 coordena a formação teológica na Igreja Episcopal

⁴⁶ Enviei e-mail para o autor Carlos Eduardo Calvani perguntando por suas raízes religiosas e como ele se encontrara na Igreja Episcopal Anglicana, ao qual ele respondeu e de onde retirei esses dados no e-mail de 27/06/2011.

Anglicana do Brasil (IEAB).

Calvani parece encontrar-se em posição antagônica a Robinson Cavalcanti (1990). Os dois pastoreiam a Igreja Anglicana, porém em pólos diferentes, sendo Robinson Cavalcanti o líder proveniente da divisão existente dentro da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, justamente pela discordância de decisões que a denominação internacional tomou, e que Cavalcanti assumiu, no tratamento da questão homossexual. Em um artigo que será analisado posteriormente neste trabalho, Calvani (2010) combate a hostil atitude de Cavalcanti (1990) contra os homossexuais. No recente embate no Brasil sobre a decisão do STF em reconhecer os direitos civis dos homoafetivos, tanto Cavalcanti quanto Calvani posicionam-se diferentemente.

Quanto ao reconhecimento de direitos civis dos homossexuais, o Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil se posicionou declarando que recebera “com serenidade a recente decisão unânime do STF sobre o reconhecimento jurídico das uniões estáveis das pessoas homoafetivas.” (artigo da internet de 12 de Maio de 2011, postado por Calvani).⁴⁷ O Bispo Primaz reconhece que devem defender a separação entre igreja e Estado. Mencionando o Livro de Oração Comum p. 179, ele reafirma o compromisso da Igreja Anglicana no Brasil de ser uma igreja que acolhe e serve, defendendo os direitos Humanos e o direito à cidadania plena.⁴⁸

Concomitantemente, Cavalcanti, alinhando-se ao senso comum evangélico brasileiro, reafirma sua posição contrária ao STF sobre os direitos civis dos homossexuais em palestra dada em Mogi das Cruzes, dia 05 de Maio de 2011:

A imoralidade do homossexualismo – nítido desvio de conduta e enfermidade emocional e espiritual – sempre rejeitada pela Nação, não por preconceitos, mas por conceitos que geram preceitos, recebeu o manto da legalidade, com o objetivo de reforçar a sua legitimidade. A imoralidade foi legalizada. O pecado foi legalizado. [...] O Brasil está de luto. A dignidade da pessoa humana e as leis vigentes isonômicas já eram mais do que suficientes para o exercício da cidadania, o bom funcionamento do Estado Democrático de Direito e a busca do Bem-Comum. O próximo passo será a criminalização dos heterossexuais que não admitem a normalidade

⁴⁷Artigo extraído da internet<(http://paroquiadainclusao.com/site/2011/05/12/nota-oficial-do-bispo-primaz-sobre-reconhecimento-da-uniao-homossexual-pelo-stf/)> acessado em 12/06/2011.

⁴⁸ Confelider: “Defenderás a justiça e a paz para todos, respeitando a dignidade de todo ser humano”.

do homossexualismo, o atentado à liberdade de expressão e da liberdade de religião, com a PLC 122, ora no Senado da República.⁴⁹

Calvani decidiu posicionar-se juntamente com a Igreja Anglicana do Brasil concordando com a decisão do STF, não sem sofrer severas ameaças por sua postura, a ponto de ter que escrever um artigo em seu blog contra aqueles que ameaçavam a realização dos cultos em sua diocese em Campo Grande, no dia 22 de Maio de 2011.

Ele declara que entende a reação de alguns evangélicos em relação à decisão do STF por se encontrarem acostumados a uma ditadura exercida por seus pastores e líderes dentro das suas comunidades, que se comportam de maneira autoritária excluindo todo aquele que não se adapte aos seus padrões. Ele continua afirmando que o lema da Comunhão Anglicana é o de João 8: 32: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” e que esse lema tem levado a igreja a ensejar “inúmeras iniciativas na defesa da dignidade humana, da voz dos excluídos, dos direitos indígenas, dos direitos à saúde e proteção dos idosos e crianças, ao direito das minorias, aos direitos das pessoas homoafetivas e aos direitos das pessoas que são discriminadas.” Ele conclui seu artigo pedindo àqueles que os ameaçam “(principalmente os evangélicos)” que os deixassem realizar seu trabalho em paz.⁵⁰

Coerente com os posicionamentos públicos sobre a laicidade da decisão do STF, e em sua prática pastoral, Calvani participa como organizador do livro *Bíblia e Sexualidade – Abordagem Teológica, Pastoral e Bíblica*, onde ele participa com quatro capítulos: Capítulo 4: Cantares – notas erótico-exegéticas; Capítulo 6: Gemidos da criação e arrepios da Teologia - Sussurros Éticos nos Ouvidos da Igreja; Capítulo 10: A Discrepância Entre a Ética Sexual das Igrejas e o Incontrolável Desejo dos Seres Humanos e Capítulo 16: Te(n)sões No Ministério Pastoral – Um Desafio à Ética Profissional.

Apresentarei as ideias de Calvani contidas no seu livro por tratarem de assuntos semelhantes aos outros autores previamente analisados, porém sob uma

⁴⁹ Texto extraído da internet <<http://gracaplena.blogspot.com/2011/05/robinson-cavalcanti-e-legalizacao-da.html>> acessado em 12 jun. 2011.

⁵⁰ Texto extraído da internet <<http://paroquiadainclusao.com/site/2011/05/22/homofobia-e-neonazismo/>> acessado em 12 jun. 2011.

perspectiva diferente. Vale ressaltar que com exceção de Jaime Kemp, todos os outros líderes têm uma comunidade a quem prestar contas.

3.1.2 Cântico dos Cânticos – Notas Erótico-Exegéticas para Estudo Bíblico em Comunidades Cristãs

Esta reflexão foi extraída de um estudo dado por Calvani (2010) em 1992 em um encontro de jovens e segundo o próprio autor, teria sido utilizada em diversas paróquias, encontros de casais, grupos de jovens e até mesmo em grupos da “terceira idade” (p.116).

O autor define o livro do Cântico dos Cânticos como a exaltação do encanto do “amor, a irresistibilidade da sedução, do desejo e da paixão” (p.118). Ele reconhece, porém, que a formação religiosa encontra-se condicionada pelo Puritanismo impedindo o sujeito de enxergar o tema do amor e da sexualidade na Bíblia com liberdade e sem preconceitos. Ele atribui esta atitude à visão platônica que impregnou a moral cristã, pressupondo que tudo que “se refere ao corpo e aos prazeres sexuais está muito distante do ideal de santidade e espiritualidade” (p.119).

Segundo Erik Newman (2010), o livro de Cantares, juntamente com o livro de Ester, foram os últimos a serem aceitos como sendo canônico, por causa do seu conteúdo, e por não mencionarem o nome de Deus. Os rabinos duvidaram do valor espiritual do livro de Cantares, constituindo-se no único livro da Bíblia Hebraica a não ser mencionado por Filó.

Embora alguns líderes religiosos tenham analisado o livro de Cântico dos Cânticos(ou Livro de Cantares), como o canto do amor entre um casal dentro dos laços matrimoniais,⁵¹ Calvani afirma que não existe nada no texto que sugira que os dois amantes sejam casados. Para ele, a intenção dos líderes e autores de representar o casal como casados seria uma tentativa de evitar que o livro contido na Bíblia seja considerado “imoral” (p.120). De acordo com Calvani, os textos mostram o contrário, porque o casal constantemente tenta ir para lugares

⁵¹ Sem contar que muitos dos pais da Igreja para negar o erotismo contido no livro de Cantares, também interpretam o livro de Cantares alegoricamente, como a canção de amor entre Cristo e sua noiva, a Igreja. Dentre os que defendem a interpretação alegórica podemos citar: Panteno, Clemente de Alexandria, Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes e Agostinho. Dentre os que interpretam o livro em sua forma literal ou histórico-gramatical destacamos: Doroteu, Lúcio, João Crisóstomo, Jerônimo, Adriano de Antioquia, João Calvino, e outros.

escondidos para se amarem, inclusive a jovem é interpelada pelos moralistas, “agredida violentamente pelos poderes repressores da sexualidade” (p.120), mas reafirma seu amor pelos campos com seu amado. Segundo Boehler (1998), o livro de Cantares:

Recupera a dimensão da vida, da terra, das cores, das formas, do cheiro. O lugar de encontro, de abraços, de amor. Nele o critério da dimensão divina do ser humano é a própria sensualidade dos corpos. E o corpo inteiro é bonito. É todo erótico. Não é profano. É o templo da vida (BOEHLER, 1988, p. 5. apud CALVANI, 2010, p.120).

Segundo Calvani, o livro de Cantares mostra a sexualidade encarada como natural e fonte de prazer para o casal, sem necessariamente estar conectada com a procriação ou o casamento. Calvani afirma que “a criação primária de Deus é o corpo e a sexualidade” e o casamento foi instituído histórica e culturalmente. Portanto, ele incentiva o leitor a viver “o fogo do amor e experimentar na pele todo o prazer que o corpo pode proporcionar” (p.131), mesmo sendo incomodados com “os guardas da cidade” mencionados no livro de Cantares.

Para Calvani, a Bíblia trata do tema com naturalidade, mas a repressão prova que existe na igreja algo doentio. Ele observa que muitos grupos clamam por libertação social, política e econômica, mas se abstém de falar da libertação sexual, aliás, muitos nem acreditam neste tipo de libertação e sim somente na espiritual.

Calvani encerra sua reflexão utilizando Cantares 8: 7a “porque o amor é mais forte que a morte” porque considera “a libido, o desejo e o amor” como “poderes vitais” e reprimi-los através de discursos religiosos pode produzir morte (p.132).

Para Antoon Vergote (1982) os cristãos possuem uma “inveterada inclinação a julgar moralmente, desconhecendo as leis e as dificuldades internas do humano e de sua história”. Ele observa que existem dois pólos cristãos de orientação que entram em constante tensão: de um lado a ordem da criação e o sobrenatural, e por outro a iniciativa divina dentro da história, e por isto o cristianismo sempre terá “relações complexas e atormentadas” com a cultura (p.29). Por isso, ele propõe que se reconheça a realidade humana, mesmo que isso signifique compreender que o ser humano não pode procurar a verdade sem se arriscar, e a verdade só pode ser

encontrada através de movimentos contraditórios. Exigir do sujeito religioso uma formação espiritual imposta a partir de um ideal de perfeição cristã seria sobre-humano porque demandaria do ser humano uma ruptura com sua condição humana. Para Vergote, não adianta apregoar ensinamentos que representam “caricaturas antigas”, e convida os teólogos a refletirem sobre os erros do cristianismo reveladores de suas dificuldades inerentes ao seu relacionamento com o humano (p.35).

De acordo com Vergote (1982) “a obsessão do sexo constituiu a neurose moral do cristianismo”. A culpabilização maciça da sexualidade trouxe “estéreis sofrimentos psicológicos” (p.36), revelando uma profunda desconfiança pelo prazer, que não poderia ser usufruído gratuitamente. Os sofrimentos psicológicos incutidos ao ser humano pelos discursos religiosos podem se desdobrar de várias maneiras.

John Dourley (1987) analisando o pensamento de Carl Gustav Jung, psicanalista, sobre o cristianismo e seus efeitos sobre os fiéis, explica que Jung apontou que as principais tradições cristãs ocidentais (católicas e protestantes) bloquearam, mais do que favoreceram “o acesso de seus seguidores à vida da qual elas se dizem mediadoras” (p.25). Jung acusa as doutrinas tradicionais de colocar o ser humano em uma situação psico-espiritual destruidora. Afirma Dourley, “Jung escreve: ‘Ela (a teologia) proclama doutrinas que ninguém compreende e exige uma fé que ninguém está em condições de elaborar’” (JUNG, s.d. apud DOURLEY, 1987, p. 26). Segundo Dourley, toda concepção da fé que for separada da base experiencial da consciência que o indivíduo tem de si, torna-se desumanizante substituto da experiência vitalizadora do inconsciente, que os símbolos manifestam. Qualquer conteúdo de uma determinada fé que não estiver integrado com a vida permanece estranho e, portanto, hostil “tanto para o crescimento psicológico como para a própria vida” (1987, p. 26). Uma vez vencidos a fé e o fanatismo, através da dúvida e do questionamento, a depressão e uma sensação de vazio interior podem se instalar no coração dos fiéis após a perda daquele alívio que anteriormente lhe era proporcionado pela fé, “apesar de que, paradoxalmente, a depressão pode se acompanhar de raiva pelos sacrifícios feitos ao Deus dessa duvidosa fé e às estridentes exigências morais, agora percebidas como inimigas de uma expressão mais plena da vida e do espírito humano” (p.26).

Por causa disso, as vítimas da ‘sacrossanta ininteligibilidade’ se deparam, muitas vezes, com soluções ‘que não levam a nada’. Eles podem cerrar os dentes e se aferrar fanaticamente ao fardo das ‘verdades reveladas’, que não encontram nenhuma ressonância neles. [...] Freqüentemente isso faz com que indivíduos maduros, à procura desesperada de um senso de profundidade na própria vida, sejam obstaculados na sua busca de sentido pela dificuldade de achar o acesso àqueles níveis da própria interioridade que uma sadia tradição religiosa deveria normalmente proporcionar (DORLEY, 1987, p.27).

Conseguimos observar no discurso de Calvani, a dissonância dos discursos de Kemp (2001), Brito e Brito (1996) e Robinson Cavalcanti (1990) sobre a abstinência sexual até o casamento. Enquanto estes últimos em seus discursos se utilizam da ética Puritana sobre sexualidade, ao incentivar jovens a permanecer castos e abstinentes sexualmente até o casamento, Calvani (2010), difere da ética sexual puritana expondo outras possibilidades para o comportamento sexual, sem, contudo, se afastar dos princípios bíblicos.

Na ética sexual puritana a virgindade era exigida principalmente da mulher, que deveria ser totalmente dessexualizada até o casamento, onde sua castidade seria transferida para outro ‘ possuidor ‘, seu marido, autorizado agora a se utilizar de “seus serviços sexuais para o seu próprio prazer” (LEITES, 1987, p. 217).

Para Vergote (1982), só se pode compreender a tenebrosa Guerra contra a sexualidade se colocarmos em perspectiva a preocupação moral da Igreja com a família e a sociedade. A Igreja acreditava que a “sexualidade mal educada” poderia arruinar as famílias e desorganizar o mundo constituído (p.36). Porém, para Vergote esta explicação seria parcial. Ele continua afirmando que a Igreja temia a rivalidade do prazer carnal com o amor a Deus. O prazer sexual se configura como uma experiência tão intensa que poderia não permitir que o indivíduo tivesse o desejo de encontrar a felicidade em Deus.

No entanto, se a sexualidade é uma dimensão essencial da existência humana, cabe à educação cristã ensinar a pessoa a superar essa oposição, a fazer do prazer uma forma de amor e do amor humano uma participação simbólica na alegria religiosa que é trazida pelo anúncio do Reino (p.36).

Somente quando o líder religioso se distancia do seu lócus socioeconômico, consegue adotar uma teologia que resgata a sexualidade contrastando com a ética puritana, que, segundo Juarez Costa (2004), “adota o ativismo como seu papel principal e condena comportamentos que desviem as energias do homem para outras atividades que não as de louvor a Deus” (p.72).

Costa (2004), ao estudar o discurso de dois pastores de duas igrejas: A Assembleia de Deus Tradicional e a Assembleia de Deus Betesda, contrastando a moral essencialista da personalista, mostra que existem outras figuras no meio evangélico que assumem a postura de Calvani. Ricardo Gondim (2010), em seu livro *É Proibido – o que a Bíblia Permite e a Igreja Proíbe*,⁵² denuncia os discursos que exigem dos fiéis um esforço para alcançar pureza sexual, através de usos e costumes. Gondim (2010) ressalta que Deus seria irresponsável em exigir esforços do ser humano para continuar a obra de salvação (através da santificação) que Ele providenciara. “Em I Pe. 1:3-5 vemos que tanto a salvação como a santificação acontecem na vida do cristão pela fé, não advêm dele mesmo, são dons gratuitos de Deus” (GONDIM, 2010, p. 63).

Para Costa (2004), Pr. Ricardo Gondim representaria o discurso personalista, enquanto que o Pr. Elinaldo Renovato de Lima, o discurso essencialista. Isto é, a moral essencialista estabelece-se nos alicerces da tradição, tomando a religião como uma base estática, sem a possibilidade de transformação, posto que se apega ao passado, não conseguindo dar lugar a inovações “Como diz José Wellington Bezerra da Costa: ‘A doutrina, por ser bíblica, não pode sofrer adaptações, conforme as circunstâncias da época. Na Palavra de Deus não se pode mexer’ ”⁵³ (COSTA, 2004, p. 80). Para Juarez Costa, o valor personalista da moral reside no fato de que o valor da pessoa humana encontra-se acima de tudo. Ela preocupa-se com a autonomia e liberdade dos seres humanos dentro das instituições. A pessoa, ao contrário da moral essencialista, não se prende à tradição ou a um conjunto de verdades pré-estabelecidas, mas tem a liberdade de escolher o que for melhor para si e para a sociedade em geral. Em suma, essa moral permite ao indivíduo o livre pensar, escolher e agir.

⁵² Publicado pela primeira vez em 1994, pela Editora Mundo Cristão, e em 2010 contou com sua 19ª edição.

⁵³ José Wellington Bezerra da Costa é o pastor Presidente das Assembleias de Deus do ministério Missão, cuja sede encontra-se no bairro do Belenzinho, São Paulo.

Gondim (2010), contudo, admite que os líderes autoritários e normativos se estabelecem como “autênticos messias” através de pesadas exigências religiosas, impedindo as pessoas de questioná-los através da culpa instalada nelas, inclusive não somente na área de sexualidade, mas em todas as esferas de suas vidas: ornamentos, vestimentas, o que ouvir, o que fazer.

Infelizmente temos de admitir que alguns líderes, caudilhesicamente, firmam-se em seus cargos inculcando medo nas pessoas. Primeiro, diminuem a obra a vicária de Cristo pelas exigências pesadíssimas que impõem sobre as pessoas. Depois, mantêm-nas presas pelo medo inerente à quebra de algum dos inúmeros mandamentos apregoados a cada sermão. [...] Jesus condenou severamente os líderes religiosos que atam fardos pesados de normas, exigências e condenações nos ombros das pessoas. [...] Mateus 23 evidencia a intolerância de Cristo em relação ao legalismo (GONDIM, 2010, p. 63-64).

Na moral essencialista, não se pode realmente questionar normas que, segundo ela, partem do exterior, foram ditadas por Deus, não podendo, portanto, ser mudadas, somente obedecidas. Assim, o discurso se coloca na autoridade da revelação bíblica, cabendo ao líder religioso interpretar as regras impostas por “Deus”.

Thévénot (1982), afirma que as exigências éticas do Cristianismo decorrem do obscurantismo em não conseguir se aliar “às descobertas das ciências contemporâneas” impondo ao ser humano normas “tão irrealistas que as levam ao desgosto de viver, quando não à neurose” (p.78). Segundo ele, “a moral eclesial é bem pouco cristã – dizem os críticos, porque no fundo ela é muito pouco humana” (p.78.) Além do mais, ele declara que a Bíblia não traz uma visão da sexualidade, porque a Escritura em nenhum dos seus livros mostra uma “reflexão fenomenológica ou ética bem construída sobre a vida sexual” (p.79). Todas as vezes que na Bíblia a sexualidade é abordada, sempre se refere a questões práticas de alguma comunidade ou observações sobre os costumes da época de homens e mulheres. Ao discursar sobre a moral sexual, segundo Thévénot, os autores interpretam os versículos a partir dos seus pressupostos ideológicos e por seus desejos inconscientes, portanto, os versículos são passivos de ser deturpados.

Marciano Vidal (2008), teólogo da moral católico afirma que as regras sobre sexualidade que surgem na Bíblia somente poderiam servir de critério normativo para o comportamento cristão se forem submetidas a uma hermenêutica, e que esta deve ater-se à revelação e à Antropologia. Somente levando em conta o valor do ser humano, como também o fato de que o fenômeno da sexualidade deve ser interpretado de uma forma integral, mas também integradora. Vidal (2008) defende, portanto, um paradigma de caráter personalista. “Nesse sentido, a moral sexual explicita no trabalho ético a mais profunda realidade (o mais profundo ser) da sexualidade humana” (p.65).

Poderíamos, então, afirmar que Calvani apresenta um discurso moral personalista, diferentemente dos discursos de Kemp e Cavalcanti que trazem à tona constantemente a culpa e o medo, com promessas de inferno e fogo ardente e de um distanciamento de Deus se o fiel não cumprir com as normas ensinadas.

Embora os posicionamentos de Calvani sobre uma sexualidade sem as molduras puritanas possam parecer heterodoxos, o bispo Anglicano Alan W. Watts, desde a década de 50, já defendia uma visão também positiva da espiritualidade, sem a dicotomia corpo-espírito, afirmando que a culpa não caberia no cristianismo. Em seu livro *Nature, Man and Woman (Natureza, Homem e Mulher)* (1958), Watts declara que a Igreja moderna precisa entender que:

[...] uma moralidade cristã plena e madura nunca pode se basear no sentimento de culpa; e uma grande quantidade de uma cristandade organizada insiste em explorar este sentimento, apelando simplesmente para o medo e o orgulho do homem... Arrependimento real, contudo, não é uma ação que diz respeito ao eu, e sim sair de si mesmo e se voltar em direção a Deus (p.210).⁵⁴

Segundo Watts (1958), necessita-se de uma nova moralidade encarnacional que busque transformar o mundo e a carne, em vez de negar os dois. O encontro

⁵⁴ Tradução livre da autora deste trabalho.

Original: The point which modern Church religion seems so far from understanding is that a full and mature Christian morality can never be based on the sense of guilt; to far too great an extent organized Christianity thrives on the exploitation of this sense, appealing simply to man's pride and fear.... Real repentance, however, is not a self-regarding action; it is turning away from self and towards God.

com Deus deveria incluir todas as funções normais do ser humano, desde as necessidades básicas como comer, beber até a relação sexual.

Segundo Vidal (2008), pode-se considerar um comportamento sexual bom, moralmente falando, quando se encontra “integrado no conjunto harmônico da pessoa” (p.66). A moral sexual não deve constar somente de uma exposição “reducionista e monocolor” centrada em atos, e sim incorporar atitudes e uma opção fundamental. Para ele, o problema da sexualidade deve ser abordado na integralidade do ser humano, pois somente assim se poderá promover uma personalidade sadia (p.67).

Outro teólogo da moral católico, o padre e sociólogo Andrew M. Greeley, em seu livro *Sexual Intimacy (Intimidade Sexual)* (1977), postula que o impulso do ser humano em ter uma união sexual revela o desejo por uma união transcendental, assim como os místicos a experimentam. Ele declarou que o marido e a esposa tentam obter uma união perfeita na relação sexual, que existe “permanentemente em Deus” (p.64). Ele compara o orgasmo entre marido e mulher como algo divino.

Em tal perspectiva, torna-se possível dizer que quando um marido e uma esposa que estão profundamente apaixonados alcançam o clímax de seu orgasmo sexual, eles alcançaram algo que é, no sentido estrito da palavra, “divino”, porque temporariamente fundiram o Macho e a Fêmea (GREELEY, 1975, p. 64).

Em seu livro *Love and Play (Ame e Brinque)*, Greeley (1977) afirma não considerar um relacionamento cristão um relacionamento sexual de onde retiram a imaginação e a celebração, e que, apesar de poder ser uma maneira de viver digna de louvor, não se constitui em cristianismo, e sim em estoicismo.

Sexualidade estóica – puritanismo – não é uma sexualidade cristã não importa o quanto se afirme que seja. [...] Podemos continuar a ser monótonos, mas à medida que formos monótonos seremos falsos à crença que professamos (p. 43-45).⁵⁵

3.1.3 A Criação Geme e a Teologia ainda Se Arrepia

Convidado para dar uma palestra em um simpósio sobre sexualidade, Calvani explica que em 2001, ao tratar sobre o assunto no I encontro sobre sexualidade promovido pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil⁵⁶, sofrera grande perseguição e desgastes. Porém, antes desse segundo simpósio, decidiu pesquisar bibliograficamente o discurso dentro das igrejas evangélicas sobre o comportamento sexual, com o objetivo de observar se a teoria extenuadamente repetida coincidia com a prática dos membros das igrejas evangélicas.

Auxiliado pelo pesquisador Marcos Roberto Inhauser (1997), Calvani descobriu que na realidade havia uma distância entre a ética apregoada nas igrejas evangélicas e o comportamento sexual de seus membros.

Após mencionar pesquisas que corroboraram com sua conclusão⁵⁷, Calvani questiona a insistência da Igreja em continuar querendo opinar sobre a vida sexual privativa das pessoas. Ele pondera se seria uma herança da tradição judaica, principalmente do Código da Santidade em Levítico e que continua nas palavras de Paulo aos romanos, ou porque os próprios fiéis se submetem a pedir aconselhamento a pastores e através de sites talvez como “sintoma da profunda culpa que carregam. [...] Ou será por que o tema da sexualidade continua a ser terreno pantanoso e nebuloso para todos nós, mesmo os que se consideram ‘liberais’?” (p.275). Calvani discute sobre o fato de os teóricos da ética sexual se

⁵⁵ Livre tradução.

Original: I take it as axiomatic that a sexual relationship from which all imagination and celebration has been removed is not a Christian relationship. It may very well be an admirable, praiseworthy, responsible, sensible way to live; the religion that underpins it – stoicism – has always been impressive, but it is not Christianity. Stoic sexuality – Puritanism – is not Christian sexuality no matter how much it may claim to be. [...] We may continue to be dull, but to the extent that we are dull we are false to the belief we profess.

⁵⁶ Título do capítulo seis, mas que decidimos não abordar pela amplitude do assunto homossexualidade.

⁵⁷ As pesquisas serão explicadas mais na frente deste trabalho, quando forem pertinentes ao assunto tocado.

utilizarem do conceito de “natureza” e de atos “antinaturais”. “Ele argumenta que os líderes se esquecem que os comportamentos também são culturais.”

Vidal (2008), também urge os teólogos da moral a dialogarem lúcida e fecundamente com os valores evangélicos da sexualidade e da cultura atual, e a reconhecerem que existe uma pluralidade de “paradigmas” na formulação do discurso sobre sexualidade. O paradigma da “Razão Natural” prevaleceu na Idade Média e época Pós-tridentina, através de Santo Alberto Magno e de Santo Tomás de Aquino, quando assumiram a antropologia aristotélica de que a sexualidade seria considerada uma faculdade natural e com uma teleologia. Assim, organizaram as regras do comportamento sexual em torno do que seria considerado virtuoso, se moderado, que respeitasse a “ordem natural e teleológica “(a finalidade procriadora)” da sexualidade” (p.106).

Contudo, após o Concílio Vaticano II, a sexualidade passou a ser vista sob a ótica da “liberdade” em vez do reino da “natureza”. Vidal vê neste passo um conflito diante de uma sociedade que se encontra no caos. Contudo, ele admite que exista uma maneira de casar a teologia com antropologia, libertando a moral sexual das “travas míticas e tabuísticas” atribuindo à sexualidade uma configuração tanto humana quanto humanizadora (p.111).

No discurso tradicional, senso comum nas igrejas, as práticas consideradas “antinaturais” são o coito anal, o homossexualismo (sic) e a masturbação, sendo até mesmo considerados mais graves do que um estupro seguido por gravidez.⁵⁸ Os líderes analisados no capítulo anterior baseiam suas proibições em uma moral essencialista, partindo do pressuposto de que a sexualidade deve ser entendida na perspectiva biológica e da ordem natural das coisas. Calvani considera “absurdo” tomar como critério uma função biológica para o que se considera natural e moral. Para ele, a função biológica (da procriação da espécie) deriva uma norma moral e se constroem valores a partir da anatomia.

Enquanto Robinson Cavalcanti e Brito e Brito consideram coitos anais “pecado”, aplicando o conceito de contrário à “natureza”, Calvani desafia os líderes religiosos a repensarem o conceito de “natureza”, por tratar-se de um antigo dilema religioso de não conseguir distinguir entre o natural e o cultural. Para Calvani, a antropologia, a sociologia e a psicologia têm provado que muitos comportamentos

⁵⁸ Ele se refere ao caso em notícia nacional sobre uma menina que foi estuprada e engravidou e o pai autorizou o aborto, sendo o pai e o médico excomungados pela igreja católica.

que se consideram “naturais” são na verdade culturais (p. 152). Ele destaca pelo menos três variações do conceito de natureza no uso moderno da expressão:

- a) O significado empírico- o mundo das observações físicas e biológicas;
- b) O significado filosófico e teológico – a função e o propósito de um fenômeno natural;
- c) O significado cultural- o sinônimo para a palavra “normal” (CALVANI, 2010, p.153).

Para melhor compreendermos a observação de Brito e Brito, verificarei somente o significado filosófico e teológico, continuando o raciocínio de Calvani. O sentido da expressão “natural” encontra-se ligado ao aristotelismo e ao tomismo. Para os filósofos aristotélicos e defensores do tomismo, tudo que acontece de modo contrário a um propósito ou fim previamente definido é considerado “antinatural” ou “contrário à natureza”, isto é, o sexo anal, por não ter nenhum outro propósito a não ser o prazer, seria considerado antinatural, pois, para os religiosos, o ato sexual tem um fim definido a priori - a procriação da espécie. De acordo com Calvani, o conceito de natureza assume um caráter normativo, pois pressupõe que as leis naturais ordenam cada criatura.

Para Tomás de Aquino, Agostinho e tantos outros teólogos, a função natural da sexualidade é a procriação. Tomás de Aquino, por exemplo, classificou alguns pecados sexuais como naturais e outros como “contrários à natureza”, dando mais gravidade a esses. Quais seriam os pecados sexuais considerados “naturais”? Basicamente, o adultério, a fornicação, o estupro e a prostituição, pois nesses casos há relações heterossexuais que podem resultar em gravidez. O pecado é cometido, mas as leis da natureza não são contrariadas, pois o objetivo do sexo é a procriação da espécie (2010, p. 153).

Na questão de posições durante o ato sexual, cujo discurso exige da mulher uma atitude passiva, e do homem uma atitude ativa, inclusive no ato de deitar, Brito e Brito quebram um paradigma ensinando a mulher a ser mais participativa e tomar iniciativas sexuais.

A mulher, que tem procurado no seio da sociedade a equiparação em tantas áreas [...] no tocante à área sexual, tem ainda uma certa dependência da vontade masculina, [...] Chegou a hora, portanto, de as mulheres lerem **Cantares** e aprenderem um pouquinho com a Sulamita, que era uma mulher que sabia tomar a iniciativa. Na área sexual, estamos vivendo uma outra era, um novo tempo (BRITO; BRITO, 1996, p.43).

Pode-se entender a submissão e falta de iniciativa sexual feminina pelos anos de ensino dentro do círculo cristão de que a mulher deveria se submeter a homem e agir passivamente. Segundo Calvani, por muitos séculos considerou-se normal e natural a submissão feminina. Existia uma distinção entre os papéis sexuais ativos e passivos numa relação sexual. O sexo sempre esteve intimamente ligado ao “poder e ao machismo da cultura androcêntrica”.

Uma mulher que assume a parte ativa acaba sendo um ato transgressor das regras sociais. [...] A iniciativa sexual daquelas de quem se espera submissão acaba sendo intolerável e imoral – “contrária à natureza”, porque a ordem natural das coisas exige sua submissão (CALVANI, 2010, p. 157).

Paulo César e Claudete Brito rompem com a falsa impressão de que a passividade sexual feminina seria a acertada. Quanto ao sexo para prazer, o casal Brito lê corretamente o ideal Puritano de romper com o ascetismo Cristão Católico Romano, afirmando que o sexo não servia simplesmente para procriação ou para evitar a fornicação, mas que dentro do casamento poderia dar prazer tanto para o marido quanto para a mulher. Contudo, segundo Edmund Leites (1987), o prazer para os Puritanos significava “um sentimento moderado que não levasse, ordinariamente, aos extremos da paixão” (p.29).

Embora os Puritanos tivessem rompido com a rigidez sexual do cristianismo Católico Romano, o ideal de “equilíbrio e constância” nas emoções também trazia restrições ao prazer dentro do casamento, embutido no discurso tanto de Robinson Cavalcanti, quanto de Brito e Brito, quando elaboram os limites do prazer dentro dos laços matrimoniais.

Mas seria uma excitação erótica intensa e apaixonada compatível com a firmeza e a sóbria alegria requeridas pela autodisciplina e pela constância? Enquanto Weber pode parecer ter visto inaccuradamente os puritanos como fundamentalmente ascéticos, é verdade que a ética da corrente principal do puritanismo colocava restrições severas ao prazer erótico. Isso não era porque os puritanos pensassem que o sexo era por si só ruim, mas porque os prazeres da vida erótica são, quando totalmente desenvolvidos, altamente apaixonados e agitados (LEITES, 1987, p. 32).

Paulo César e Claudete Brito (1996) corroboram com o argumento de Kemp (2001) de que uma jovem não deve contrair núpcias com um jovem que não professe sua mesma fé, só que agora com uma perspectiva diferente: generalizando, ele adverte que os “homens incrédulos geralmente querem tal tipo de relação” (**anal**) grifo meu. Para eles, uma jovem “cheia do Espírito Santo” não aceitaria tal relacionamento. Os autores consideram pior do que um não cristão querer praticar sexo anal, é um homem cristão querer forçar sua esposa a tal prática (p.53).

Segundo Calvani, em uma pesquisa realizada por Marcos Inhauser (1997), como trabalho de mestrado em Teologia nos Estados Unidos, de 200 questionários enviados para cristãos, em sua maioria, batistas, recebendo de volta 93 respostas, dentre as quais ele observou que 48,3% dos evangélicos consideravam o sexo anal como perversão ou pecado, enquanto 46,2% o consideram uma forma alternativa. 34,4% dos casais afirmaram que o praticam, sendo que 17,2% o praticam de forma regular, e 13,9% afirmam que gostariam de praticar. (p.271). Para Inhauser (1997), a conclusão é de que “a ética, na prática é outra”. (apud CALVANI, 2010, p. 274). Ao ler algumas frases em um determinado site, cujas perguntas demonstravam a incoerência entre a “ética sexual ensinada pelas igrejas e o que se vive na prática”, Calvani questiona se os valores ensinados não gerariam conflitos no indivíduo diante da tensão entre o aprendido e seus desejos reais do cotidiano (p.274).

Tome-se como exemplo o sexo oral, condenado pela maioria dos líderes religiosos no Brasil, porém no questionário de Inhauser, descobriu-se que 61% dos homens (cristãos) afirmam gostar e 34% das mulheres, e no total 54,8% o praticam, mesmo sabendo que suas igrejas condenam explicitamente a prática, mas tem se tornado regular e normal pela grande parte dos casais evangélicos. Deve-se este

fenômeno ao processo de secularização que se vem experimentando na chamada pós- modernidade ou alta modernidade.

Segundo Sandra Duarte de Souza (2006), a “ambiguidade marca nosso território religioso” (p.29) e a hegemonia católica tem sido quebrada por outras formas de experiências religiosas. O protestantismo tem sido uma delas. Contudo, segundo Souza (2006), o discurso protestante tem se mostrado ineficaz em seu poder regulador. Para ela, existe uma tensão entre a “ortodoxia institucional e a heterodoxia dos sujeitos religiosos” gerando resultados múltiplos que variam do recrudescimento do fundamentalismo e das espiritualidades sem tradição e sem territórios (p. 32). Porém, a instituição religiosa resiste a esta fragmentação do significativo religioso, tentando manter o poder institucional sobre as normas sexuais.

Souza afirma que, embora os protestantes históricos discurssem mais timidamente sobre a temática da sexualidade, existe uma “disparidade entre os preceitos da instituição religiosa e a prática dos fiéis” o que assinala a fragilidade das instituições religiosas de funcionarem como ‘instituições totais’ para seus adeptos. “Elas já não se constituem como as únicas (e, talvez, nem como as mais importantes) formadoras da cosmovisão e do ethos dos sujeitos religiosos” (p.36). Todavia, não se pode considerar esse fenômeno simples. Souza afirma:

A ambigüidade ressurge. Retomando o exemplo da sexualidade, ainda existe uma representação corrente de santidade, em nossa sociedade, que passa pelo ideal de virgindade e de maternidade. Isto é, a noção de sexo por prazer coexiste com a noção de castidade e de sexo para procriação. Um outro exemplo se refere ao casamento religioso. Apesar da atual legitimação estatal das uniões informais através da lei do concubinato, é crescente a busca pela bênção religiosa do matrimônio, inclusive entre casais homossexuais (2006, p. 36).

Calvani cita a pesquisa publicada em 1997 (época do livro escrito por Paulo César e Claudete Brito) sobre a discrepância entre a ética sexual ensinada nas igrejas e o comportamento das pessoas, que tentam se equilibrar entre obedecer ao discurso religioso e seus impulsos sexuais. Acerca das posições durante o ato sexual, por exemplo, o editor Marcos Roberto Inhauser (1997), o pesquisador da CEBEP, observou que realmente imperava nas igrejas a recomendação que marido

e mulher deveriam praticar o ato sexual somente na posição “face-a-face”, também conhecida como “papai-mamãe”, como dito anteriormente. Marcos Inhauser declara:

Ao afirmar que a vontade de Deus e as bênçãos estão neste tipo de atividade sexual, por inferência estão afirmando que o castigo virá pela prática das variações. Esta tese é reforçada pelas afirmações não totalmente explícitas do ‘leito sem mácula’, sempre associado a práticas sexuais alternativas e não poucas vezes identificadas como aberrações sexuais (apud CALVANI, 2010, p. 271).

Virgílio Gomes do Nascimento, psicólogo carioca, realizou um estudo para sua dissertação de mestrado na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro em 2006, para verificar os transtornos sexuais femininos e conflitos entre atitudes e comportamento sexual num grupo de 400 mulheres evangélicas acima de 18 anos, de cinco denominações evangélicas de cidades do Grande Rio, incluindo mulheres batistas, adventistas, presbiterianas, metodistas e assembleianas. Em seu resultado, constatou que existe uma.

[...] contradição entre o comportamento sexual prático e a ética tradicional ensinada nas igrejas. Por exemplo: As mulheres evangélicas defendem a virgindade até o casamento e acham que o matrimônio pode dar errado se o casal transar antes, mas 52,4% reconhecem ter mantido relações sexuais antes do casamento. Elas também acreditam que sua sexualidade deve ser regida pelas recomendações da igreja, mas 27,3% admitem ter praticado sexo anal alguma vez na vida. Mais: 56,4% das evangélicas gostam de se masturbar, porém 41,1% sentem-se culpadas depois (apud CALVANI, 2010, p.272).

Ao final da pesquisa, o psicólogo concluiu que embora exista rigidez nas questões morais e a prática seja outra, a contradição entre a teoria e a práticas provoca disfunções sexuais, entre as quais o pesquisador destacou: “a falta de orgasmo (14,5%), a falta de desejo (10%), a sensação de dor durante a relação (8%), a dificuldade de manter a excitação (6,3%) e a impossibilidade de penetração (4%)” (apud CALVANI, 2010, p. 272).

Calvani considera impossível utilizar o fator biológico para se afirmar um padrão de normalidade para a sexualidade humana, mas sim “o padrão de normalidade na vida cultural, imposto pela moral de determinada sociedade” (p. 275). Souza (2006) atribui a relativização do poder religioso a três fatores presentes em uma sociedade secularizada: “o pluralismo religioso; o trânsito religioso e a infidelidade doutrinária dos sujeitos religiosos” (p.37). Com a presença de outras instituições sociais laicas, a Igreja tem seu discurso enfraquecido porque divide seu espaço com outras instituições produtoras de sentido, perdendo seu monopólio religioso do significado. Com a desinstitucionalização da fé, a suposta autonomia humana perante sua relação com o sagrado, sem a mediação do viés religioso, o sujeito religioso e não objeto, passa a não mais somente reproduzir os discursos ou sistemas simbólicos das instituições às quais eram filiados, mas, inclusive, a questionar tais discursos e compará-los com outros discursos vigentes através da TV.⁵⁹

Quanto ao trânsito religioso e fidelidade doutrinária dos adeptos, Souza (2006) afirma que as instituições religiosas necessitam reformular constantemente sua oferta simbólica de acordo com a exigência dos fiéis, que por sua vez, não se comprometem com elas. Para Souza, as igrejas medem o seu poder normativo ao conseguir com que seus membros acatem ou não ao seu corpo doutrinário bastante rígido, não sem sofrer uma tensão entre atar-se às suas tradições e ao mesmo tempo negá-las.

Em outras palavras, a reprodução, no discurso e na prática, do sistema normativo da instituição religiosa da qual o fiel participa, é o indicador da eficácia simbólico-material desse mesmo sistema (SOUZA, 2006, p. 41).

O problema, segundo a autora, é que os sujeitos religiosos aderem às instituições somente parcialmente, dificultando seu poder regulador sobre os fiéis que não mais se encontram totalmente “subordinados ao ‘olho de Deus’” (p.43).

⁵⁹ Ouso trazer à tona o fenômeno midiático. Os protestantes não escutam somente os discursos de seus pastores locais. Geralmente, antes de irem ao culto religioso em suas igrejas, já ouviram vários discursos (inclusive dissonantes entre si) que, talvez, melhores elaborados, com mais argumentações manipuladoras, que podem, inclusive, lhes dar a oportunidade de escolher, de acordo com o que mais lhe aprouver e beneficiar, qual acreditar ou seguir.

Conforme Antônio Flávio Pierucci, a secularização pode perfeitamente se dar como um processo irregular, descontínuo, com flutuações marcantes no compromisso religioso dos indivíduos (PIERUCCI, 1997 apud SOUZA, 2006, p. 43).

Pierucci (1997) menciona Weber ao afirmar que quanto mais a ética de salvação fraternal for baseada em princípios e coerente, e quanto mais reflexiva for à sexualidade, maior a tensão entre religião e sexualidade.⁶⁰ Por outro lado, segundo Pierucci, se o objetivo único da religião for o controle social da reprodução e da sexualidade, como afirma Bryan Turner (1983), em seu livro intitulado *Religion and Social Theory, (Religião e Teoria Social)*, como na época atual “decrece a importância da família e do sistema de primogenitura para a acumulação e a reprodução do capital” não existem mais atrativos de recompensa para que o comportamento sexual se ajuste às normas da moral religiosa.

Para quê, então, ser religioso ou, pior ainda, ortodoxo em matéria de sexualidade, se isto significa deixar-se reprimir ou se podar sem ter mais por quê? O imperativo da restrição sexual em chave religiosa começa a não fazer sentido quando deixam de estar em jogo, no sexo, a reprodução da espécie e a transmissão da riqueza (PIERUCCI, 1997, p. 5).

Para Pierucci, se a religião for confinada ao domínio privado, principalmente no que concerne o uso dos prazeres, ela acabará perdendo todo seu domínio. E, por isso, encontra-se diante de uma radical secularização, com a necessidade de um reencantamento pelo mundo para “além do bem e do mal” com uma religião e uma sexualidade cada vez mais diversificadas, “ambas cada vez mais heterodoxas, ambas cada vez mais exóticas, ambas cada vez mais mercadoria” (p.5).

Contudo, Jean-Claude Guillebaud (2003), admite que o individualismo em detrimento a um sentimento comunitário nasceu desde os tempos de Cristo. Para ele, quando o indivíduo abraçava a Cristo, abandonando seus ídolos, ele escolhia a si mesmo como pessoa com sua consciência individual. Guillebaud (2003) afirma que “o lugar da decisão ética passa a ser o indivíduo e não mais a determinação comunitária, a lei da cidade ou a autoridade imperial” (p.235). Conforme Guillebaud,

⁶⁰ Weber, 1915 [1980], p. 255

para Paulo as únicas restrições ao “dom da liberdade” citadas nas Escrituras seriam “a liberdade do outro a obediência voluntária aos poderes e a edificação da comunidade”. Paulo afirma que “nem tudo útil e nem tudo edifica, quanto ao resto, à liberdade se torna a regra, e a lei, a exceção” (p.235). Porém, com a Revolução Industrial, o espírito burguês e a sensibilidade vitoriana imporão uma interpretação da História “como um progresso moral a cargo, e em benefício, de cada um” (p.238).

Ele declara que essa passagem de um contato com Deus através de um intermediário que era a igreja, para uma comunhão sem a necessidade de mediação, provém da Reforma, pois a partir dela tanto a crença quanto a obediência religiosa mudaram de significação: “agora ela pede, ao contrário, o ato de fé de uma consciência autônoma” (p.239). Se a Reforma, por sua vez, requeria um sujeito com consciência autônoma, ela também se responsabilizou em impor medo aos seus adeptos ao não cumprir os mandamentos e normas dos líderes, através do anúncio do fim do mundo, constantemente reforçado por Lutero, Calvino e seus seguidores.

O medo do Juízo Final permeou os círculos cristãos desde os séculos XV e XVI em diante. Jean Delumeau (2009) aponta como fator de medo entre os sujeitos religiosos diante do tema Juízo Final e os desastres que o precederiam, o ensino de uma teologia de um Deus terrível e que foi reforçada pelas “desgraças em cadeia que se abateram sobre o Ocidente a partir da peste negra. A ideia de que a divindade pune os homens culpados é sem dúvida tão velha quanto à civilização. Mas está particularmente presente no discurso religioso do Antigo Testamento” (p. 335).

Existe uma proximidade preocupante entre essas posturas e o discurso tanto de Kemp (2001) como de Cavalcanti (1990), quando utilizam o medo e as ameaças àqueles que desobedecerem as regras da ética sexual explanada por eles. Assim como nos séculos XV e XVI, os líderes religiosos apresentavam os acontecimentos trágicos, conectando-os aos textos sagrados do Antigo Testamento, para correlacionar a transgressão com o castigo divino, ainda neste mundo, Kemp e Cavalcanti se valem das mesmas ferramentas para validar o seu discurso sobre sexualidade.

Já Calvani admite que os atos sexuais pertençam à vida privada do indivíduo e que se houver um mútuo acordo entre os cônjuges, “ninguém tem nada a ver com isso e tais preferências sexuais não devem prejudicar em nada nossa vida profissional ou nosso ministério” (p. 275). Neste caso, Calvani reconhece o processo

de secularização e a diferença entre o privativo e o público, dando liberdade aos seus adeptos de escolherem seus valores éticos autonomamente e sem a repressão religiosa.

Embora em seu discurso, Calvani afirme não ser um estudioso sobre sexualidade, levanta algumas questões para que os ouvintes e leitores arrazoem entre si: Primeiro, ele insta a igreja protestante brasileira a repensar e combater “a associação imediata que sempre se faz entre sexo e pecado” (p.279). Segundo, que se considere o termo “cultura”, para que a igreja consiga desenvolver uma ética sexual cristã que ajude as pessoas a vivenciarem sua sexualidade de “forma madura e responsável, respeitando a dignidade de outros seres humanos” (p.280).

Para Calvani (2010), seria muito mais importante que os líderes protestantes se preocupassem com assuntos mais profundos tais como pedofilia, o estupro, o uso de poder político e financeiro para assédio sexual a seus subordinados e subordinadas, do que com o modo que a maneira das outras pessoas fazerem amor. (p.280). Ele questiona o motivo de um moralismo que desloca sua ênfase para questões superficiais de comportamento sexual e deixa outras intocadas.

Vergote (1982) considera incompreensíveis as leis da autoridade eclesiástica para os que entendem como a vida sexual pode enriquecer os horizontes da existência e ser objeto de afirmação do amor, e os resultados desastrosos de perturbá-la. Ele admite que o moralismo repressivo é a mais grave negação do humano e faz com que a Igreja tenha seu discurso sob suspeita por ignorar a realidade humana e a cultura onde se encontra inserida. Claro que não se podem invalidar aqueles que decidem renunciar à sua sexualidade para servir somente a Deus, mas este tipo de modalidade não deve ser imposto como ideal e seria humana e religiosamente falsa se apresentada como o modelo ideal. Vergote afirma:

Nenhum dualismo mundo-Deus é compatível com a fé da encarnação. A fuga do mundo pode ser um caminho indicado para alguns. Conciliar o mundo e Deus é uma tarefa difícil para qualquer cristão. Mas, preconizar a fuga do mundo como a verdade cristã, como fazia outrora a espiritualidade dominante, é reintroduzir a linha que divide o humano e Deus, enquanto a revelação de Jesus os faz unir-se (1982, p. 38).

3.2 CALVANI E CAVALCANTI: MESMA DENOMINAÇÃO, DIFERENTES COSMOVISÕES

Calvani (2010) entra em um debate com Cavalcanti (1990) no ano de 2011 por causa das declarações do último sobre homossexualidade, e, em última análise sobre sexualidade. Calvani considera Cavalcanti um maniqueísta em muitos de seus discursos, principalmente no que concerne a homossexualidade. No seu artigo *Deus e o Diabo na Terra do Frevo - O Maniqueísmo Retórico de Dom Robinson Cavalcanti*, Calvani expõe algumas argumentações de Cavalcanti em seus artigos e livros sobre sexualidade, como incoerentes e contraditórias. Ele argumenta que Cavalcanti se utiliza de pesos e medidas diferentes na utilização de discursos extraídos da bíblia, antropologia e psicologia. Calvani afirma que Cavalcanti se utiliza de uma estratégia retórica maniqueísta quando polariza as posições atribuindo valor positivo a um lado e valor negativo a outro, qualificando o pólo positivo com Deus, a Verdade, o Bem, o Dogma, a Vida, etc. e o negativo ao mal, Satanás, hipocrisia, engano, mentira e a morte.

Essa argumentação, além de maniqueísta, indica a reconciliação de Dom Robinson Cavalcanti com atitudes fundamentalistas (que diferem do fundamentalismo teológico apenas naquilo que for conveniente) preservadas desde os tempos da ABU e Fraternidade Teológica, agora na forma de “neo-fundamentalismo” (CALVANI, 2003).

As questões levantadas por Calvani revelam que a abordagem de Cavalcanti não se restringe somente à homossexualidade. Alguns recursos empregados por Cavalcanti para impor normas no comportamento sexual dos evangélicos, não passam de um esforço para preservar a hegemonia de um discurso sobre a cosmovisão da sexualidade. Contudo, tal tentativa encerra em seu bojo várias incongruências, dentre as quais destacaremos algumas.

3.2.1 Dogmas Autoritários: Tradição versus Experiência dos Fiéis; Utilização de Outros Discursos de Outras Instituições ou Ciências Sociais

Calvani (2010) demonstra que Cavalcanti (1990) no passado se mostrou ousado diante do “moralismo imperante nos círculos evangélicos brasileiros”, como por exemplo, no artigo “*Enfrentando os Desafios*” (1984), Robinson Cavalcanti defende que a ética precisa ser refletida, não podendo ser levada como um “conjunto de dogmas autoritariamente impostos” e defende a interpretação da Tradição, subordinada às Escrituras, de acordo com a vivência contextual, a experiência dos fiéis, histórica e universal. Ou seja, a forma como aconteceu no passado, não necessariamente deve ser interpretada e vivida nos dias atuais, exatamente como antes.⁶¹

Segundo Calvani, o conceito de Tradição dado por Cavalcanti é apresentado “de modo dinâmico, e não normativo”. Porém, atualmente Cavalcanti demonstra ter mudado de opinião quando argumenta sobre sexualidade apelando à normatividade da “Tradição”.

No mesmo artigo, o autor desafia os leitores à construção de uma Teologia da Sexualidade que nos leve “a enfatizar a riqueza e a amplitude do tema e a necessidade do uso dessas ferramentas auxiliares, que concorram para uma diversificada criatividade, quebrando a rigidez da tradição estática, generalizante e normativista” (p. 19). Ou seja, abre-se o diálogo para a utilização da antropologia, da história, da psicologia, da sociologia e outras ciências como auxiliares na interpretação dos condicionamentos da Tradição (CALVANI, 2010, p.3).

Calvani continua mostrando contradições, ou mudanças nos discursos de Cavalcanti, quando, por exemplo, o último afirmava que haveria empobrecimento no ensino da Bíblia se os fiéis interpretassem os textos bíblicos na sua literalidade, e conclamava aos teólogos a terem consciência de sua limitação e da “provisoriedade nos posicionamentos” (p.19). Calvani chama a atenção para o uso da palavra “princípios” por Cavalcanti, quando se referia a “princípios éticos”, pois este termo

⁶¹ Artigo *Enfrentando os Desafios* publicado pelo **Jornal Contexto Pastoral** n.19 (Marco/abril de 1984) . Suplemento Debate, p.17-23

não teria o mesmo peso de “normas”, “leis” ou “absolutos”.⁶² “Há princípios permanentes, revelados e de validade universal” (p.19) (CALVANI, 2011, p. 3).

De acordo com Calvani, quando Cavalcanti defendeu relações pré-matrimoniais, alguns círculos evangélicos moralistas o ostracizaram. Contudo, ele reafirma sua posição em um artigo (*Sexualidade, o Prazer que Liberta*, na Revista Inclusividade 2, CEA, 2002).

Outro trecho curioso de *Libertação e sexualidade* é quando o autor defende as relações sexuais pré-cerimoniais, citando “um pesquisador” (sem identificá-lo nas notas ou referências). No contexto da argumentação, a citação indica que o autor concorda com o que está sendo citado: “Há indivíduos conformados ao matrimônio não por satisfação sexual, mas por inibição moralista... querem enfiar toda a humanidade na sua própria camisa-de-força por serem incapazes de tolerar nos outros a sexualidade natural. Isso os aborrece e os enche de inveja porque eles próprios gostariam de viver assim e não conseguem” (p. 70) (CAVALCANTI, 2003, p.3).

Citando trechos do livro de Cavalcanti *Libertação e Sexualidade* (1990), Calvani ressalta que Robinson Cavalcanti atacava o fundamentalismo por ler os textos literalmente, negando os condicionamentos culturais, e se queixa de que Cavalcanti escolhe alguns textos a serem interpretados de forma literal e outros não, deixando o leitor sem critérios hermenêuticos para ajudá-los na escolha de quais textos devam ser compreendidos literalmente. Calvani também estranha o fato da postura rígida de Cavalcanti em algumas questões da sexualidade, e ao mesmo tempo fazer uma apologia à poligamia, “como alternativa histórica”, afirmando que “a poligamia pode ser mais cristã do que o divórcio (p.92)”. Assim afirma Cavalcanti no artigo mencionado por Calvani:

A clandestinidade, contudo, pode se constituir, muitas vezes, no único caminho possível para os pioneiros, os inovadores e os dissidentes, diante da rigidez da repressão e do desrespeito à privacidade de parte dos sistemas, inclusive os religiosos. O preço da busca da felicidade e da sanidade e da democratização da libido que transforma a História podem requerer, em nossos dias, a silenciosa via das catacumbas (p.9) (CALVANI, 2010, p.5).

⁶² Como o faziam os Puritanos e o fazem os autores evangélicos de viés Puritano atualmente.

Contudo, observa-se um grande salto nos conceitos de Cavalcanti desde seu primeiro livro *Uma Bênção Chamada Sexo*, em 2005, quando ele explica que a repressão sexual se instalou gradativamente para combater o hedonismo que dominava os costumes brasileiros. Ele acusa a teologia Católica Romana de incutir culpa nos brasileiros desde o início da colonização (índios, negros e escravos) associando pecado e ato sexual, corpo e imoralidade. Na época em que seu primeiro livro sobre sexualidade foi escrito (1975), Cavalcanti já antecipava um problema de liberalidade, muita informação sexual e uma falta de visão adequada da sexualidade e suas práticas (p.27).

Na introdução do seu livro *Libertação e Sexualidade* (1990), Cavalcanti parece que destoará de Kemp e Paulo César e Claudete Brito em seus discursos, pois no seu início ataca a moralidade saxã como acompanhada de um sexo em roupagem pagã e de ter um moralismo defensor de uma ética pela ética, vendo a Bíblia como injustiçada com ensinamentos que inibiam, reprimiam, suscitavam culpa e angústia, engordando assim “as contas bancárias de psiquiatras” (p.11). Embora Cavalcanti pareça questionar a moralidade repressiva em vários capítulos, acaba caindo na mesma categoria de Kemp e Brito e Brito na insistência à castidade, abstinência sexual até o casamento, regras no relacionamento sexual dentro dos laços conjugais e ameaças veladas de um Deus temível e punitivo à desobediência aos preceitos estabelecidos pelos autores.

Por isso, em sua carta aberta a Cavalcanti, Calvani questiona o porquê da mudança de opinião e expressões escritas de Robinson Cavalcanti nos últimos tempos:

 Ou ele mudou muito (e nesse caso, o tucanismo “esqueçam o que escrevi” é apropriado) ou ele utiliza pesos e medidas diferentes, de acordo com conveniências não de ordem intelectual, mas de ordem política (CALVANI, 2003, p.5).

Quanto aos discursos de líderes religiosos em geral, Calvani declara acreditar que as igrejas “ainda padecem de um tipo de maldição hereditária na área da sexualidade” (p.284). Segundo ele, o modelo tradicional de sexualidade ensinado nas igrejas decorreu da tradição católica romana e “encontrou no puritanismo protestante um forte aliado” (p.284).

Segundo Marciano Vidal (1975), teólogo da moral católico, não se pode negar a existência de conflitos que a sexualidade tem trazido dentro do cristianismo, e “mais concretamente na vida oficial da Igreja Católica” (p.65). Ele admoesta para a necessidade do cristianismo responder aos que o acusam de enxergar a sexualidade negativamente. Ele admite que é impossível ao cristão departamentalizar sua sexualidade da espiritualidade, citando Feuerbach:

O cristão se compreende em sua subjetividade transcendente e sobrenatural como um ser perfeito por si mesmo. Mas esta intuição é contrária ao instinto sexual; está em contradição com seu ideal, com sua essência suprema; o cristão deve, pois, reprimir este impulso [...] efetivamente a vida verdadeira e sem pecado é a celestial (apud VIDAL, 1975, p. 66).

Ao questionar o moralismo repressivo da igreja protestante quanto à abstinência sexual, Calvani questiona se o fato de tantos jovens saírem da igreja não seria justamente esta impossibilidade do discurso de “converter” os hormônios dos jovens, embora consigam atingir a sua consciência. (p.284). Contudo, não são somente os jovens que sofrem com a impotência de conseguir conciliar o padrão regulador e proibitivo imposto pelo discurso oficial das igrejas, as pessoas adultas solteiras, divorciadas ou viúvas, também são obrigadas a conviver com os discursos religiosos normativos e viver “sua sexualidade de modo marginal, às escondidas, pois ser solteiro/a e ter uma vida sexual ativa, não seria um padrão aceitável à maior parte das igrejas.” Ele considera essa ética “perversa e desumana” (p.284).

Vidal (1975) acredita que deve haver uma reconciliação do cristão com a sexualidade, e para isso, torna-se necessário admitir uma compreensão personalista da sexualidade, oferecida pelas ciências antropológicas. Para Vidal, a dimensão fundamental da sexualidade se resume no ser humano, e a sexualidade encerra um mistério de vida e morte, portanto, é a sexualidade que encerra tudo em todos, que impele o indivíduo a se lançar para fora de si mesmo e partir ao encontro do outro.

A saída biológica do seio materno e a abertura psicológica na época da adolescência são dois momentos típicos em que o indivíduo se lança à aventura de conhecer um mundo – tangível e psicológico – diferente do seu. [...] A sexualidade significa a existência. [...] A

sexualidade é, pois um sinal privilegiado da existência (VIDAL, 1975, p.72).

Vidal reconhece a sexualidade como uma linguagem de comunicação entre pessoas em sua mais profunda dimensão de intersubjetividade, declarando que o ser humano não se satisfaz somente na relação “eu-tu”, mas necessita do surgimento do “nós” “que por sua vez se abrirá ao “vós” para formar a grande família humana” (p.72).

Tanto Vidal, quanto Calvani concebem a vida na sexualidade. De acordo com Vidal (1978), a sexualidade é a festa da vida e sua vivência em êxtase e paroxismo se constitui a alegria de viver. Para ele, o ser humano só vivencia o triunfo da vida quando toma consciência na sexualidade e nela se expressa na sexualidade (p.182). Contudo, a sexualidade também se constitui em expressão da própria morte, pois o indivíduo não consegue vivenciá-la sozinho. Por isso, segundo Vidal, o homem vivencia na sexualidade o seu próprio mistério. Citando M. Oraison, ele admite: “Estranha sexualidade esta, que é a encruzilhada existencial da consciência de si mesmo em relação aos outros, do ser e do tempo, da vida e da morte.” (ORAISON, 1966, p.50).

Observamos então, que os discursos analisados se encontram e desencontram numa dança harmoniosa. Enquanto Kemp (2001) e Robinson Cavalcanti (1990) basicamente trazem o mesmo discurso em todas as esferas da sexualidade mencionada por eles, Robinson Cavalcanti e Brito e Brito (1996) se intersectam nos limites impostos a certas práticas sexuais no leito conjugal. Os quatro elaboram discursos debaixo da herança Puritana protestante. Calvani (2010) consegue diferenciar seu discurso, desafiando a ética sexual protestante a rever sua posição repressiva e enxergar a sexualidade como vida e um poder vital para a felicidade do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem se levantado a tese de que o cristianismo encerra uma visão pessimista negativa da sexualidade e que difere da uma cosmovisão otimista da sexualidade de outras religiões ou da Antiguidade. No primeiro capítulo, ao estudar a história do cristianismo correlacionado com a sexualidade, conseguimos detectar que muito do que se produziu sobre sexualidade não se baseava na Bíblia. As regras sobre a sexualidade se originaram em larga escala do sincretismo pagão do II século d.C. quando médicos, filósofos e imperadores apregoavam ascetismo. Objetivavam preservar o espírito das corrupções da carne. O dualismo helênico, o platonismo, o maniqueísmo, o encratismo e o neoplatonismo dividiam corpo-alma; conceitos incorporados pelos cristãos e pelos primeiros pais da Igreja e introduzidos ao ideal de cristão nos primeiros séculos depois de Cristo.

Em Agostinho (século IV d.C.), uma das influências mais marcantes na teologia cristã sobre sexualidade, o gnosticismo trouxe uma concepção dualista colocando o sexo em uma posição de mal, por se relacionar ao corpo. Em Agostinho o sexo passou a ser correlacionado com a queda, o mal, o pecado e a depravação do ser humano. A salvação espiritual somente poderia ser alcançada negando desejos e renunciando aos prazeres. Após Agostinho, outros pais da Igreja alimentaram a mesma ideia, inclusive alguns chegaram ao extremo de propor a castração para não se entregarem às tentações da carne.

Tomás de Aquino, no século XIII, escreveu em contraponto a Agostinho. Enquanto este último construía seus conceitos influenciados pelas ideias platônicas, baseado em Aristóteles, Tomás de Aquino advogava o livre arbítrio e a união de corpo e espírito, sem a qual o ser humano não poderia existir, levantando grande polêmica às ideias já sedimentadas no imaginário cristão. No que concerne à sexualidade, Aquino corrobora com Agostinho na ideia de pecaminosidade, mas introduz o casamento não somente como um mal necessário, e sim uma união de um ser com outro em uma harmonia desejada por Deus, com a finalidade da procriação.

A Reforma Protestante com Martinho Lutero e João Calvino trouxe um elemento diferente no objetivo da sexualidade: o prazer, que agora será possível

dentro do casamento monogâmico e heterossexual. Enquanto na teologia católica romana o sexo deveria se restringir aos laços matrimoniais com a função última de procriar, no meio protestante a relação sexual entre o casal ganhou mais uma finalidade: a de desfrutar o prazer, porém com moderação. No século XVI, o movimento Puritano na Inglaterra, de confissão calvinista e de rejeição à Igreja Católica e Anglicana, reiterou o rigor moral e de comportamento humano. Para fugir da perseguição, os puritanos mudaram-se para os Estados Unidos da América, em busca de maior liberdade religiosa. A moderação, a constância, o autocontrole faziam parte de seu discurso.

Os Puritanos apregoavam a leitura da Bíblia em sua literalidade, isto é, os versículos seriam interpretados exatamente da maneira que se mostravam. Com a certeza na inerrância das Escrituras, e na divisão corpo e alma, propuseram que o corpo devia se submeter a uma rígida disciplina. O elemento inovador sobre a sexualidade do puritanismo veio com a percepção de que o casamento e a família precisavam ser exaltados, cabendo ao cidadão bem sucedido constituir família. Dentro do relacionamento matrimonial o cuidado com a esposa, a boa relação sexual e o prazer também eram exaltados. Aliás, o puritanismo se preocupava em mostrar aos católicos que o casamento suplantava o ascetismo celibatário.

No primeiro capítulo vimos que o cristianismo não incorporou o puritanismo como um elemento seu, mas todo um conceito que se incorporou da cultura helênica anti-corporal calvinista, que por sua vez herdara de Agostinho seus conceitos, principalmente no que concerne à queda do homem e a introdução do “pecado” e a perversão da sexualidade. Uma das grandes contribuições do Calvinismo seria formar o indivíduo com uma forte consciência cidadã, levando-o a não somente se submeter à lei do seu país como às leis morais, enfatizando que benção ou maldição divina se condiciona à obediência de suas leis morais.

No capítulo dois estudamos os variados conceitos de discurso, entendendo que detectamos um forte predomínio do ideal de ser humano do puritanismo nos discursos de Jaime Kemp (Norte- americano), Robinson Cavalcanti, Paulo César e Claudete Brito, todos com raízes presbiterianas. O benefício de uma vida harmoniosa e feliz como decorrência da submissão aos mandamentos divinos, encontra-se imbricado nos discursos de Kemp, Cavalcanti, e Paulo César e Claudete Brito, o que se constitui um dos mecanismos que impulsionam o sucesso da ideologia: regras impostas que trazem em seu bojo bênçãos para moldarem o

indivíduo às suas formas. Estas promessas estimulavam o sujeito religioso a não somente seguir os princípios ensinados, como a incentivar seu próximo a fazer o mesmo, para que sua nação, seu Estado, sua comunidade, também fossem beneficiados.

Esta ideia da bênção de Deus se condicionar às obediências às leis morais de Deus faz com que alguns pastores imaginem que o indivíduo e a sua nação sofrerão as sanções de Deus ao desobedecerem a leis morais. Robinson Cavalcanti manifestou-se indignado com o país ao afirmar que o Brasil havia “legalizado a imoralidade”, quando o Supremo Tribunal Federal brasileiro aprovou a união civil dos homossexuais. Embora a Reforma Protestante tenha lutado para trazer uma separação entre laicato e clero, Estado e Igreja, segmentos da igreja evangélica brasileira ainda mostram em seu discurso as relações de poder entre o clero e o laicato, e o intento de interferir nas decisões do Estado.

Nos discursos analisados verificou-se a relação de poder pastoral validado na citação das Escrituras e na autoridade divina. Em seus discursos, Robinson Cavalcanti e Jaime Kemp lançam ameaças de punições divinas, enquanto que o casal Brito utiliza o medo da punição da natureza, porém todos instalam o medo e culpa nos fieis (leitores ou ouvintes). Seus enunciados repetem uma moral essencialista empregando o argumento da Tradição e da “Natureza” para ditar regras sobre as práticas sexuais dos adeptos. Calvani, entretanto, considera absurdo tal recurso. Ele representa o discurso moral personalista que respeita a cultura, as ciências sociais e humanas, e consegue enxergar o indivíduo como um ser humano, com seus conflitos e imperfeições.

Jaime Kemp, Brito e Brito e Robinson Cavalcanti, produzem seus textos mais ou menos na mesma época, em contextos diferentes. Enquanto Jaime Kemp palestrava em grupos da tradição histórica protestante, Paulo César, Claudete Brito e Robinson Cavalcanti se contextualizavam em ambientes menos formais e mais abertos a mudanças nos discursos quanto à sexualidade. Embora Cavalcanti (1990), tenha dado um grande salto entre seu primeiro e segundo livro, expondo mais ousadamente sobre alguns enunciados já inseridos no imaginário protestante, parecendo ter aberto para o diálogo com a realidade contemporânea sem se distanciar da tradição cristã, possivelmente devido à posição de Bispo, não continuou a evoluir para novas formas de pensamento sobre a sexualidade; pelo contrário, retrocedeu em vários momentos, mesmo dentro do seu livro, em um jogo

de vai e vem, tentando encontrar respostas mais adequadas à realidade que lhe cercava. Notam-se semelhanças, interseções e diferenças nos discursos de Jaime Kemp, Paulo César, Claudete Brito e Robinson Cavalcanti, enquanto Calvani rompe com discurso dominante ousando trazer novos paradigmas de pensamento sobre sexualidade e espiritualidade.



Figura 1: SEMELHANÇAS E INTERSEÇÕES

No discurso sobre a sexualidade no casamento, o casal Brito e Robinson Cavalcanti se assemelham contra o sexo anal e sexo oral dentro do relacionamento conjugal, contudo no que concerne a monogamia. Tanto Jaime Kemp quanto Paulo

César e Claudete Brito postulam a monogamia, enquanto Robinson Cavalcanti advoga a poligamia em algumas circunstâncias.

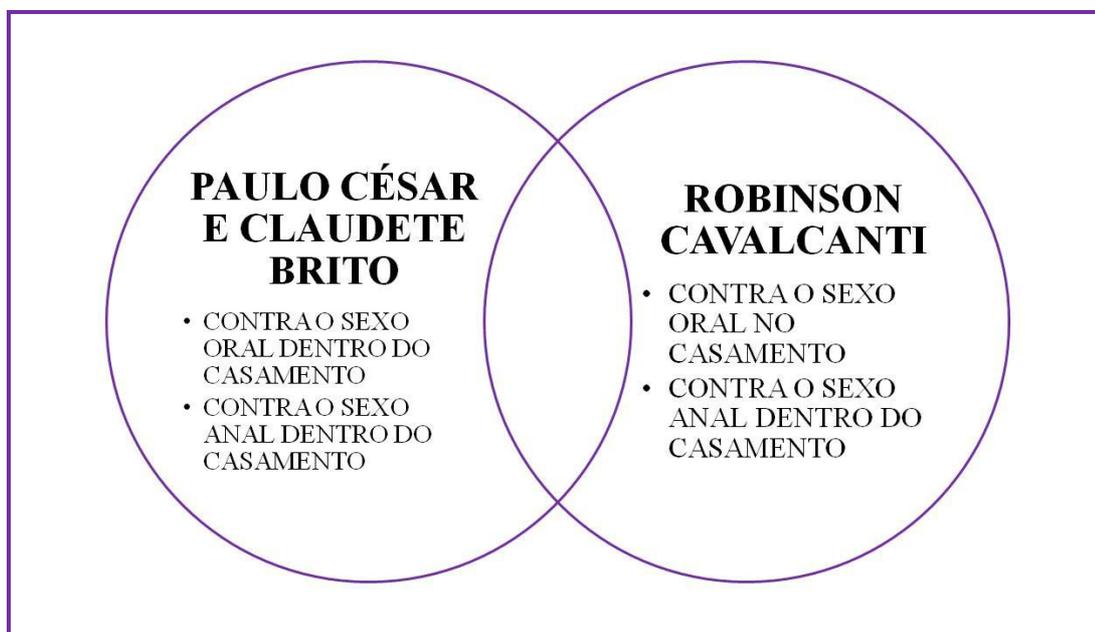


Figura 2: SEMELHANÇAS E INTERSEÇÕES

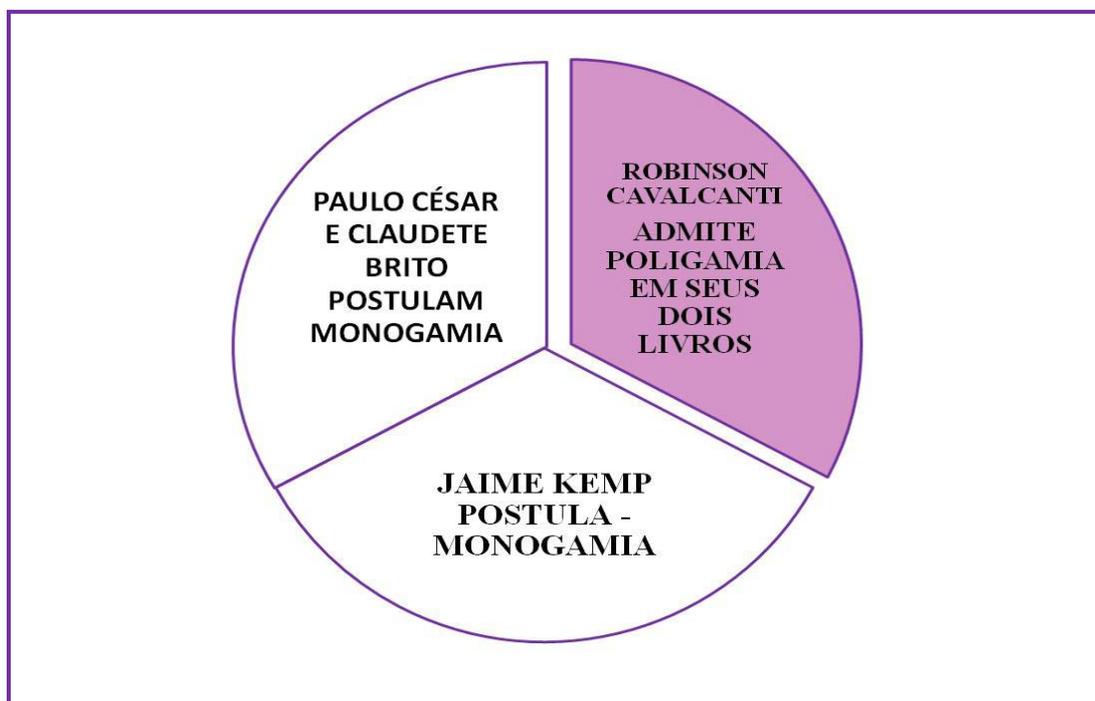


Figura 3: SEMELHANÇAS E INTERSEÇÕES

Sabe-se que a igreja protestante brasileira, em sua maioria, reprime a sexualidade através do silêncio. Ressalve-se que os autores analisados, pelo menos conseguiram abrir o diálogo sobre um tabu estabelecido entre os protestantes brasileiros. Kemp (2001) não conseguiu fugir do discurso puritano de moderação, resistência à tentação, casamento entre jovens da mesma religião, abstinência, castidade e pureza, baseado na Tradição e Natureza, sem trazer inovações no senso comum das igrejas evangélicas.

Calvani (2010) representa uma voz dissonante no meio evangélico e que ganharia mais vigor caso a doutrina protestante vigente consiga conversar com teólogos morais católicos da linha personalista. A possibilidade de dialogar com diferentes, como o exemplo de René Padilla, que interagiu com a Teologia da Libertação, e produziu o conceito de Missão Integral entre protestantes.

A presente pesquisa abriu novos desafios. Necessita-se discutir a sexualidade interligada com a psicologia, a antropologia e as ciências sociais para que se possa avançar o tema entre jovens e o ser humano em geral. Sem as amarras de enunciados já instaurados no senso comum no meio evangélico, que se perca o medo de interagir com a realidade contemporânea. Precisa-se reconstruir o discurso da sexualidade para os dias atuais, rompendo com o puritanismo ocidental, com os conceitos de Tradição e Natureza, sem a biologização ou a redução da sexualidade à genitalidade para que se compreenda que a dimensão fundamental da sexualidade é o ser humano. Através dela o indivíduo encontra o outro e sua intersubjetividade. O cristianismo pode e deve adquirir uma cosmovisão da sexualidade integrada da dimensão humana para recuperar o valor cristão do corpo e da sexualidade.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. **Revista e atualizada no Brasil**. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. , em letras Grandes. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

AGOSTINHO. **A virgindade consagrada**. São Paulo: São Leopoldo selecionadas. v. 5, Sinodal, 1995.

_____. **A cidade de Deus**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 14-15.

ARROJO, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino. São Paulo: Pontes Editores, 1992.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: literatura e história. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BALSWICK, Judith K; BALSWICK, Jack O. **Authentic human sexuality**: finding wholeness in a sexuality saturated society. Illinois: Inter Varsity Press, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós- Modernidade**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

BRITO, Paulo César; BRITO, Claudete. **Sexo: os limites do Prazer**. Rio de Janeiro: Vinde, 1996.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **Santo Agostinho: uma biografia**. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

CAHILL, Lisa Sowle. **Sex, gender, and Christian ethics**: New York, USA: Cambridge University Press, 1996.

CAVALCANTE, Ronaldo. **Espiritualidade Cristã na história: das origens até santo Agostinho**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CALVANI, Carlos Eduardo (org.). **Bíblia e sexualidade: abordagem Bíblica, teológica e pastoral**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

_____. Deus e o Diabo na Terra do Frevo - o maniqueísmo retórico de Dom Robinson Cavalcanti. **Correlatio**, vol. 2 n. 4, 2003. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/viewArticle/1796>> Acesso em: 20 de jun. 2011.

_____. **Homofobia-e-neonazismo**. Disponível em <<http://paroquiadainclusao.com/site/2011/05/22/homofobia-e-neonazismo/>> Acesso em: 12 jun. 2011.

_____. **Informações pessoais de sua trajetória religiosa**. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <cecalvani@hotmail.com> em 27 jun de 2011.

_____. **Nota-oficial-do-bispo-primaz-sobre-reconhecimento-da-uniao-homossexual-pelo**. Disponível em <

<http://paroquiadainclusao.com/site/2011/05/12/nota-oficial-do-bispo-primaz-sobre-reconhecimento-da-uniao-homossexual-pelo>> Acesso em: 12 jun. de 2011.

CAVALCANTI, Robinson. **Libertação e Sexualidade**: instinto, cultura e revelação. São Paulo: Temática, 1990.

_____. **Robinson Cavalcanti e a legalização da união homoafetiva**. Disponível em <<http://gracaplena.blogspot.com/2011/05/robinson-cavalcanti-e-legalizacao-da.html>> Acesso em: 12 jun. 2011.

_____. **Uma benção chamada sexo**. 9. ed. (internet). São Paulo: Editora ABU, 2005.

COSTA, Juez Aparecido. Orientador Jung Mo Sung. **Salvação e Comportamento Moral**. um estudo dos modelos de discurso teológico moral das igrejas Assembleia de Deus tradicional e Assembleia de Deus Betesda. 2004. 180 f. Dissertação apresentada com conclusão de curso, para obtenção do título de mestre. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CECCARELLI PR. Sexualidade e preconceito. **Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental**. III, 3, 2000, p. 18-37. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/sexualidade.htm>> Acesso em 26 jun. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des.) conhecida. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985.

CLEMENTE DA ALEXANDRIA. **The Stromata, or Miscellanies**. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James . Ante-nicene fathers. The writings of the fathers down to A.D. 325. Book II. v. 2, Massachusetts USA: Hendrickson Publishers, Inc, 1995, Capítulo XXIII, p. 378.

_____. **The Stromata, or Miscellanies**. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. Ante-nicene fathers. The writings of the fathers down to A.D.

325. Book II. v. 2, Massachusetts USA: Hendrickson Publishers, Inc. 1995, Capítulo XX, p. 373.

DeCarlo, Franco; SILVA, Marcelino. Currículo e Ensino: uma Dosagem do Prescritível. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 5, Nov.2005; 2006. Disponível em<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/resafe/numero001/dossier/comunicacoes/com002_francomarcelino.htm> Acesso em 15 de jun. 2011.

DELPRIORE, Mary. Pequena história de amor conjugal no Ocidente moderno. **Estudos da Religião**, Ano XXI, n. 33, p. 121-135, Jul/dez, 2007. Editora metodista Digital.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução Maria Lucia Machado. vol. I , São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

DOURLEY, John P. **A doença que somos nós**: a crítica de Jung ao cristianismo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1987.

DURAND, GUY. **Sexualidade e fé**: síntese de teologia moral. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EDWARDS, Jonathan. **Pecadores nas mãos de um Deus Irado**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ELLIOTT, Emory. **O legado do puritanismo**. Divining América, TeacherServe. Centro Nacional de Ciências Humanas. Disponível em: <<http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/eighteen/ekeyinfo/legacy.htm>> Acesso em 24/02/2011.

FEUERSTEIN, Georg. **Sacred Sexuality**: the erotic spirit in the world's great religions. Rochester, USA: Publisher Inner Traditions, 2003.

FIGUEIREDO, Lilia Márcia de Souza. Escola e sexualidade: esta questão continua em pauta. **Caderno de Educação- UNIC-CPG**, vol. 6, n. 1, p. 119, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed., Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010.

_____. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 17. ed. São Paulo: Edições Graal Ltda. , 2006.

_____. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 13. ed. São Paulo: Edições Graal Ltda., 2010.

_____. **História da sexualidade 3**. O cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

_____. **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel et al. **O homem e o discurso**: A arqueologia de Michel Foucault . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo**: Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Tradução Lucia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GESCHÉ, Adolphe. **O mal**. São Paulo: Editora Paulinas, 2003. (coleção Deus para pensar 1).

GIAMI, Alain. A medicalização da sexualidade. Foucault e Lantéri-Laura: história da medicina ou história da sexualidade? **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n. 2, 2005. Scielo Brasil

GOMES Antonio Maspoli de Araújo. As Representações sociais do corpo e da sexualidade no Protestantismo brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 1, 2006, p. 1-38. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/t_gomes.htm>. Acesso em 15 de abr. 2011.

GONDIM, Ricardo. **É proibido: o que a Bíblia permite e a igreja proíbe**. 20. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

GOUVÊA, Ricardo Quadros (Org.). **O que eles estão falando da igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

GOLDBERG, B. Z. **The sacred fire: the story of sex in religion**. New York: Forgotten Books Editor, 2008.

GREELEY, Andrew Moran. **Sexual intimacy**. New York: Seabury Press, 1975.

_____. **Love and Play**. New York: Seabury Press, 1977.

GROSS, Eduardo. Hermenêutica e Religião a partir de Paul Ricoeur. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 34, mês e ano? Disponível em<
<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/viewFile/884/768>>
Acesso em 27 de jul. de 2011.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A reinvenção do mundo**: Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

HOBBS, Thomas. **Behemoth ou o Longo Parlamento**. Tradução de Eunice Ostrensky. Belo horizonte: UFMG, 2001.

KEANE, Philip S. **Sexual Morality: a Catholic Perspective**. Dublin: Gill and Macmillan Ltda., 1980.

KEMP, Jaime. **Antes de Dizer Sim: um guia para os noivos e seus conselheiros**. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

_____. **Eu Amo Você: Namoro, Noivado, Casamento e Sexo**. São Paulo: United Press, 2005.

LAGO, Wellington Bomfim. Orientador Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho. **A teologia da sexualidade em Robinson Cavalcanti**. 2004. 60 f. Trabalho de conclusão de curso, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em teologia - Escola Superior de Teologia Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

LEITES, Edmund. **A Consciência Puritana e sexualidade moderna**. Tradução Élide Valarani. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LORENZ, Konrad. **King Solomon's ring**. London: Routledge, 1962.

LUTERO, Martinho. **Sexualidade: Obras**. São Leopoldo: Concórdia Editora, 1995.

_____. **Ética - Fundamentos, Oração, Sexualidade**. v. 5, editora Sinodal, 1995.

MEEKS, Wayne A. **The origins of Christian Morality: the first two centuries**. London: Yale University Press, 1993.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Tradução: Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **O método- 6. Ética**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NELSON, James B.; LONGFELLOW, Sandra P. **Sexuality and the Sacred-Sources for theological reflection**. London: Westminster John Knox Press, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu**. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2003. p 182.

ORAISON, M. **Le Mystère humain de la sexualité**, Paris: Seuil, p.50, 1966.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Análise de discurso**. São Paulo: Editora Pontes, 2002.

_____. (Org.). **Palavra, fé, poder**. São Paulo: Pontes Editores, 1987.

PAGELS, Elaine. **Adão, Eva e a Serpente**. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 154p

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Reencantamento e dessecularização: A propósito do autoengano em sociologia da religião**. Disponível em<<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/11.htm>> Acesso em: 20 de jul. 2011.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a igreja Católica**. Tradução Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1996.

REICH, William. **A irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1932.

RIBEIRO, Renato Janine (org.). **Recordar Foucault: os textos do Colóquio Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RICOEUR, Paul. **Ensaio sobre a interpretação bíblica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

ROSA, Wanderley. **O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RUBIO, Alfonso Garcia. (org.) **O humano Integrado: Abordagens de Antropologia Teológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

RYKEN, Leland. **Santos no mundo: os puritanos como realmente eram**. São Paulo: Fiel da Missão Evangélica Literária, 1992.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Corporeidade e Gênero: Interrogações interdisciplinares à religião. **Theologando Revista Teológica**. São Paulo: Fonte editorial. Ano I, n. 1, 2007.

SANTOS, Naira Carla Di Giuseppe Pinheiro dos. Organisation sociale, pratiques sexuelles et religion: le cas des trois religions monothéistes. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, v. 38, n. 133, Jan./Apr., 2008. Scielo

SCHELSKY, Helmut. **Sociologia da Sexualidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1968.

SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1996.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER. **Corporeidade e teologia**. São Paulo. Paulinas, 2005.

SONENREICH, Carol; BASSITT, William. **Sexualidade e repressão sexual**. São Paulo: Editora Manole, 1980.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

TERTULIANO. **Marriage good: celibacy preferable**. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. Ante-nicene fathers. The writings of the fathers down to A.D. 325. Book I. v. 4, Massachusetts USA: Hendrickson Publishers, Inc. 1995. Capítulo III, p. 40.

TERTULIANO. **On the apparel of women**. In: ROBERTS, A.; DONALDSON. Ante-nicene fathers. The writings of the fathers down to A.D. 325. Book I. v. 4, Massachusetts USA: Hendrickson Publishers, Inc. 1995. Capítulo II, p. 14

THÉVÉNOT, Xavier. Cristianismo e Realização Sexual. **Concilium: Teologia fundamental**. Petrópolis: Editora Vozes, v. 5, n. 175, p. 78-88, 1982.

_____. Novas perspectivas em Moral Sexual. **Concilium**. v. 3, n. 193, p. 112-121, 1984.

THIELICKE, Helmut. **Theological Ethics**. Michigan: WM.B. Eerdmans Publishing Company, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Petrópolis: Vozes, 2010.

VERGOTE, Antoon. Quando o Cristianismo ignora o humano. **Concilium: Teologia fundamental**. Petrópolis: Editora Vozes, v. 5, n. 175, p. 28-35, 1982.

VEYNE, Paul. **Sur l'individu** by Paul Veyne. Paris: Editions du Seuil, 1982.

VIDAL, Marciano. **Caminhos para a ética cristã**. Tradução Antonio Silva. São Paulo: Editora Santuário, 1989.

_____. **Moral do amor e da sexualidade**. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

_____. **Novos caminhos da moral: da "crise moral" a "Moral crítica"**. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

_____. **Sexualidade e condição homossexual na moral cristã**. São Paulo: Editora Santuário, 2008.

_____. Sexualidade e Cristianismo: do conflito a reconciliação. **Concilium**, Petrópolis: Editora vozes, v.109, n. 9, 1975.

WATTS, Alan Wilson. **Nature, Man and Woman**. New York: Pantheon Books, 1958.

_____. **Behold the Spirit: a study in the necessity of mystical religion**. New York: Vintage Books, 1971.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994.

OBRAS CONSULTADAS

ABDO, Carmita Helena Najjar. **Descobrimento sexual do Brasil: para curiosos e estudiosos**. São Paulo: Summus, 2004.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999.

ANATRELLA, Toni. **O Sexo esquecido**. Tradução Paula Rosas. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.

BADIOU, Alain. **São Paulo a Fundação do Universalismo**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo. Boitempo, 2009.

BATAILLE, Georges. **Erotism: death and sensuality**. Califórnia: City Light Books, 1986.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BÍBLIA SAGRADA: **Nova Versão internacional**. [traduzido pela comissão de tradução da sociedade Bíblica internacional]. São Paulo: Editora Vida, 2001.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. Tradução Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

BRANDÃO, Gean Luiz P. **Joao Wesley e suas influências puritanas**. Universidade Metodista de São Paulo: novembro, 2005.

BROCK, Rita Nakashima. **Journeys by heart: a Christology of erotic power**. New York: Crossroad, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero. feminismo e subversão da identidade.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CABRAL, Dórica Menezes. Orientador Giancarlo Spizzirri. **Mitos e tabus na sexualidade após a reforma protestante.** Monografia do curso de Especialização em Sexualidade humana do departamento de psiquiatria da Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no mundo ocidental.** Campinas: Papyrus, 1995.

CARRARA, Sérgio. **Utopias sexuais modernas: uma experiência religiosa americana.** Etnográfica, v. IV (2), 2000, p. 355-368.

CHESTERTON, Gilberto Keith. **São Francisco de Assis. A espiritualidade da Paz e Tomás de Aquino. As complexidades da razão.** Rio de Janeiro: Editora Sinergia Ediouro, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** São Paulo: Edições Graal Ltda., 2004.

CROATTO, J. Severino. Religião e erotismo, quando o verbo se fez carne. **Revista de interpretação bíblica latino-americana.** Petrópolis: vozes & São Leopoldo: Sinodal, 2001.

DELUMEAU, Jean. **O Pecado e o Medo: a culpabilização no ocidente** (séculos 13-18). Tradução de Álvaro Lorencini. Vol. I, São Paulo: EDUSC, 2003.

DUSSEL, Enrique. **El dualismo de la cristiandad.** Disponível em < www.enriquedussel.org-obras/libro> Acesso em: 24 de mai. de 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELLISON, Marvin M.; THORSON SMITH, Silvia, (editors). **Body and soul: rethinking sexuality as justice-love**. 8. ed. Cleveland, Ohio: The Pilgrim Press, 2003.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GENOVESI, Vincent J. **Em busca do amor: moralidade Católica e sexualidade humana**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GIKOVATE, Flávio. **Sexo**. São Paulo: MG editors, 2010.

GIRARD, René. **A Violência e o sagrado**. Tradução Marta conceição Gambini. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2008.

GRENZ, Stanley. **A busca da moral: fundamentos da ética cristã**. Tradução Almiro Pisetta. São Paulo: Editora Vida Acadêmica, 2006.

HAMMAN, Adalbert G. **Os padres da Igreja**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

HEYWARD, Carter. **Touching our strength: the erotic as Power and the love of God**. San Francisco: Harper&Row, 1989.

KEELING, Michael. **Fundamentos da Ética Cristã**. São Paulo: ASTE, 2002.

KWEE, Alex W; HOOVER David C. Theologically-informed education about masturbation: a male sexual health perspective. **Journal of Psychology and Theology**, December 22, 2008, p.10-16.

LINZ, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

MANTEGA, Guido. (coord.) **Sexo e Poder**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

MARCELO, Fontes. **A IPB e sua teologia – calvinista, puritana, fundamentalista? Reflexões a partir da tradição reformada sobre eclesiologia e cultura no contexto brasileiro**. Dissertação de mestrado do instituto ecumênico de pós-graduação em Ciências da religião, mestrado em teologia. São Leopoldo: março, 2004.

MARTIN, James. Um diálogo com a perspectiva feminista de Patricia Beattie Jung. **FTB-Via Teológica**, v. 1 n. 13. Junho, 2006.

MCCULLOUGH, Michael E. et al, (2000) apud: YARHOUSE Mark A. Constructive relationships between religion and the scientific study of sexuality. **Journal of psychology and Christianity**, v. 24. n. 1, 2005, p. 29-35.

MOORE, Thomas. **A alma do Sexo: cultivando a vida como ato de amor**. Tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

NASCIMENTO, Renan Custódio do. Noções conceituais da sexualidade humana, num recorte foucaultiano. Artigo consultado do site Publicações acadêmicas UniCEUB **Revista Universitas Ciências da Saúde**, v. 3, n. 1, 2004.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. A mulher e o monoteísmo. **Revista de Psicanálise Pulsional**, Artigos, ano XVII, n. 178, p.15, junho, 2004. Disponível em:< <http://pulsional.com.br/rev/178/2.pdf>>. Acessado em 14 abr. 2011.

OWEN, John. **A tentação: a mortificação do pecado**. São Paulo: Publicações Seleccionadas, 2000.

PAULA, Fernando. J. Felipe de. Estudos do perfil da sexualidade entre adolescentes de Londrina. RBM. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 61, n. 7, Julho, 2004.

PORTUGAL, Ana Maria (org.) et al. **Destinos da Sexualidade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

REICH, Wilhelm. **A revolução sexual**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1974.

REID, W. Stanford. **John Calvin: His influence in the western world**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1982.

REJÓN, Francisco Moreno. **Desafios à Teologia Moral na America Latina**. São Paulo: Paulinas, 1990.

SCHOTT, Robin. **Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1996.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: universidade Metodista de São Paulo, 2006.

TAMEZ, Elza. Religião e erotismo, quando o verbo se faz carne. **Revista de interpretação bíblica latino americana**. Petrópolis: Vozes & São Leopoldo: Sinodal, 2001.

TANNAHILL, Reay. **Sex in history**. New York: Stein and Day, 1980.

TAYLOR, Gordon Rattray. **Sex in history**. New York: Vanguard, 1954.

THERBORN, Göran. **Sexo e Poder: a família no mundo -1900-2000**. São Paulo: Editor Contexto, 2006.

TREVOR-ROPER, Hugh Redwald. **Religião, reforma e transformação social**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**. Ed. Ática, 1992.

_____. **História e sexualidade no Brasil**. (Org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **Trópico dos Pecados: Moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

WATKINS, Owen C. **The puritan experience**. London: Routledge & Kegan Paul, 1972.

YARHOUSE, Mark A. Constructive relationships between religion and the scientific study of sexuality. **Journal of psychology and Christianity**, v. 24. n. 1, p. 29-35, 2005.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS**. São Paulo: Agora, 2004.